

MATEUS

Introdução

Esboço

Capítulo 1	Capítulo 8	Capítulo 15	Capítulo 22
Capítulo 2	Capítulo 9	Capítulo 16	Capítulo 23
Capítulo 3	Capítulo 10	Capítulo 17	Capítulo 24
Capítulo 4	Capítulo 11	Capítulo 18	Capítulo 25
Capítulo 5	Capítulo 12	Capítulo 19	Capítulo 26
Capítulo 6	Capítulo 13	Capítulo 20	Capítulo 27
Capítulo 7	Capítulo 14	Capítulo 21	Capítulo 28

INTRODUÇÃO

O autor. Abundante testemunho histórico atribui este Evangelho a Mateus, o publicano, também chamado Levi por Marcos e Lucas. Dúvidas recentes quanto à autoria de Mateus são o produto de hipóteses levantadas para explicação do Problema Sinótico. Mas essas hipóteses não podem alterar o testemunho da igreja primitiva, cujos escritores citaram este Evangelho com mais freqüência do que qualquer outro. Considerando que Mateus não era particularmente destacado entre os Doze, e não havendo uma tendência especial para se exigir autoria apostólica dos Sinóticos (isto é, Marcos e Lucas), não existe nenhuma razão a priori para se lhe conferir a autoria do Evangelho se ele realmente não tivesse escrito.

Na qualidade de ex-cobrador de impostos, Mateus estava bem qualificado para produzir tal evangelho. Seu conhecimento comercial de taquigrafia capacitou-o a registrar totalmente os discursos de Jesus. Sua familiaridade com os números reflete-se na sua freqüente menção de dinheiro, seu interesse em grandes quantias (Mt. 18:24; 25:15), e a sua preocupação com estatísticas em geral (1:17 por exemplo).

Redação e Data. A grande frequência de citações e alusões feitas a Mateus encontradas na Didaquê e nas Epístolas de Barnabé, Inácio, Justino Mártir e em outros escritos prova sua antiguidade e seu uso muito difundido. As conexões literárias deste Evangelho devem ser consideradas no que se relacionam aos outros Sinóticos, e também à luz da declaração de Papias que "Mateus escreveu as palavras no dialeto hebreu, e cada um interpretou como pôde" (Eusébio, *História Eclesiástica* 3.39). Muitos explicaram a declaração de Papias, dizendo que se referia a uma forma original do aramaico do qual se traduziu o nosso Evangelho Grego. Mas o nosso texto grego não tem as marcas de uma tradução, e a ausência de qualquer traço de um original aramaico lança pesadas dúvidas sobre tal hipótese. Goodspeed argumenta detalhadamente que seria contrário à prática grega dar a uma tradução grega o nome do autor do original aramaico, pois os gregos apenas se preocupavam com aquele que passava a obra para o grego. Como exemplos ele cita o Evangelho de Marcos (ele não foi chamado de Evangelho de Pedro) e o Velho Testamento Grego, que foi denominado Septuaginta (Os Setenta) segundo seus tradutores, não segundo seus autores hebreus (E. J. Goodspeed, *Matthew. Apostle and Evangelist*, pág. 105, 106). Assim, entende-se, segundo Papias, que Mateus registrou (taquigraficamente?) os discursos de Jesus em aramaico, e mais tarde recorreu às anotações quando redigiu seu Evangelho Grego. Ainda que seja certamente possível que Marcos fosse escrito primeiro, e que estivesse à disposição de Mateus, não houve nenhum uso servil desse Evangelho mais curto por parte de Mateus, e muitos têm argumentado pela completa independência desses dois livros.

A data do Evangelho de Mateus deve ser anterior a 70 A.D., pois não encontramos nele nenhuma indicação de que Jerusalém estivesse em ruínas (sendo claramente proféticas todas as predições de sua destruição). Passagens tais como 27:8 ("até ao dia de hoje") e 28:15 (idem) exigem um intervalo de certa duração, mas quinze ou vinte anos após a Ressurreição seriam suficientes.

Ênfase Especial. O estudo do seu conteúdo corrobora o testemunho de Irineu e Orígenes que declaram que Mateus foi escrito para os convertidos do judaísmo. Ele usa o Velho Testamento com mais frequência do que os outros (*Harmony of the Gospels* de Robertson faz uma lista de 93 citações em Mateus, 49 em Marcos, 80 em Lucas e 33 em João). Muita atenção foi dispensada para demonstrar que Jesus preencheu a profecia messiânica e foi, portanto, o Messias de Israel, que estabeleceria o reino prometido. Este Evangelho se distingue pelos discursos que Mateus registrou em toda a sua extensão, enfatizando os princípios, o alcance e os movimentos do reino messiânico (Mt. 5-7; 13; 24-25). Assim, os cristãos judeus (que eram aos milhares na igreja primitiva; Atos 2:41, 47; 4:4; 5:14, 28; 6:1,7) receberam uma explicação autorizada de que a fé em Jesus não envolvia o repúdio do Velho Testamento, mas era o próprio alvo para o qual a revelação do Velho Testamento apontava. É claro que as mesmas perguntas eram feitas pelos judeus convertidos na proporção de sua compreensão do Velho Testamento. E portanto o Evangelho de Mateus ocupa um lugar de destaque dentro do pensamento cristão que chega a justificar a sua posição de primeiro Evangelho em nosso Novo Testamento.

ESBOÇO

- I. O nascimento e infância de Jesus Cristo. 1:1 – 2:23.
 - A. Genealogia de Cristo. 1:1-17.
 - B. Nascimento de Cristo. 1:18-25.
 - C. Visita dos Magos. 2:1-12.
 - D. Fuga para o Egito e o massacre das crianças. 2:13-18.
 - E. Residência em Nazaré. 2:19-23.
- II. Começo do ministério de Jesus Cristo. 3:1 – 4:11.
 - A. O precursor de Cristo. 3:1-12.
 - B. Batismo de Cristo. 3:12-17.
 - C. Tentação de Cristo. 4: 1.11.
- III. O ministério de Jesus Cristo. 4:12 – 25:46.

- A. Na Galiléia. 4 : 12-18 : 35.
1. Residência estabelecida em Cafarnaum. 4:12-17.
 2. Chamada de quatro discípulos. 4:18-22.
 3. Visão geral do ministério galileu. 4:23-25.
 4. Sermão da Montanha. 5:1 - 7:29,
 5. Dez milagres e acontecimentos relacionados. 8:1 – 9:38.
 6. Missão dos Doze. 10:1-42.
 7. Resposta de Cristo a João e discurso relacionado. 11:1-30.
 8. Oposição dos fariseus. 12:1-50
 9. Uma série de parábolas sobre o Reino. 13:1-58.
 10. Retirada de Jesus após a decapitação de João. 14:1-36.
 11. Conflito com os fariseus por causa de tradição. 15:1-20.
 12. Retirada para a Fenícia e a cura da filha da mulher cananéia. 15:21-28.
 13. Volta ao Mar da Galiléia e realização de milagres. 15:29-38.
 14. Novo conflito com os fariseus e saduceus. 15:39 – 16:4.
 15. Retirada para a região de Cesaréia de Filipos. 16:5 – 17:23.
 16. Instrução dos Doze em Cafarnaum. 17:24 – 18:35.
- B. Na Peréia. 19:1 – 20:16.
1. Ensinamentos sobre o divórcio. 19:1-12.
 2. A bênção das criancinhas. 19:13-15.
 3. Entrevista com o moço rico. 19:16-30.
 4. Parábola dos trabalhadores na vinha. 20:1-16.
- C. Na Judéia. 20:17-34.
1. Outra profecia sobre a morte e ressurreição de Cristo. 20:17-19.
 2. Pedido ambicioso dos filhos de Zebedeu. 20:20-28.
 3. Cura de dois cegos. 20:29-34.
- D. Em Jerusalém. 21:1 – 25:46.
1. Entrada triunfal. 21:1-11.

2. Purificação do Templo. 21:12-17.
 3. Maldição da figueira estéril. 21:18-22.
 4. Objeções à autoridade de Jesus e sua resposta alegórica. 21:23 – 22:14.
 5. Jesus é interrogado por diversos grupos. 22:15-46.
 6. Jesus denuncia publicamente os fariseus. 23:1-39.
 7. Discurso no Monte das Oliveiras. 24:1 – 25:46.
- IV. A Paixão de Jesus Cristo. 26:1 – 27:66.
- A. Conspiração contra Jesus. 26:1-16
 - B. A refeição final. 26:17-30.
 - C. Profecia da negação de Pedro. 26:31-35.
 - D. Acontecimentos no Getsêmani. 26:36-56.
 - E. Acontecimentos nos tribunais judeus. 26:57 – 27:2.
 - F. Remorso de Judas. 27:3-10.
 - G. Acontecimentos nos tribunais romanos. 27:11-31.
 - H. A crucificação. 27:32-56.
 - I. Sepultamento. 27:57-66.
- V. A Ressurreição de Jesus Cristo. 28:1-20.
- A. Descobrimto da sepultura vazia. 28:1-8.
 - B. Aparecimento de Jesus. 28:9, 10.
 - C. O que disseram os soldados. 28:11-15.
 - D. A Grande Comissão. 28:16-20.

COMENTÁRIO

I. O Nascimento e Infância de Jesus Cristo. 1:1 - 2:23.

Mateus 1

A. Genealogia de Cristo. 1:1-17. Esta linhagem de Abraão a Jesus, através dos reis da casa de Davi, tem a intenção explícita de apresentar os direitos de Jesus ao trono de Davi. Ainda que o trono estivesse vago por quase seis séculos, ninguém poderia esperar a devida consideração

dos judeus para com o Messias se Ele não pudesse provar sua ascendência real. (Lc. 3:23-38 apresenta outra genealogia, aparentemente a de Maria, para mostrar a verdadeira ascendência consangüínea de Jesus, que também era da família de Davi.)

1. O livro da genealogia. Uma expressão hebraica variadamente compreendida como sendo o título de todo o Evangelho de Mateus, dos dois primeiros capítulos, ou dos dezessete primeiros versículos. Uma expressão semelhante em Gn. 5:1 é bastante ampla para incluir tanto a genealogia como a narrativa entretecida (Gn. 5:1-6:8).

Jesus é nome histórico; **Cristo** (o equivalente ao Messias hebraico, "o ungido") é o título do seu ofício. Os dois nomes não foram geralmente usados juntos como nome próprio até depois da Ascensão.

Filho de Davi, filho de Abraão relaciona Jesus com as promessas messiânicas (Gn. 12:3; 13:15; 22:18; II Sm. 7:12, 13; 22:51).

2. A lista começa com **Abraão**, o pai da raça à qual Mateus escrevia particularmente, e o primeiro a receber a promessa messiânica. Judá e seus irmãos. Ainda que a linhagem passe por Judá (Gn. 49:10), todos os patriarcas eram herdeiros da promessa messiânica.

3-6. Tamar (veja Gn. 38). Não se costumava incluir mulheres nas genealogias dos judeus. Mesmo assim, quatro mulheres foram incluídas (ainda que a ascendência fosse através do homem em todos os casos). Duas foram gentias (Raabe e Rute); três tinham nódoas morais (Tamar, Raabe, Bate-Seba). Essa não seria outra evidência da graça de Deus no seu plano de salvar pecadores? A repetição do título **o rei Davi** destaca o caráter real desta genealogia.

7-11. Estes versículos mencionam reis, os quais todos também foram relacionados em I Cr. 3:10-16. Depois de Jorão, Mateus omite os nomes de Acazias, Joás e Amazias, e depois de Josias ele omite Joaquim. As omissões sem dúvida são devidas à sua intenção arbitrária de encurtar a lista para dar três grupos de quatorze, talvez para facilitar a memorização. Gerou indica descendência direta, mas não necessariamente uma descendência imediata. Jeconias, filho de Joaquim

e neto de Josias, era considerado pelos judeus no exílio como seu último rei legítimo; e as profecias de Ezequiel são datadas com o nome dele, ainda que Zedequias, seu tio, fosse o seu sucessor.

12-16. Salatiel (ou Sealtiel) foi chamado de filho de Jeconias (veja I Cr. 3:17). Isso não contradiz Jr. 22:28-30, pois a ausência de filhos refere-se a filhos reinantes. (A citação de Salatiel como filho de Neri em Lc. 3:27 seria melhor entender-se como sendo outra pessoa, e não o resultado de um levirato.) Deste ponto, os nomes, que não aparecem no VT, devem ter sido derivados dos registros da família de José. É preciso que haja descendentes da realeza para preservação de sua linhagem. De José não se diz que ele "gerou" Jesus, uma mudança digna de nota em relação às expressões anteriores, e uma óbvia indicação do nascimento virginal, que Mateus explica mais adiante. A forma feminina do pronome **qual** também omite José de implicação no nascimento de Jesus. Essa genealogia faz dele o pai legal de Cristo porque era o marido de Maria, mas nada mais. O notável texto da Versão Siríaca do Sinai, "José de quem estava noiva Maria, a virgem, gerou Jesus", não pode estar correcto, e se pretende negar o nascimento virginal, contradiz-se nos versículos seguintes.

17. Catorze gerações. Este agrupamento triplo arbitrariamente constituído (como o indicam as omissões), deve ser um arranjo de conveniência. Os três períodos da história nacional foram incluídos teocracia, monarquia e hierarquia. A computação de Mateus apresenta um problema porque ele só relaciona quarenta e Um nomes. Alguns o resolveriam contando Davi duas vezes finalizando o primeiro grupo e começando o segundo (parece que o próprio Mateus também o fez; v. 17). Outros contam o cativo como um item da lista. O problema não tem importância por si.

B. Nascimento de Cristo 1:18-25.

As circunstâncias do nascimento são apresentadas do ponto de vista de José, e alguns dos detalhes têm de ser formados a partir dele (vs. 19 e

20 por exemplo). Se ele já estivesse morto quando o ministério de Jesus começou, como muitos pretendem por causa da ausência do nome, as informações que Mateus obteve devem ter vindo dos irmãos de Jesus.

18. Desposada. Entre os judeus, os votos do casamento se faziam por ocasião do noivado, e sua anulação exigia um divórcio. O costume exigia que houvesse um intervalo, normalmente de um ano, antes da noiva passar a residir na casa do seu marido e para que a união física fosse consumada. Durante esse intervalo Maria **achou-se grávida**, uma circunstância que costumava ser punida com a morte. (Dt. 22:23, 24). Parece que Maria não explicou a sua situação a José, deixando este assunto delicado nas mãos de Deus. Dificilmente poderia esperar que José aceitasse sua história sem que houvesse uma autenticação divina.

19. Infamar. Em lugar de fazer uma acusação pública de fornicção, com uma possível exigência de pena máxima, José resolveu usar as frouxas leis do divórcio e dar a Maria uma carta de divórcio particular com a acusação declarada de maneira velada. Resolveu deixá-la significa divórcio, não somente a quebra de um compromisso de casamento. Como ele devia amá-la!

20. Filho de Davi. Este tratamento que o anjo deu a José (Gabriel? Lc. 1:26) é um título principesco. Ainda que José se encontrasse em circunstâncias humildes, era herdeiro do trono davídico que se encontrava vago. A citação do **Espírito Santo** como agente da concepção de Maria aponta claramente a personalidade distinta deste Divino Ser, e do conhecimento pleno que os judeus comuns tinham dessa Pessoa sem maiores explicações.

21. Jesus provém da expressão hebraica **Jeová salva** e aponta para o propósito de sua vinda. Seu povo relaciona Jesus às promessas messiânicas feitas a Israel, ainda que a cruz estendesse esta salvação dos pecados também aos gentios.

22,23. A miraculosa concepção seria o cumprimento de Is. 7:14. Se houve um outro cumprimento nos dias de Isaías não se discute nem se sugere. Possivelmente essas palavras foram ditas pelo anjo e assim

constituíram um reforço para a fé de José. **Emanuel** não foi usado como nome próprio de Jesus, mas descreve sua pessoa como o Filho de Deus.

24,25. José consumou o período de noivado levando Maria para viver em sua casa para que Jesus por ocasião do Seu nascimento fosse o seu filho legítimo e herdeiro do trono, Entretanto, ele **não a conheceu** sexualmente até o nascimento. O **enquanto** não indica necessariamente o que aconteceu depois. Entretanto, qualquer um deduz logicamente que seguiu-se o relacionamento normal do casamento, a não ser que se pretenda defender a virgindade perpétua de Maria. Mateus revela que não tinha tal inclinação.

Mateus 2

C. A visita dos Magos. 2:1-12.

Mateus que é o único a registrar este incidente, mostra a contraste de atitudes entre os sábios que não eram judeus que viajaram de longe para ver Jesus e as autoridades judias que não foram capazes de caminhar cinco milhas.

1. Belém da Judéia era também chamada de Efrata. (Gn. 35:16, 19). É preciso ler-se Lc. 2:1-7 para se saber porque o nascimento aconteceu em Belém e não em Nazaré. **O rei Herodes**, conhecido como Herodes, o Grande, era filho de Antipater, um edomita, foi feito rei pelos romanos em 43 A.C. Sua morte em 4 A.D. (nossos calendários estão errados em pelo menos quatro anos) dá-nos a mais recente e possível data para o nascimento de Cristo. **Magos** (*magoi*) indicava originariamente a casta sacerdotal entre os persas e babilônios (veja Daniel 2:2, 48; 4:6, 7; 5:7). Mais tarde o nome foi aplicado pelos gregos a qualquer feiticeiro ou charlatão (Atos 8:9;13:18). Mateus usa o termo no sentido bom para designar homens respeitados de uma religião oriental. É inteiramente aceitável que esses homens tivessem contato com os judeus exilados, ou com as profecias e a influência de Daniel, e assim possuíssem as profecias do V. T. relativamente ao Messias.

2. Sua estrela. Todas as tentativas de se explicar a estrela como um fenômeno natural são inadequadas dada a razão dela conduzir os magos de Jerusalém até Belém e então permanecer sobre a casa. Antes, foi uma manifestação especial dada por Deus, primeiro quando apareceu indicando o fato do nascimento de Cristo, e depois quando reapareceu sobre Jerusalém e guiou os magos ao lugar certo. Considerando que foi registrada uma revelação direta para os magos (v. 12), nada há de improvável em aceitar uma revelação direta desde o começo para emprestar significado à estrela.

3-6. Quando Herodes ouviu dizer que os magos estavam procurando em Jerusalém o Rei dos Judeus, o rei consultou os principais sacerdotes e escribas, dois dos grupos que compunham o Sinédrio. Deram-lhe a profecia de Miquéias 5:2 que cita Belém claramente como o lugar do nascimento do Messias.

7,8. Herodes intimou os sábios, sob pretenso e sincero interesse, pedindo informações exatas sobre a primeira aparição da estrela (parece que ainda não fora avistada em Jerusalém). Seus motivos, entretanto, eram os de precisar a data do nascimento de Jesus, para poder mais facilmente localizá-lo e destruí-lo.

9,10. A estrela que viram no oriente reapareceu então para guiá-los de Jerusalém a Belém.

11. A casa (não a manjedoura) na qual os magos encontraram o menino Jesus aponta para o fato de que essa visita seguiu-se ao nascimento de Jesus com um considerável intervalo de tempo, talvez de meses (veja v. 16). As três ofertas deram lugar à tradição dos três magos. A tradição chega até a lhes conferir nomes: Gaspar, Melquior e Baltazar. Mas as tradições não são fatos necessariamente.

Ouro, incenso e mirra eram considerados pelos antigos comentaristas como uma demonstração de reconhecimento de que Jesus era respectivamente Rei, Filho de Deus e aquele que estava destinado a morrer.

12. Divina advertência. Uma especial e divina revelação orientou os magos a evitarem encontrar-se com Herodes na sua volta.

D. A Fuga para o Egito e o Massacre das Crianças. 2:13-18.

Novamente somos devedores tão-somente a Mateus por esta informação. Os dois incidentes relacionam-se com passagens do V.T. Essa relação entre passagens do V.T e N.T, é uma característica deste Evangelho.

13,14. Uma segunda vez José recebeu instruções por meio de um anjo (veja 1:20) e tomando Jesus e Maria, levou-os para o Egito. A partida apressada parece ter acontecido na mesma noite em que os magos partiram. No Egito, onde havia uma grande população de judeus, a família provavelmente foi bem recebida sem chamar a atenção. O apócrifo Evangelho da Infância conta milagres fantásticos ocorridos ali (cap. IV).

15. A morte de Herodes depois de uma enfermidade repulsiva foi detalhadamente descrita por Josefo (Antig. xvii 6.5). **Para que se cumprisse** relaciona esta experiência com Os. 11:1, uma passagem que se refere historicamente à libertação dos israelitas no Egito. Mateus vê Israel nessa profecia como uma figura de Jesus Cristo, o único filho de Deus.

16. Mandou matar todos os meninos. Esse ato assassino de Herodes (que incluiu não mais que algumas dúzias de crianças, por causa do tamanho pequeno de Belém) não ficou registrado em outros escritos históricos e o fato não causa admiração por causa das atrocidades freqüentes do rei. Assassinou sua esposa e seus três filhos. Josefo o chama de "um homem de grande crueldade para com todos os homens" (Antig. xvii 8.1). **Dois anos para baixo** mostra que Herodes não queria se arriscar a perder a sua vítima. Jesus não teria dois anos necessariamente.

17, 18. Raquel chorando por seus filhos. Uma citação de Jr. 31:15, que descreve a lamentação do tempo do exílio de Israel. Aquela calamidade, causada pelo pecado de Israel, foi a causa eventual de

Herodes ter subido ao trono e agora era a causa desta atrocidade. Mateus reúne as duas calamidades como partes de um mesmo quadro.

E. Residência em Nazaré. 2:19-23.

Lendo-se Mateus, poder-se-á supor que Belém era a residência original. Lucas explica, mostrando que Nazaré foi o primeiro lar. Parece que José pretendia ficar permanentemente em Belém até que seus planos foram divinamente alterados.

19-22. Já morreram. Uma referência a Herodes e conseqüentemente uma expressão idiomática retrospectiva de Êx. 4:19. **Arquelau**, filho de Herodes, o Grande, com Maltace, sua esposa samaritana, foi tão brutal quanto seu pai. Por isso José precisou ser **avisado** (ou advertido) por **divina advertência** quanto ao passo seguinte a ser tomado.

23. Nazaré parece ter sido escolha do próprio José, dentro da providência divina. Por que Mateus considerou isto como o cumprimento de uma profecia é difícil de se entender. **Por intermédio dos profetas** evita que procuremos apenas uma passagem do V.T, e conseqüentemente torna duvidoso que haja um jogo de palavras com base em *nêser*, "renovo" em Is. 11:1, ainda que este seja o ponto de vista comum. Parece melhor entender que Mateus achou que a pequena Nazaré era um lugar pouco adequado para residência do Messias (João 1:46), um cumprimento de todas as profecias do V.T, que indicam que o Messias seria desprezado (Is. 53:3; Sl. 22:6; Dn. 9:26).

II. O Começo do Ministério de Jesus Cristo. 3:1 - 4:11.

Mateus 3

A. O Precursor de Cristo. 3:1-12.

Todos os quatro Evangelhos descrevem o ministério preparatório de João, e Lucas apresenta uma descrição completa do seu notável nascimento (Lc. 1: 5-25, 57.80).

1. Naqueles dias relaciona-se com o versículo anterior, que fala de Jesus residindo em Nazaré. Uma data precisa foi dada em Lc. 3:1,2. **João Batista**, assim chamado até mesmo por Josefo (Antig. xiii, 5.2), pregou próximo ao Rio Jordão, ao norte do **deserto da Judéia**, uma terra inculca e estéril ao longo da praia ocidental do Mar Morto.

2. Arrependei-vos significa "mudai de pensamento", mas implica em mais do que uma simples mudança de opinião. Como termo religioso nas Escrituras, envolve uma completa mudança de atitude em relação ao pecado e Deus, acompanhado de um sentimento de tristeza e uma correspondente mudança de conduta. **Está próximo o reino dos céus** (ou *está próximo*), o motivo porque João chamou os homens ao arrependimento. Este título, peculiar a Mateus no N.T., baseia-se em Dn. 2:44; 7:13, 14, 27. Refere-se ao reino messiânico prometido no V.T., do qual Jesus seria apresentado como rei. (O termo, "reino de Deus", costuma ter uma conotação mais ampla, mas normalmente nos Evangelhos os dois termos são usados alternativamente.) Esse **reino dos céus** messiânico, ainda que prometido como um literal reino terreno, deveria, entretanto, basear-se em princípios espirituais, exigindo um relacionamento adequado com Deus para se entrar nele; daí o chamado ao arrependimento.

3,4. Este é o referido pelo profeta Isaías (Is. 40:3-5) relaciona definitivamente a profecia à pessoa de João, um fato que se nota em todos os Evangelhos (Mc. 1:2, 3; Lc. 3:4-6; Jo. 1:23). **Pelos de camelo e um cinto de couro**, provavelmente tem a intenção de assemelhar-se às roupas de Elias (II Reis 1:8; compare com Lc. 1:17; Mt. 17:10-13), e era a roupa costumeira dos profetas (Zc. 13:4) **Gafanhotos**. Um alimento admissível e não incomum (Lv. 11:22).

5,6. A pregação de João estava de acordo com o estado de expectativa que tomara conta de muitos corações, causando um entusiasmo geral, conforme indica a palavra **toda**. Os que vinham eram batizados como prova da aceitação de sua mensagem. O batismo era praticado pelos judeus quando faziam prosélitos, e com propósitos

curativos e purificadores; assim, a forma exterior não era uma inovação de João, ainda que o seu significado fosse novo. Até mesmo a comunidade Qumran observava um batismo ritualístico, ainda que não com os mesmos propósitos que João ao batizar. (V.S. LaSor, *Amazing Dead Sea Scrolls*, pág. 205, 206).

7-10. Fariseus. Membros de um destacado partido religioso. Proclamavam-se guardiões da lei mosaica e aderiam rigidamente às tradições dos antepassados. Cristo os caracterizou como sendo hipócritas (Lc. 11:44; 12:1). **Saduceus.** Um partido de racionalistas religiosos, que negavam a existência da vida futura. Eram politicamente poderosos, incluindo entre eles a aristocracia sacerdotal. João compreendeu que a vida deles não passava de exibição, não havendo uma mudança espiritual, e comparou-os a **viboras** que fugiam do fogo ligeiro da macega. Tendo **Abraão** por seu pai nacional não os garantia contra o juízo divino. Deus não estava obrigado a cumprir suas promessas com eles individualmente. **Destas pedras.** Talvez uma alusão a Is. 51:1, 2, mas principalmente uma referência aos cascalhos aos pés de João, que podiam ser criados pelo toque criador de Deus, como Adão foi formado do pó. Com a dramática figura do machado **à raiz das árvores**, João mostra que o tempo dos seus ouvintes está se esgotando. O lenhador está para aparecer.

11,12. O batismo de João, um testemunho público de que o participante estava arrependido, seria seguido pelo batismo do Messias, com o Espírito Santo e com fogo. Há quem relegue os dois termos ao Pentecostes; outros, ao Juízo. À vista do versículo 12, parece claro que o batismo com o Espírito Santo refere-se a Cristo salvando os crentes (**trigo**), e o fogo descreve o juízo que virá sobre os maus (**queimará a palha**). Compare Mt. 4:1 (um capítulo que no N.T. foi aplicado a João; veja Lc. 1:17). Assim, João olha para a obra do Messias do ponto de vista costumeiro do V.T., sem se importar com o intervalo entre a primeira e segunda vindas, um intervalo do qual ele poderia não estar cômico. **Pá.** Um instrumento de madeira para se jogar os grãos contra o

vento depois de debulhá-los. A palha mais leve seria carregada pelo vento, deixando os grãos amontoados em um monte.

B. Batismo de Cristo. 3:12-17.

A vinda de Jesus para ser batizado por João foi colocada em tranqüilo contraste com a vinda hipócrita dos fariseus e saduceus (v. 7). Todos os três sinóticos registram este batismo, e o Evangelho de João inclui o posterior testemunho de João Batista sobre o mesmo (Jo. 1:29-34).

13,14. Ele, porém o dissuadia. O verbo em grego enfatiza um contínuo protesto. À luz de Jo. 1:31-33, pode-se perguntar como João reconheceu a superioridade de Jesus para falar assim. Não devemos deduzir, entretanto, que esses dois parentes fossem totalmente estranhos um ao outro, mas antes que João ainda não sabia que ele era o Messias oficial até que lhe fosse dado o sinal do Espírito que desceu do céu (Jo. 1: 33).

15. Porque assim nos convém. Ainda que fosse verdade que as posições de João e Jesus deveriam ser exatamente opostas, naquele momento (**por enquanto**) era a coisa oportuna a fazer. É claro que Jesus não se arrependia de nenhum pecado pessoal. Entretanto, como o Substituto que proveria a **justiça** para a humanidade pecadora, ele aqui se identifica com aqueles que veio redimir e começa, assim, o seu ministério público. Jesus, enquanto esteve na terra, sempre cumpriu com as obrigações religiosas de um judeu justo, tais como adorar na sinagoga, assistir às festas e pagar o imposto do templo.

16,17. O Espírito de Deus descendo cumpriu o sinal predito para João que Jesus era o Messias (Jo. 1:33; compare com Is. 11:2; 42:1; 59:21; 61:1). Tal como o Espírito vinha sobre os profetas do V.T. para orientação especial no começo dos seus ministérios, agora Ele vinha sobre Jesus sem medida. É claro que isso se relaciona à humanidade de Jesus. **Pomba.** Um antigo símbolo de pureza, inocência e mansidão (veja Mt. 10:16). A voz dos céus ocorreu em três lugares-chave do ministério

de Cristo; no seu batismo, na sua transfiguração (17:5), e exatamente antes da cruz (Jo. 12:28).

Mateus 4

C. A tentação de Cristo. 4:1-11.

O sentido mais óbvio desta passagem, com suas paralelos, é que foi uma experiência realmente histórica. Os pontos de vista que negam isto não diminuem as dificuldades de interpretação. Os diversos testes foram dirigidos contra a natureza humana de Jesus, e ele resistiu nesse reino. Entretanto, a perfeita união das naturezas divina e humana na sua pessoa fizeram que o resultado fosse esse, pois Deus não peca nunca. Mas isso não diminuiu de maneira nenhuma a força do ataque.

1. Foi Jesus levado pelo Espírito. Uma indicação da submissão (voluntária) de Cristo ao Espírito durante o seu ministério terreno. **Para ser tentado.** Uma palavra significando *tentar* ou *experimentar*, às vezes, como neste caso, *um engodo para o mal*. O Espírito conduziu Jesus para que esse teste fosse realizado. **O diabo.** O nome significa caluniador, e indica uma das características de Satanás, grande oponente de Deus e do povo de Deus.

2. Quarenta dias e quarenta noites. As três provas registradas aqui seguiram-se a este período de tempo, mas outras tentações ocorreram através do período (Lc. 4:2).

3, 4. Se és Filho de Deus não implica necessariamente uma dúvida da parte de Satanás, mas antes cria a base para a sua sugestão. A sutileza da prova está evidente, pois nem o pão nem a fome são pecados em si. **Não só de pão viverá o homem** (Dt. 8:3) foi a resposta escriturística de Cristo. Até mesmo Israel vagando no deserto ficou sabendo que a fonte do pão (isto é, Deus) era mais importante do que o próprio pão. Jesus recusou-se a operar um milagre com a finalidade de fugir ao sofrimento pessoal quando esse sofrimento fazia parte da vontade de Deus para ele.

5-7. A segunda tentação aconteceu no **pináculo**, ou aba do Templo em Jerusalém, talvez o alpendre que se elevava sobre o vale do Cedrom.

Satanás usou as Escrituras (Sl. 91:11, 12) para que Cristo provasse Sua declaração de que Ele vivia de toda palavra que saía da boca de Deus. **Também está escrito** apontava para a totalidade das Escrituras como guia de conduta e alicerce da fé. **Não tentarás o Senhor teu Deus** (Dt. 6:16; compare com Êx. 17:1-7). Tal atitude presunçosa de colocar Deus à prova não é fé mas dúvida, como a experiência de Israel comprovou.

8-11. Um monte muito alto é literal, mas sua localização é desconhecida. Por meio de algum ato sobrenatural, Satanás mostrou a Cristo todos os reinos do mundo. **Tudo isto te darei** indica que Satanás tem algo a conceder; caso contrário a prova não teria valor. Como o deus deste mundo (II Co. 4:4) e príncipe das potestades do ar (Ef. 2:2), Satanás exerce controle sobre os reinos da terra ainda que na qualidade de usurpador e dentro de certos limites. Ele ofereceu este controle a Jesus em troca de adoração, e com isto ofereceu a Cristo aquilo que conseqüentemente será dele de maneira muito mais gloriosa (Ap. 11:15). A ligação entre **adorar** e **servir** na resposta de Jesus (de Dt. 6:13) é significativa, pois uma envolve a outra. Para Cristo inclinar-se diante de Satanás seria reconhecer o senhorio do diabo. Uma oferta dessas mereceu uma réplica direta de Cristo. A declaração de Mateus, **com isso o diabo o deixou**, mostra que a sua ordem das tentações é cronológica (contraste com Lc. 4:1-13). Jesus repeliu o mais poderoso ataque de Satanás não com um raio dos céus, mas com a Palavra de Deus escrita empregada na sabedoria do Espírito Santo, um meio à disposição de cada cristão.

III. O Ministério de Jesus Cristo. 4:12 - 25:46.

A análise de Mateus do ministério de Cristo foi baseada sobre quatro áreas geográficas facilmente notáveis: Galiléia (4:12), Peréia (19:1), Judéia (20:17) e Jerusalém (21:1). Como os outros sinóticos ele omite o anterior ministério na Judéia, que ocorre cronologicamente entre 4:11 e 4:12 (confira com Jo. 14). Talvez Mateus comece com

Cafarnaum, na Galiléia, porque foi o lugar de sua própria associação com Cristo (9:9)

A. Na Galiléia 4:12 - 18:35

1) Residência Estabelecida em Cafarnaum. 4:12-17.

12. Ouvindo porém Jesus. O aprisionamento de João, com a resultante publicidade, tornou a retirada de Cristo uma necessidade prática para o interesse de seu trabalho.

13. Deixando Nazaré. Lucas 4:16-31 mostra que o motivo da retirada para Cafarnaum foi a tentativa do assassinato de Cristo depois de um culto na sinagoga. Cafarnaum tornou-se o lar de Jesus pelo resto do seu ministério.

14-16. Para que se cumprisse refere-se a Is. 9:1, 2, de onde os termos geográficos foram com particular liberdade transcritos. Além do Jordão, uma frase um tanto enigmática aqui, mas compreendida de preferência como sendo a Peréia, a qual, com a Galiléia, formavam o setor limítrofe de Israel. Esta região, mais exposta a influências estrangeiras do que a Judéia, tinha uma população mista, e o estado espiritual do povo costumava ser baixo. A vinda da luz de Cristo em tal área de trevas espirituais foi profetizada pelo profeta e a sua profecia cumpria-se agora.

17. Arrependei-vos. A mesma mensagem que João pregou na Judéia estava sendo agora proclamada por Jesus na Galiléia (cf. 3:2).

2) A Chamada dos Quatro Discípulos. 4:18-22.

Jesus já tinha se encontrado com alguns desses homens, se não todos, na Judéia, quando João Batista ainda estava em atividade (Jo. 1:35-42). Agora, na Galiléia, esse relacionamento foi renovado e tomou-se permanente (compare com Mc. 1:16-20; Lc. 5:1-11).

18-20. Mar da Galiléia. Um lago no vale do Jordão a 680 pés abaixo do nível do mar, com 7 milhas de largura, 14 milhas de

comprimento, abundando em peixes, e sujeito a tempestades súbitas. **Simão** lançava a rede com seu irmão **André**, que o apresentara a Jesus há alguns meses atrás (Jo. 1:40,41). O convite, **Vinde após mim**, chamava esses crentes para a companhia constante de Jesus. Os planos de Cristo para eles exigiam um treinamento que os prepararia para recuperar homens perdidos. **imediatamente**. A prontidão revela o grande impacto de seu encontro anterior.

21,22. Tiago e João, outro par de irmãos, eram sócios de Simão e André (Lc. 5:10). **Consertando as redes**. Mateus e Marcos concordam sobre este fato, mas parece que Lucas difere. Em lugar de aceitar dois incidentes, parece-lhe mais razoável harmonizar os acontecimentos de algum modo, tal como faz S.J. Andrews (*The Life of Our Lord upon the Earth*, pág. 247, 248). É mais provável que os homens estivessem ocupados em lançar redes e remendá-las quando Cristo se aproximou da primeira vez. Então nosso Senhor usou o barco de Simão, produziu a pesca maravilhosa e chamou Simão e André para segui-lo. Depois de retornar à praia, Tiago e João começaram a consertar a rede rasgada e, então, Jesus também os chamou para segui-lo.

3) Estudo Geral do Ministério da Galiléia. 4:23-25.

Estes versículos dão um sumário dos acontecimentos expostos nos capítulos seguintes. O ministério de Cristo durante aqueles dias envolveu **instrução** (*didaskōn*), **proclamação** (*kêrussōn*) e **cura** (*therapeuōn*).

23, 24. Sinagogas. Recintos locais para adoração e instrução religiosa. Para exemplo da pregação de Jesus em sinagoga, veja Lc. 4:16-30. **Evangelho do reino** eram as boas novas proclamadas por Jesus que o rei messiânico já chegara para estabelecer o reino prometido. Acompanhando esta proclamação havia os milagres de cura preditos em relação ao reino e, assim, as credenciais do rei (Is. 35:4-6; Mt. 11:2-6). **Síria**. Aqui é uma referência à região que se dirige para o norte. Os **endemoninhados**. As Escrituras fazem aqui uma clara distinção entre a possessão demoníaca e a enfermidade física comum.

25. Além daqueles que vinham para serem curados, outros o seguiam, vindos de longe, sem esta motivação. **Decápolis.** Uma federação de dez cidades gregas independentes sob a proteção da Síria, à leste da Galiléia. **Dalém do Jordão.** A região do leste conhecida por Peréia. Assim, toda a Palestina, e as áreas adjacentes, tiveram a influência deste ministério.

4) Sermão da Montanha. 5:1 – 7:29.

É o mesmo discurso registrado em Lc. 6:20-49, pois as diferenças podem ser harmonizadas ou explicadas, e a semelhança entre os começos, finais e assuntos tornam a identificação extremamente provável. Além disso, os dois registros falam da cura do servo do centurião logo a seguir. A objeção de que Mateus coloca este discurso antes de sua própria vocação (9:9; contrasta com Lc. 5:27 e segs.) explica-se por sua falta de ordem cronológica estrita por toda parte. Daí, considerando que Mateus descreveu as atividades de Cristo na proclamação da chegada do Reino (4:17, 23), foi acertado incluir para os seus leitores um exame completo deste assunto feito por Jesus. Concluiu-se que o Sermão da Montanha não é, em primeiro lugar uma declaração de princípios para a Igreja cristã (que na ocasião ainda não fora revelada), nem uma mensagem evangelística para os perdidos, mas um esboço de princípios que caracterizariam o reino messiânico que Cristo anunciava. Mais tarde, a rejeição do seu Rei por parte de Israel, atrasou a vinda do seu reino, mas ainda agora os cristãos, tendo declarado a sua fidelidade ao Rei e tendo sido preparados espiritualmente para a antecipação de algumas das bênçãos do seu reino (Cl. 1:13), podem perceber o ideal de Deus neste sublime discurso e concordarão com seus altos padrões.

Mateus 5

1. Multidões. Uma referência à multidão do versículo anterior, é uma indicação de que este discurso não foi proferido até que o ministério

da Galiléia estivesse no auge. Outra prova está no nível avançado das instruções nele contidas. **Ao monte.** Uma elevação sem nome, ao que parece próxima a Cafarnaum, sobre a qual Jesus encontrou um lugar plano para falar (Lc. 6:17). **Seus discípulos.** Lucas mostra que a escolha dos Doze acabou (Lc. 6:12-16), e o sermão foi, em primeiro lugar, para eles (conferir com Lc. 6:20). Entretanto, uma parte dele foi ouvida pela multidão (Mt. 7:28; Lc. 6:17).

a) Características dos Cidadãos do Reino. 5:3-12.

3. Bem-aventurados. Felizes. Uma descrição da condição íntima do crente. Quando descrevendo uma pessoa dentro da vontade de Deus, é virtualmente equivalente a "salvo", O Salmo 1 dá um quadro do V.T. do homem bem-aventurado, que evidencia sua natureza por suas atitudes. As Beatitudes, também, não são primordialmente promessas individuais, mas uma descrição do indivíduo. Não mostram ao homem como ser salvo, mas descrevem as características manifestas por aquele que nasceu de novo. **Humildes de espírito.** O oposto dos espíritos orgulhosos. Aqueles que reconheceram a sua pobreza nas coisas espirituais e permitiram que Cristo suprisse suas necessidades tornaram-se os herdeiros do reino dos céus.

4,5. Choram (confira com Is. 61:3). Um sentimento de angústia por causa do pecado caracteriza o homem bem-aventurado. Mas o arrependimento genuíno concede o conforto para o crente. Considerando que Cristo levou sobre si os pecados de todos os homens, o conforto do perdão completo está à disposição imediata (I Jo. 1:9). **Mansos.** Só mencionados por Mateus. Uma alusão óbvia ao Sl. 37:11. A fonte dessa mansidão é Cristo (Mt. 11:28, 29), que a concede quando os homens submetem-lhe a sua vontade. **Herdarão a terra.** O reino messiânico terreno.

6-9. Fome e sede de justiça. Uma paixão profunda pela justiça pessoal. Tal desejo é evidência da insatisfação como alcance espiritual atual (contrasta com os fariseus, Lc. 18:9 e segs.) **Misericordiosos**

(confira com Sl. 18:25). Aqueles que põem em ação a piedade podem esperar a mesma misericórdia tanto da parte dos homens como de Deus. **Limpos de coração.** Aqueles cujo ser moral está livre da contaminação do pecado, sem interesses ou lealdade divididos. Eles, na possessão da natureza pura de Deus, possuem a visão límpida de Deus, que atingirá o seu clímax na volta de Cristo (I Co. 13:12; I Jo. 3:2). **Pacificadores.** Assim como Deus é "o Deus da paz" (Hb. 13:20) e Cristo, "o Príncipe da Paz" (Is. 9:6), os pacificadores no Reino serão reconhecidos como participantes da natureza divina, e serão devidamente honrados.

10-12. Os perseguidos por causa da justiça. Quando se estabelecer o reino messiânico, essas injustiças serão sanadas. E mesmo dentro desse reino a presença de homens com natureza pecadora tomarão possível o mal, ainda que imediatamente julgado. **Os profetas.** Os videntes do V. T. que profetizaram o reino e proclamaram seu caráter de justiça encontraram a mesma oposição (Jer.; Jr. 20:2; Zac.; II Cr. 24:21).

b) Função dos Cidadãos do Reino. 5:13-16.

13,14. Sal. Um conhecido preservador do alimento, muitas vezes usado simbolicamente. Os crentes são uma coibição da corrupção do mundo. Os incrédulos são muitas vezes afastados do mal por causa de uma consciência moral cuja origem pode ser encontrada na influência cristã. **Se o sal vier a ser insípido.** Se isto pode acontecer quimicamente é assunto controvertido. Thompson admite que o sal impuro da Palestina pode se tornar insípido (*The Land and the Book*, pág. 381). Entretanto, a ilustração de Cristo pode ser hipotética para mostrar que a anomalia é um crente inútil. **Vós sois a luz do mundo.** Os crentes funcionam positivamente para iluminar um mundo que está nas trevas, porque eles possuem Cristo, que é a luz (Jo. 8:12). A luz de Cristo deveria brilhar publicamente, como o agrupamento das casas de pedras brancas numa cidade da Palestina. Deveria também ser exibida em nossos relacionamentos individuais e particulares (**candeia, velador, casa**).

c) Padrões do Reino Comparados à Lei Mosaica. 5:17-48.

17-20. Não penseis que vim revogar. Cristo responde à objeção de que ele estivesse menosprezando o V.T, com a negação de qualquer esforço no sentido de anular ou revogar a Lei. **Vim para cumprir.** Cristo cumpriu o V.T, obedecendo a Lei perfeitamente, cumprindo seus tipos e profecias, e pagando o preço total da Lei como o Substituto dos pecadores. (Conseqüentemente, os crentes têm a justiça de Cristo que lhes foi imputada pela justificação; Rm. 3:20-26; 10:4). **Em verdade vos digo.** A primeira vez que Jesus usa essa fórmula impressionante, indicando uma declaração de extraordinária importância. **Até que o céu e a terra passem.** Ainda que alguns achem que é uma expressão idiomática usada em lugar de nunca, provavelmente é uma referência escatológica (Mt. 24:35; Ap. 21:1). O **i** é a menor das letras do alfabeto hebreu (*yodh*). O **til.** Pequena projeção de certas letras hebraicas. Aqueles que não se opõem em princípio às leis de Deus mas fogem às suas exigências menos importantes não serão lançados fora do Reino mas terão uma recompensa menor no reino. **Vossa justiça.** Diferente da justiça dos **escribas e fariseus**, que consistia em uma simples conformidade, exterior, e carnal, ao código mosaico, ainda que escrupulosamente observado. A justiça do crente se baseia na justiça de Cristo que lhe foi imputada e obtida pela fé (Rm. 3:21, 22), que o capacita a viver justamente (Rm. 8:2-5). Só essa pessoa poderá entrar no reino que Cristo proclamou.

21-26. Primeira ilustração: homicídio. Jesus mostra como esse cumprimento da Lei é mais profundo que uma simples conformidade exterior. **Quem matar** destaca um desenvolvimento tradicional de Êx. 20:13, mas ainda trata do ato de homicídio. **O julgamento.** O tribunal civil judeu, conforme baseado em Deut. 16:18 (veja também Josefo, Antig. iv. 8.14). Os melhores manuscritos omitem "sem motivo" ainda que Efésios 4:26 indique a possibilidade de se inferir corretamente alguma restrição. **Insulto.** (**Raca** na ERC.) Provavelmente "cabeça vazia" (de uma palavra aramaica significando "vazio"). **Tolo.**

Considerando que esta série exige epítetos progressivamente mais graves, Bruce acha que **Raca** é um desacato à cabeça do homem, e **tolo**, ao seu caráter (Exp GT, I, 107). **Inferno de fogo**. Literalmente uma referência ao vale de Hinon nos arredores de Jerusalém, onde o lixo, os restos e as carcaças de animais abatidos eram queimados e também uma metáfora pitoresca do lugar do tormento eterno. (A sua história horrível se encontra em Jr. 7:31, 32; II Cr. 28:3; 33:6; II Reis 23:10.) Cristo localiza a raiz do homicídio no coração do homem irado, e promete que no Seu reino o julgamento imediato será feito antes que o homicídio seja cometido. **Ao altar**. Indicação do disfarce judaico deste discurso. **Teu irmão tem alguma coisa contra ti**, isto é, se você cometeu uma injustiça contra o seu irmão. **Vai primeiro reconciliar-te** obriga o adorador que está a caminho, a prestar satisfações ao ofendido para que a sua oferta seja aceitável (confirma com Sl. 66:18). **Adversário**. Um oponente da lei (confira com Lc. 12:58, 59). Considerando que o juízo está próximo, os ofensores deveriam se apressar em ajustar contas. **Enquanto não pagares**. Provavelmente uma situação literal no reino. Se, entretanto, a **prisão** é símbolo do inferno, a implícita possibilidade de pagamento e soltura aplica-se apenas à parábola, não a sua interpretação. A Escritura é clara ao declarar que aqueles que estão no inferno ficarão lá para sempre (Mt. 25:41, 46), porque a sua dívida não pode ser paga.

27-30. Segunda ilustração: adultério. Jesus indica que o pecado descrito em Êx. 20:14 tem raízes mais profundas que o ato declarado. **Qualquer que olhar** caracteriza o homem cujo olhar não está controlado por uma santa reserva e que forma o desejo impuro de concupiscência por determinada mulher. O ato será consumado quando houver oportunidade. **Olho direito**. Para o homem que culpar o seu olho pelo pecado, Jesus mostra o procedimento lógico a ser tomado. Assim como amputamos órgãos doentes para salvar vidas, também um **olho** (ou **mão**) tão desesperadamente afetado precisa de um tratamento drástico. É claro que Jesus queria que seus ouvintes vissem que a verdadeira fonte do

pecado jaz, não no órgão físico, mas no **coração**. O coração perverso do homem precisa ser mudado se ele quer escapar à ruína final do inferno (Geena; veja comentário sobre 5:22).

31, 32. Terceira ilustração: divórcio. O regulamento mosaico (Dt. 24:1) protegia a mulher dos caprichos do homem, insistindo na **carta de divórcio**. O divórcio era, entretanto, uma concessão ao pecado humano (Mt. 19:8). As premissas mosaicas da "impureza" foram muitas vezes explicadas, a partir do adultério (Shammai) até o mais simples desagrado da parte do marido (Hillel). No costume judeu só os homens podiam obter divórcio. **Relações sexuais ilícitas.** Alguns restringem estas palavras ao costume judeu, como descritivo da infidelidade durante o período de compromisso (confira com o problema de José, 1:18, 19), e assim não encontram motivo para o divórcio hoje em dia. Outros acham que "fornicação" equivale a "adultério" nesta passagem, e assim é o único motivo que dá permissão para o divórcio segundo Cristo. Certamente não temos base além desta possível exceção. **A expõe a tornar-se adúltera.** Entende-se, geralmente, em tese, considerando que ela pode ser forçada a contrair outro casamento. Uma vez que isso não precisa obrigatoriamente acontecer, Lenski interpreta esta difícil forma passiva assim – ocasionar que ela seja estigmatizada como adúltera (*Interpretation of St. Matthew's Gospel*, págs. 230-235), e considera o pecado como uma suspeita injusta atraída sobre a parte injuriada.

33-37. Quarta ilustração: juramentos. O alicerce do V.T, é Lv. 19:12 e Dt. 23:21 (confira com Êx. 20:7). **Jurarás falso.** Jurar em falso. O abuso que os judeus faziam dos juramentos, levou Jesus a dizer, **de modo nenhum jureis.** É difícil achar uma brecha nesta diretiva (veja também Tiago 5:12). Assim, o crente não deveria jurar para autenticar suas declarações. Até mesmo o Estado deveria geralmente permitir uma afirmação em lugar do juramento exigido. **Pelo céu.** Os judeus usavam a sua engenhosidade para classificar os diversos juramentos, e geralmente perdoavam aqueles que não mencionassem Deus especificamente. Jesus mostrou que tal raciocínio enganosamente sutil era falso, pois Deus

continua implicado quando os homens invocam os céus, a terra, ou **Jerusalém**; e até quando se jura pela própria cabeça está implicado Aquele que tem poder sobre a mesma. **Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim.** Uma solene afirmação ou negação é o suficiente para o crente. **O que passa disto.** Acrescentando juramentos às nossas declarações, ou admitimos que não se pode confiar em nossas palavras costumeiras, ou nos rebaixamos ao nível de um mundo mentiroso, que vem do **maligno**. Confira com Jo. 8:44.

38-42. Quinta ilustração: vingança. **Olho por olho** (Êx. 21:24). Um princípio judicioso que fazia o castigo ajustar-se ao crime. Entretanto, não tinha a intenção de permitir aos homens que se vingassem com suas próprias mãos (Lv. 19:18). **Não resistais ao mal.** Provavelmente, "ao homem mau". Jesus mostra aos cidadãos do Reino como deveriam receber a injúria pessoal. (Ele não está discutindo a obrigação do governo de manter ordem.) Um filho de Deus deveria estar pronto a sofrer perda por assalto (v. 39), litígio (v. 40), regulamentos compulsórios (v. 41), mendicância (42a), empréstimos (v. 42b). **Túnica.** Roupas de baixo ou túnica. **Capa.** Vestimenta externa mais cara, às vezes usada como cobertura de cama (veja Êx. 22:26, 27), e portanto não podia ser mantida durante a noite como garantia de pagamento de dívida (Dt. 24:12, 13). **Te obrigar.** Uma palavra de origem persa, descrevendo o costume dos correios que tinham autoridade de obrigar pessoas a prestarem serviços sempre quando fosse necessário (confira com Simão Cireneu, Mt. 27:32). Esse alto padrão de conduta deveria obrigar todos os crentes a se esforçarem até onde fosse possível em viver de acordo com a sua vocação e a ansiarem pelo dia quando o governo justo de Cristo tornará esse ideal inteiramente aplicável a todos os setores da vida.

43-48. Sexta ilustração: amar os inimigos. **Amarás o teu próximo** (Lv. 19:18, 34) resume toda a segunda tábua da Lei (confira com Mt. 22:39). **Odiarás o teu inimigo.** Esta adição que não é das Escrituras desvia-se da lei do amor; mas deveria ser uma interpretação popular. O

Manual de Disciplina de Qumran contém a seguinte regra: ". . . amar todos os que Ele escolheu e odiar a todos os que Ele rejeitou" (1 QS 1.4). **Amai a vossos inimigos.** O amor (*agapao*) prescrito é o amor inteligente que compreende a dificuldade e esforça-se em libertar o inimigo do seu ódio. Tal amor é parente da atitude amorosa de Deus para com os homens rebeldes (Jo. 3:16) e portanto é uma prova de que aqueles que agem assim são verdadeiros **filhos** do seu **Pai. Publicanos.** Os coletores judeus dos impostos romanos, odiados por seus patrícios por causa de suas flagrantes extorsões e sua associação com os conquistadores desprezados. A ordem **Sede vós perfeitos** deve se restringir à questão do amor neste contexto. Assim como o amor de Deus é completo, não omitindo nenhum grupo, assim o filho de Deus deve lutar pela maturidade nessa questão (confira com Ef. 5:1, 2). Isso não pode se referir à ausência de pecado, pois Mt. 5:6, 7 mostra que os bem-aventurados ainda têm fome de justiça e precisam de misericórdia.

d) Atitudes dos Cidadãos do Reino. 6:1 – 7:12.

Jesus passa a comparar a vida honesta que ele espera, coma hipocrisia dos fariseus e seus seguidores (5: 20).

Mateus 6

1-4. Primeiro exemplo: esmolas. **Esmola.** O versículos 1 tem a palavra **justiça** nos melhores textos, e ela introduz toda a discussão. Tem-se em vista aqui a justiça prática. **Diante dos homens.** Embora tenhamos recebido a ordem de deixar a nossa luz brilhar (5:16), atos de justiça não devem ser praticados para auto-glorificação (**com o fim de serdes vistos por eles**). Esmola foi bem aplicado no versículo 2 e demonstra a oferta caridosa. **Toques trombeta.** Metáfora para "tornar público". **Hipócritas.** Da palavra grega que indica atores desempenhando um papel. **Já receberam a recompensa.** O uso comercial dessa palavra indica pagamento integral com recibo. A justiça exibicionista já recebeu o seu pagamento integral; Deus nada

acrescentará. Aqueles que se contentam em dar a sua oferta em secreto serão recompensados, não pelo aplauso dos homens, mas pelo seu **Pai** celestial. Omite *publicamente* (ERC).

5-15. Segundo exemplo: oração. **Em pé nas sinagogas.** Era o modo costumeiro (Mc. 11: 25) e o lugar de oração e não está sendo atacado. Mas a intenção daquele que pretende que o momento da oração o surpreenda em lugar proeminente e que ama essa exibição é condenada. **Entra no teu quarto.** Não está se declarando que a oração pública seja condenada (Jesus mesmo orou em público, Lc. 10:21, 22; Jo. 11:41,42), mas sim a exibição vaidosa. A oração particular é o melhor treinamento para a oração pública. Omite *publicamente* (ERC). **Vãs repetições** (tagarelice) são características das orações pagãs (ou **gentias**), como a ostentação é dos **hipócritas**. Tal atitude é como se a oração fosse um esforço para vencer a má vontade de Deus em responder, cansando-o com palavras. Entretanto não é a mera extensão ou repetição que Cristo condena (Jesus orou a noite inteira, Lc. 6:12, e repetiu seus pedidos, Mt. 26:44), mas a motivação indigna que induz tais atos religiosos.

Jesus continua dando um exemplo de uma oração aceitável, que é uma maravilha no seu largo alcance e brevidade. No entanto, certamente não deve ser repetida supersticiosamente (a atitude que Cristo estava execrando, v. 7) e ela não incorpora todos os seus ensinamentos sobre oração (conferir com Jo. 16:23, 24), mas pode ser usada (não apenas recitada) com sinceridade por todos os verdadeiros crentes. Os cristãos certamente perceberão, à luz de revelação posterior, que a oração é possível com base nos méritos de Cristo.

Nosso Pai. Uma maneira incomum de começar uma oração no V.T., mas preciosa a todos os crentes do N.T. Os três primeiros pedidos da oração referem-se a Deus e ao seu programa; os quatro últimos, ao homem e suas necessidades. **Santificado.** O significado aqui é "seja reverenciado e tratado como santo". **Venha o teu reino.** O reino messiânico. Não apenas judeus mas todos os crentes em Cristo deveriam ter um interesse vital pela sua chegada.

O pão nosso de cada dia. O primeiro pedido pelas necessidades pessoais emprega um termo, cada dia, encontrado apenas uma vez no grego secular (Arndt. pág. 296). As opiniões quanto ao seu significado variam entre "diário", "necessário para a existência" e "dia seguinte". **Perdoa-nos as nossas dívidas.** Os pecados tidos como dívidas morais e espirituais para com a justiça de Deus. Esses não são os pecados dos não-regenerados (esta oração foi ensinada apenas aos discípulos), mas de crentes, que precisam confessá-los. **Assim como nós perdoamos.** O perdão dos pecados, quer sob a lei mosaica ou na Igreja, sempre é pela graça de Deus e com base na expiação de Cristo. Entretanto, o caso de um crente confessando seu pecado e pedindo o perdão de Deus enquanto guarda rancor contra outra pessoa, além de ser incongruente, é também hipócrita. É mais fácil ter-se um espírito perdoador quando o cristão considera quanto Deus já lhe perdoou (Ef. 4:32). A falta de perdão é o pecado e deve ser confessado como tal. **E não nos deixes cair em tentação.** Conferir com Tiago 1:13,14; Lc. 22:40. Uma declaração de que Deus, na sua providência, poupará o suplicante das tentações desnecessárias. A doxologia em 6:13b é uma interpolação litúrgica de I Cr. 29:11.

16-18. Terceiro exemplo: jejum. **Quando jejuardes.** A lei mosaica (sob a qual viviam os ouvintes de Cristo) prescrevia um jejum anual, no Dia da Expição (Lv. 16:29, "afligireis as vossas almas"). O farisaísmo acrescentou dois jejuns semanais, às segundas-feiras e quintas-feiras, e os usavam como ocasiões para exibição pública de piedade. Entretanto, a verdadeira função do jejum era indicar contrição profunda e a devoção temporária de todas as energias à oração e à comunhão espiritual. Mas o jejum que exige expectadores é mera exibição. Jesus não instituiu jejuns para os seus discípulos, ainda que o jejum voluntário aparece ocasionalmente na igreja apostólica (Atos 13:2,3).

19-24. Quarto exemplo: riqueza. Um erro comum do farisaísmo e judaísmo era geralmente a ênfase indevida sobre a riqueza material como evidência da aprovação de Deus. Jesus explicou que os **tesouros sobre a**

terra são efêmeros, podendo ser perdidos por causa das traças (confira com vestido, v. 19). **Ferrugem** (uma tradução mais apropriada para *brosis*, conferir com mantimento, v. 25) e **ladrões**. O cidadão do Reino deveria antes ajuntar tesouros no céu, concentrando-se na justiça (veja v. 33). **A lâmpada do corpo**, que recebe e dispensa a luz, **são os olhos**. Se os olhos, usados aqui, figurativamente em relação à compreensão espiritual, fossem bons, não sofrendo da visão dupla em relação à questão das riquezas – uma perturbação que é **má** – então o indivíduo pode ver as riquezas na sua perspectiva correta. A impossibilidade de servir a dois senhores no relacionamento do escravo e senhor é uma ilustração pitoresca. **Mamom**. Ainda que a sua origem seja incerta, parece ser uma palavra aramaica indicando riquezas, aqui personificadas. Observe que Jesus não condena as riquezas mas a escravidão às riquezas.

25-34. Quinto exemplo: ansiedade. Aqueles que não têm riquezas podem acabar sendo vítimas da preocupação por falta de fé. Daí a transição natural. **Não andeis ansiosos**. Não uma proibição de providência ou planejamento (confira com I Tm. 5:8; Pv. 6:6-8; 30:25), mas de ansiedade sobre necessidades diárias. **Não é a vida mais do que o alimento?** Considerando que a própria vida e o corpo foram providenciados por Deus, não deveríamos confiar nele para providenciar aquilo que tem menos importância? Considerando que Deus fornece o sustento às aves que não têm capacidade de semear, colher e armazenar, quanto mais deveriam os homens, que foram equipados com essa capacidade, confiar em seu Pai celestial! **Acrescentar um côvado ao curso de sua vida**. O alimento é essencial ao crescimento. Mas mesmo isso Deus controla. Conforme uma criança vai crescendo e se tornando adulta, Deus acrescenta muito mais do que um côvado (cerca de 45 cm) mas a ansiedade só pode atrapalhar e não ajudar. Alguns preferem traduzir para *período de vida* e não **estatura**, e tentam descobrir exemplos de **côvado** como medida de tempo. Entretanto, a primeira interpretação serve bem à passagem. **Lírios**. Qual a flor em particular indicada por esta palavra é duvidoso, mas elas deviam estar florescendo

naquela ocasião uma vez que Jesus se refere a **qualquer deles. Salomão.** O mais magnífico rei hebreu. **Erva do campo.** Os lírios acabados de mencionar, a beleza dos quais é breve, e que logo são cortados coma erva e usados como combustível para as necessidades do homem aquecendo no **forno** (Tiago 1:11). **Vós, homens de pequena fé.** Uma expressão usada quatro vezes em Mateus e uma vez em Lucas, como encorajamento para o crescimento na fé, e também como reprimenda carinhosa. **Os gentios é que procuram.** Uma referência à atenção que os gentios dispensam às coisas materiais porque não conhecem Deus na qualidade de Pai celestial (conferir com 6:7, 8). **Buscai, pois em primeiro lugar.** Os ouvintes de Cristo, que já se declararam às ordens do Rei, devem continuar buscando (verbo durativo) o Reino, concentrando-se nos valores espirituais e colocando toda a sua confiança em Deus; e Deus que conhece suas necessidades temporais suprirá o que for necessário. **O amanhã trará os seus cuidados.** Uma personificação notável. **Basta a cada dia o seu próprio mal.** Este mal é explicitamente físico, referindo-se aos problemas que podem surgir. Não tem sentido acrescentar os cuidados de amanhã aos cuidados de hoje.

Mateus 7

7:1-12. Sexto exemplo: julgando outros. **Não julgueis.** O imperativo presente sugere que o hábito de julgar os outros é que está sendo condenado. Ainda que a palavra **judgai** seja neutra quanto ao julgamento, o sentido aqui indica um julgamento desfavorável. Aqueles que criticam os outros devem parar, tendo em vista o juízo final, pois os homens não podem julgar os motivos como Deus pode (conferir com Tiago 4:11, 12). Os crentes não devem fugir a toda crítica (conferir com 7:6, 16), pois os cristãos têm de julgar-se a si mesmos e aos membros ofensores (I Co. 5:3-5, 12, 13). **Para que não sejais julgados.** O subjuntivo aoristo entende-se melhor quando aplicado ao julgamento de Deus e não dos homens (conferir com 6:14, 15). **Argueiro.** Uma partícula de palha ou feno, ou uma lasca de madeira. **Trave.** Um tronco

ou tábuas, usado como viga mestra em um telhado ou assoalho; aqui representa um espírito reprovador. A ilustração foi intencionalmente exagerada para mostrar a posição ridícula daquele que se coloca como juiz dos outros. Essa pessoa é chamada de **hipócrita**, pois pretende agir como médico, quando ela mesma está enferma. Esta ordem, entretanto, não exime os crentes de fazer distinções morais. Aqueles que ouviram o Evangelho e o apelo de Cristo, e pela sua atitude demonstraram que a sua natureza é inalteravelmente viciosa (cães e porcos eram especialmente repulsivos aos ouvintes de Jesus), não devem ter a permissão de tratar essas coisas preciosas com pouco caso (conferir com 13:11-15).

Os seguintes versículos sobre a oração (cons. Lc. 11:9-13) respondem aos problemas que o crente possa ter à vista das instruções sobre o julgamento. A necessidade de discernir os cães e os porcos quando estiver fugido à trave do olho exige sabedoria do alto. Daí Jesus incentiva seus seguidores a **pedi, buscai e batei**, para que suas deficiências sejam supridas pela provisão divina. Os três imperativos estão em ordem crescente, e suas formas contínuas sugerem, além da perseverança, oração freqüente por toda e qualquer necessidade. Existe uma semelhança tosca entre o **pão** (um pãozinho pequeno e redondo) e uma **pedra**, e entre um **peixe** e uma **serpente**, mas nenhum pai enganaria assim uma criança com fome. **Que sois maus**. Uma referência à natureza pecadora do homem (até os discípulos têm esta natureza). **Boas dádivas** foi substituído em Lc. 11:13 (em outra ocasião) por Espírito Santo, o Doador de todo o bem. O versículo 12 aplica a instrução anterior. Ainda que maus por natureza, somos reconhecidos por Deus como seus filhos e temos a promessa de recebermos respostas às orações. Daí, em vez de julgarmos os outros, devemos tratá-los como gostaríamos de ser tratados. Este resumo do V.T. (**a lei e os profetas**) é uma reafirmação da segunda tábuas da Lei (Mt. 22:36-40; Rm. 13:8-10), e repousa sobre a primeira, pois o relacionamento do homem com Deus sempre será a base do seu relacionamento com o próximo.

e) Exortações Finais aos Cidadãos do Reino. 7:13-27.

13,14. Entrai pela porta estreita. Para aqueles que já entraram, pela fé, em relação com Cristo (como também aos outros que estavam ouvindo; v. 28) nosso Senhor descreve a impopularidade relativa de sua nova posição. A ordem de **porta** e **caminho** sugerem a porta como entrada para o caminho, símbolo da experiência crucial do crente com Cristo, a qual introduz à vida piedosa. Os cristãos primitivos eram chamados de aqueles "do Caminho" (Atos 9:2; 19:9, 23; 22:4; 24:14, 22). Enquanto a grande massa de humanidade está sobre o **caminho espaçoso** que conduz à **perdição** (ruína eterna), a outra **porta** e o outro **caminho** são ao estreitos que precisam ser **procurados**. Mas o mesmo Deus que providenciou Cristo, a porta e o caminho (Jo. 14:6), também leva os homens a encontrarem a porta (João 6: 44). **Vida.** Contrastando aqui paralelamente com perdição e assim uma referência ao estado de bem-aventurança no céu, ainda que esta vida eterna comece na regeneração.

15-20. Aqueles que entram pelo caminho apertado precisam se precaver contra os **falsos profetas**, que dizem guiar os crentes mas que na realidade praticam a mentira. **Disfarçados como ovelhas** não deve ser entendido como a vestimenta do profeta, mas é um contraste evidente aos **lobos** perversos. O povo de Deus de todas as épocas precisou estar alerta contra os líderes mentirosos (Dt. 13:1; Atos 20:29; I Jo. 4:1; Ap. 13:11-14). **Pelos seus frutos.** As doutrinas proferidas por esses falsos profetas, mais do que as obras que praticam, uma vez que a aparência exterior pode não despertar suspeitas. O teste do profeta é a sua conformidade com as Escrituras (I Co. 14:37; Dt. 13:1-5). **Árvore má.** Uma árvore arruinada, sem valor, inútil. A falta de utilidade de uma árvore como essa exige a sua imediata retirada do pomar para que não prejudique as outras.

21-23. Jesus solenemente sugere sua Filiação divina (**meu Pai**) e a sua posição de Juiz (**naquele dia, hão de dizer-me**), e adverte os falsos líderes (aqueles que **profetizaram** em nome de Cristo, **expulsaram demônios** e realizaram **muitos milagres**) que serão inteiramente

desmascarados e julgados. A simples realização de feitos espetaculares (mesmo os sobrenaturais) não é, necessariamente sinal de autenticação divina (Dt. 13:1-5; II Ts. 2:8-12; Mt. 24:24). O julgamento que se realizará **naquele dia** determinará quem **entrará no reino dos céus** (Mt. 25:31-46). Embora a referência específica deva ser àqueles que ainda estarão vivos ao estabelecimento do reino milenar (caso contrário estariam entre os mortos não justificados que não ressuscitarão até que termine o Milênio, Ap. 20:5), o resultado é o mesmo para os dois grupos; e assim a advertência é pertinente.

Nunca vos conheci. No sentido intensivo de *conhecer com privilégio*, ou *reconhecer* (conf. Sl. 1:6; Amós 3:2).

24-27. A importância suprema de se edificar sobre alicerces certos. O homem cuja casa ruiu falhou não porque deixasse de trabalhar, mas porque não utilizou a rocha. **A rocha.** O próprio Cristo (I Co. 3:11) e seus ensinamentos.

Estas minhas palavras. Capítulos 5-7.

As pratica. Obediência aos ensinamentos. O sermão foi dirigido aos crentes e pressupõe fé em Jesus como o Messias. Não é legalismo. Nenhuma obra alicerçada em meros esforços humanos tem algum valor espiritual, mas a fé em Cristo, a rocha, produz a regeneração que se manifesta na vida piedosa.

28,29. Quando Jesus acabou de proferir estas palavras. Lenski observa a exatidão da observação psicológica de Mateus. Enquanto Jesus falava, a multidão estava enlevada; mas quando ele terminou, a tensão se desfez e o espanto tomou conta das pessoas (*Interpretation of St. Matthew's Gospel*, pág. 314). Não **como os escribas** chama a atenção para o fato de que os escribas, quando ensinavam, apelavam repetidas vezes para a opinião de reconhecidos rabis e à interpretação tradicional. Como eram cansativos quando comparados à autoridade de Cristo, "Eu vos digo"! (5:18, 20, 22 e outras.)

5) Dez milagres e Acontecimentos Relacionados. 8:1 – 9:38.

A narrativa desses dois capítulos está arrumada por tópicos, e a ordem difere um pouco de Marcos e Lucas. Entretanto, a descrição que Mateus faz da purificação do leproso logo após ao Sermão da Montanha deve ser cronológica (conf. 8:1), enquanto que nem Marcos nem Lucas são específicos quanto à ocasião.

Mateus 8

8:1-4. A purificação de um leproso. **Leproso.** Para descrição da lepra bíblica veja Lv. 13, 14, e os dicionários bíblicos. No V.T., esta enfermidade repugnante foi transformada em símbolo dos efeitos do pecado sobre o homem. (As leis não eram primordialmente higiênicas, pois uma pessoa completamente coberta com lepra podia ser declarada limpa; Lv. 13:12, 13.)

Adorou-o. A fé que o leproso demonstrou no poder de Jesus (**Se quiseres**; não "Se puderes") demonstra que o seu ato de prostrar-se era adoração religiosa e não cortesia oriental.

Tocou-lhe. Um ato simultâneo com a declaração de cura pronunciada por Jesus, e assim não foi uma quebra do cerimonial relativo à impureza.

Não digas a ninguém. Não teve a intenção de evitar publicidade, pois **grandes multidões** testemunharam o milagre, mas para evitar que a notícia chegasse prematuramente aos ouvidos do sacerdote, o qual poderia formar um preconceito contra o homem. Cristo queria que a purificação fosse oficialmente declarada primeiro, para que a explicação fosse um **testemunho** contra eles (isto é, contra os sacerdotes que se lhe opunham). Infelizmente, o homem não deu importância à advertência e conseqüentemente causou muitos inconvenientes a Cristo (Mc. 1:45).

5-13. A cura do servo de um centurião. **Centurião.** Lucas indica que ele apelou para Jesus por intermédio de anciãos judeus e outros amigos (Lc. 7:1-10). Os centuriões são uniformemente descritos no N.T., como homens de bom caráter (Mt. 27:54; Atos 10:22; 27:3, 43; e outros).

Este homem era provavelmente um comandante gentio à frente do exército de Herodes Antipas, que mantinha tropas estrangeiras (Josefo, *Antig.* xvii. 8.3). **Paralítico.** A palavra grega *paralytikos* indica paralisia causada por uma variedade de doenças afetando os músculos e órgãos do corpo.

Não sou digno. Este gentio, talvez nem mesmo um prosélito (ainda que tivesse construído uma sinagoga judia, Lc. 7:5), achou que era presunção de sua parte pedir a Jesus que fosse à sua casa.

Eu sou homem sujeito à autoridade. O significado é: Se este oficial de baixa patente podia dar ordens aos seus subordinados, quanto mais Cristo, que possui toda a autoridade, pode dar uma ordem para que a Sua vontade seja feita.

Admirou-se Jesus. Uma indicação de que a onisciência da natureza divina de Cristo não impedia as reações humanas normais. Apesar da riqueza de revelações que Israel possuía, foi a fé de um gentio na autoridade de Cristo que brilhou com mais intensidade. Assim Jesus anuncia que o seu reino messiânico será desfrutado por muitos que não são judeus. Tomarão lugares à mesa com Abraão. Ao se falar no Reino, usa-se muitas vezes a figura de um banquete (Is. 25:6; Lc. 14:15-24).

Os filhos do reino. Os judeus, recipientes das profecias, e conseqüentemente os herdeiros originais, são informados aqui que sem fé, o simples fato de pertencer a uma raça não é suficiente qualificação para o reino de Cristo.

Para fora nas trevas. As trevas do lado de fora do salão iluminado do banquete (conf. 22:13). **Conforme a tua fé.** O homem creu que Jesus podia curar à distância, e Ele o fez.

14-17. A cura da sogra de Pedro e outros. **Tendo Jesus chegado à casa.** Vindo de um culto na sinagoga (Lc. 4:38; Mc. 1:29). Ardendo em febre. Esperando hóspedes, esta enfermidade deve ter perturbado muito todos de casa. Servi-lo. A cura foi completa, sem recuperação gradual. A sugestão de que a esposa de Pedro já tinha morrido, considerando que sua sogra o serviu, contradiz I Co. 9:5.

Chegada a tarde. Ao pôr-do-sol, ao findar do sábado, muitos doentes e endemoninhados foram trazidos em busca de cura.

Ele mesmo tomou as nossas enfermidades. Mateus 9:6 mostra que a cura de doenças (um dos efeitos do pecado) efetuada por Cristo, indica sua competência em lidar com a causa principal. Assim, essas curas foram um cumprimento parcial de Is. 53:4, que foi completado no calvário quando o pecado do homem foi levado por Cristo.

18-22. Entrevista com possíveis seguidores. A ligação cronológica desta passagem complica-se quando comparada com Lucas (9:57 e segs), que a coloca muita mais tarde. Talvez a primeira entrevista acontecesse quando Jesus preparava-se para embarcar, e Mateus acrescenta o último incidente no mesmo parágrafo, enquanto que Lucas agrupa três incidentes parecidos na ocasião.

Um escriba. Ainda que poucos desses mestres religiosos se sentissem inclinados a seguir Cristo (conf. com Mc. 12:28-34; contraste com Lc. 11:53, 54), este se ofereceu para se tornar seu discípulo permanente. Entretanto, Jesus evidentemente viu neste propósito a falta de estimar devidamente os rigores do verdadeiro discipulado.

Filho do homem. Um título que os judeus entendiam pertencer ao Messias (Jo. 12:34) e equivalente a "Filho de Deus" (Lc. 22:69, 70). Era a maneira costumeira de Cristo se intitular, aparentemente de Dn. 7:13,14.

Permite-me ir primeiro sepultar meu pai. Este homem, já um discípulo, foi convidado por Jesus a segui-lo (Lc. 9:59). Tendo acabado de receber a notícia da morte de seu pai, pediu um prazo. A sugestão de que o pai do homem ainda estivesse vivo (considerando que os sepultamentos judeus são feitos no dia da morte, e uma pequena demora não justificaria a resposta de Cristo), não diminui a dificuldade, pois entre os judeus a responsabilidade de um homem diante de um pai idoso era tão grande quanto o seu dever para com os mortos. Jesus viu na hesitação do homem uma fraqueza de fidelidade. **Deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos.**

Quando Cristo chama um homem para uma tarefa específica (Lc. 9:60), o discípulo deve às vezes privar-se do que faria em outra situação. Aqueles que estão espiritualmente mortos são capazes de cuidar dos fisicamente mortos.

23-27. Apaziguando a tempestade. **Uma grande tempestade.** A palavra geralmente usada para "terremoto" foi empregada aqui, talvez por causa da turbulência da água, tão violenta que aterrorizou até mesmo marinheiros experientes. Tempestades violentas não são raras na Galiléia. (W.M. Thomson, *The Land and the Book*, pág. 347).

Por que sois tímidos (*deiloî*) mostra que o medo deles era covarde, indicando pequena fé. Jesus não tinha ordenado ao grupo que fosse até o outro lado (Lc. 8:22)? Mas o fato de terem-se voltado para ele no auge da aflição demonstra uma raiz de fé que podia ser desenvolvida.

Repreendeu os ventos e o mar. Além de ordenar aos ventos, Cristo falou também ao mar, o qual teria, caso contrário, continuado encapelado por algum tempo.

28-34. A cura de dois endemoninhados (conf. Mc. 5:1-20; Lc. 8:26-39). **Terra dos Gadarenos.** Foi assim denominada segundo a cidade de Gadara ao sul. Marcos e Lucas dizem "gerasenos", da vila chamada Gerasa – agora em ruínas à beira do lago – que talvez ficasse no distrito pertencente a Gadara.

Dois endemoninhados. Os outros sinóticos mencionam apenas o mais importante dos dois. Os endemoninhados, no N.T., são descritos não como grandes pecadores nem como vítimas de insanidade (ainda que o demonismo possa produzir tais efeitos), mas como pessoas cujas mentes ficaram sob o controle de um ou mais espíritos maus. O fato de tal fenômeno ser especialmente notório durante os dias do ministério de Cristo na terra, é consistente com os esforços de Satanás de frustrar o programa divino. Os demônios sabiam exatamente onde Jesus se encontrava (**Filho de Deus**), tinham consciência de que seu destino final estava decretado (o tempo, v. 29), e sempre obedeceram a Cristo de maneira absoluta.

Os proprietários da **grande manada de porcos** eram judeus provavelmente, que estavam violando a lei mosaica – pelo menos em espírito – nesse território judeu (sob o governo de Herodes Filipe). Foi por isso que não moveram um processo legal contra Jesus pela perda. Por que um pedido tão estranho da parte dos demônios? Talvez fosse para agarrar uma última oportunidade de fugir ao confinamento no abismo (Lc. 8:31; Ap. 20:1-3). Mas os porcos, debandaram, atirando-se nas águas do mar, frustrando quaisquer que fossem os propósitos dos demônios.

Rogaram que se retirasse. Este pedido, fruto do medo (Lc. 8:37), partiu da população, não exatamente dos proprietários. Horrorizados mas não arrependidos, não quiseram mais saber de Cristo.

Mateus 9

9:1-8. A cura de um paralítico (conf. Mc. 2:1-12; Lc. 5:17-26). **Sua cidade.** Cafarnaum (Mc. 2:1; Mt. 4:13). **Paralítico.** Este paralítico foi abaixado através do telhado por quatro amigos em virtude da densidade da multidão (Mc. 2:3, 4).

Vendo a fé deles. Isto inclui a fé do homem doente, uma vez que o perdão dos pecados só é concedido àqueles que têm fé (ainda que a cura, às vezes, é concedida antes da presença da fé.)

Estão perdoados os teus pecados. Neste caso, a condição do homem parece ter sido o resultado direto de pecado ou então fê-lo refletir mais seriamente sobre a sua natureza pecadora. **Este blasfema.** A acusação dos escribas e fariseus, opondo-se aqui pela primeira vez a Jesus na Galiléia, condenaram-no por assumir as prerrogativas divinas. (Lc. 5:21).

Qual é mais fácil? Uma pergunta que não tem resposta. Ambas as declarações são igualmente fáceis de serem pronunciadas; mas qualquer uma delas necessita de poder divino para ser acompanhada de ação. Um impostor, que procurasse evitar desmascaramento, teria achado a primeira mais fácil, é claro. Jesus precedeu à cura da enfermidade para

que os homens soubessem que ele tinha autoridade para tratar a sua causa, prefigurando assim a expiação. **O Filho do Homem tem sobre a terra autoridade.** A autoridade de Cristo para perdoar e curar são dons divinos para a humanidade.

9-13. Vocação de Mateus, e a festa na sua casa. Todos os sinóticos registram este incidente logo depois da cura do paralisado. **Mateus.** Também chamado **Levi** (Mc. 2:14; Lc. 5:27).

Assentado na coletoria. Cafarnaum (9:1) ficava perto da estrada que ia de Damasco para as cidades costeiras, e era portanto um lugar favorável -para se recolher impostos sobre as mercadorias que iam pela estrada ou que teriam de cruzar o Mar da Galiléia. Edersheim descreve, com base em fontes rabínicas, os impostos aborrecidos que eram extorquidos, e as classificações dos coletores, dos quais Mateus, como funcionário da Alfândega, era do pior tipo (*Life and Times of Jesus*, 1, 515-518).

Ele se levantou e o seguiu. Esta atitude marcou um completo rompimento com o passado; não haveria mais retorno. Seu cargo podia ser ocupado por outro, e encontrar novo emprego seria difícil para um publicano. Estando ele em casa à mesa. Esta festa na casa de Mateus (Lc. 5:29) talvez fosse realizada algum tempo depois de sua chamada. Ele convidou publicanos e pecadores, seus antigos companheiros que viviam em oposição à vontade de Deus conforme revelada no V.T. Sem dúvida os convidou para que Jesus pudesse ganhá-los para Si. Para os **fariseus** que faziam a mais rígida distinção e se tinham na conta de **justos**, Jesus respondeu que o seu ministério era necessário aos **pecadores**, como os serviços do médico são necessários aos doentes. **Os justos.** Jesus usou a estimativa dos próprios fariseus a respeito de si mesmos para responder à objeção deles.

Misericórdia quero, e não sacrifício (Os. 6:6). Uma atitude misericordiosa para com os espiritualmente necessitados é muito melhor do que a mera formalidade nas obrigações religiosas (sacrifício) sem nenhuma preocupação com os outros.

14-17. Esta entrevista com os **discípulos de João** também deve ter acontecido na festa de Mateus (observe a conexão íntima em Lc. 5:33). **Jejuamos muitas vezes.** Ao jejum anual estipulado pelas Escrituras (Dia da Expição) foram acrescentados jejuns para todas as segundas e quintas-feiras, que os fariseus e outros observavam, inclusive os discípulos de João (Lc. 5:33). A resposta de Cristo trouxe à baila a declaração do próprio João (Jo. 3:29), comparando o ministério de nosso Senhor a uma festa de casamento.

Convidados para o casamento. Aqueles que ajudam o noivo. Quando Cristo, o Esposo, **lhes será tirado** por morte violenta, e **nestes dias não de jejuar.** O verdadeiro jejum é resultado da tristeza (andar *tristes*), não de ritualismo. **Pano novo.** Um remendo de fazenda inadequada, que não foi pré-encolhido, quando todo o vestido já foi lavado, enrugaria e rasgaria toda a fazenda à qual foi costurado. **Vinho novo,** que ainda não foi fermentado, romperia os **odres velhos,** pois não têm mais elasticidade. Assim Cristo e sua mensagem eram muito mais do que o judaísmo contemporâneo remendado ou rejuvenescido.

18-26. A cura da mulher que tinha hemorragia e a ressurreição da filha de um chefe. **Chefe.** Um dos chefes da sinagoga, chamado Jairo, provavelmente de Cafarnaum (Mc. 5:21, 22).

Minha filha faleceu agora mesmo. Mateus resumiu diversos detalhes. Marcos e Lucas registraram que Jairo disse primeiro que ela estava morrendo, e mais tarde informou-o através de mensageiros que já tinha morrido. **Ela viverá.** Ainda que sua fé menor que a do centurião (8:8), era notável mesmo assim.

A caminho da casa de Jairo, uma mulher aproximou-se por trás de Jesus. Ela **padecendo de uma hemorragia** (ou *tinha uma hemorragia*) há doze anos. Esse sofrimento era cerimonialmente considerado imundo (Lv. 15:19-30), um fato que explica a sua atitude.

Tocou na orla da veste. Provavelmente a borda dos quatro cantos de sua capa, usada pelos israelitas de acordo com Nm. 15:38 e Dt. 22:12. Novamente Mateus condensa o registro mas observa que Jesus tornou

claro à mulher que a fé, não a orla, foi a razão da cura. Jesus prosseguiu no caminho da casa onde ocorreu a morte. Os tocadores de flauta e outros pranteadores estavam reunidos para o faustoso funeral tradicional (Jr. 9:17; 48:36).

Não está morta a menina, mas dorme. Compare a semelhante declaração de Jesus em relação a Lázaro (Jo. 11:11, 14). A declaração não é uma opinião errada que Jesus formou, nem uma verdade literal que ela estivesse simplesmente inconsciente, nem um argumento de que a morte é o sono da alma. Antes, foi dito à luz do que ele ia fazer a seguir. **A fama deste acontecimento correu** por toda aquela região, apesar da advertência de Cristo contra a publicidade (Mc. 5:43; Lc. 8:56).

27-31. A cura dos dois cegos. Esta narrativa e a seguinte são peculiares a Mateus. **Filho de Davi.** Uma designação messiânica. Considerando que nessa ocasião Jesus estivesse evitando títulos públicos que pudessem ser considerados politicamente, ele não tomou conhecimento desses dois cegos até que todos entraram na casa.

Faça-se conforme a vossa fé. Conf. 8:13. O reconhecimento de Jesus como sendo o Messias, com suas benditas implicações para homens como esses (Is. 35:5, 6), recebeu a bênção solicitada.

Divulgaram-lhe a fama. Incapazes de conterem sua gratidão, não obedeceram a severa advertência de Cristo de guardarem silêncio.

32-34. A cura de um endemoninhado mudo. Ainda que os endemoninhados fossem freqüentemente violentos e loquazes, este era **mudo** e foi trazido por outros (**foi-lhe trazido um mudo endemoninhado**). Mateus descreve o acontecimento com um mínimo de detalhes, observando principalmente a reação da multidão.

Jamais se viu tal coisa em Israel. Esta declaração pode ser a impressão que se desenvolveu durante um período de tempo, culminando neste último milagre. A acusação dos fariseus de que Jesus se associava com o maioral dos demônios deve se referir a este milagre em particular. A acusação não deve ter sido feita diretamente a Jesus, uma vez que ele

não se importou com ela até que fosse novamente repetida (Mt. 12:24-29).

35-38. Outra viagem pela Galiléia. As opiniões divergem sobre se este parágrafo descreve uma terceira excursão pela Galiléia (conf. Mt. 4:23; Lc. 8:1; também A.T. Robertson, *Harmony of the Gospels*), ou se é resumo das atividades de Cristo que começaram em 4:23 (Lenski; Alford).

E percorria Jesus. O grego indica ação contínua. **Ensinando, pregando e curando** reafirmam as atividades mencionadas em 4:23.

Compadeceu-se delas. Essa profunda simpatia de Jesus foi freqüentemente citada como a inspiração de seus milagres (14:14; 15:32; 20:34). Duas ilustrações descrevem o conceito de Cristo em relação às multidões: ovelhas sem pastor, colheita madura. **Exaustas.** Cansados, atormentados. **Aflitas,** ou jazendo prostrados por causa de exaustão ou negligência. Mas Jesus via também o povo como uma seara espiritual, precisando de trabalhadores para ser colhida. Os discípulos receberam a ordem de rogar ao **Senhor da seara** (o próprio Jesus; conf. 3:12, onde João aplica a mesma figura a Cristo) que **mande** ceifeiros. Como acontece com muita freqüência, aqueles que rogam também são os enviados. (Cap. 10.)

Mateus 10

6) A Missão dos Doze. 10:1-42.

Depois de uma declaração explicatória e enumeração dos Doze, Mateus apresenta o desafio que Cristo lhes faz na sua primeira missão. A mensagem está em três partes, destacadas pela frase "Em verdade vos digo" (vs. 15, 23 e 42). a) Instruções para a viagem imediata (vs. 5-15). b) Advertência sobre as futuras perseguições, culminando com o Segundo Advento (vs. 16-23). c) Encorajamento geral para todos os crentes (vs. 24-42).

1. Seus doze discípulos. Este grupo foi formado anteriormente, e agora, depois de um período de instrução (Mc. 3:14) foram enviados em

uma missão. **Deu-lhes autoridade.** O direito e a capacidade. Incluída entre esses poderes delegados estava a capacidade de expulsar espíritos imundos e de curar todo o tipo de enfermidade (observe que Jesus diferenciou claramente entre possessão demoníaca e enfermidade)

2. Os nomes dos doze apóstolos estão relacionados em outros três lugares (Mc. 3:16 e segs.; Lc. 6:14 e segs.; Atos 1:13). A comparação mostra que cada lista tem três grupos contendo os mesmos quatro nomes, ainda que nem sempre na mesma ordem. Entretanto, Pedro é sempre o primeiro nome no grupo um, Filipe é sempre o primeiro no grupo dois, e Tiago, filho de Alfeu, o primeiro no grupo três. Judas Iscariotes quando incluído é sempre o último. Mateus os cita aos pares, provavelmente porque foram assim enviados (Mc. 6:7).

Apóstolos. Papiros descobertos confirmam o significado de "um devidamente habilitado representante de um oficial superior".

Primeiro Simão. Não o primeiro escolhido, e não simplesmente o primeiro da lista, mas provavelmente uma referência à importância de Pedro no círculo apostólico (conf. 26:40; Pentecostes; casa de Cornélio; e outras). Mas ele era o primeiro entre iguais. O N.T. não fala nada sobre uma supremacia Petrina sobre os demais apóstolos (conf. Gl. 2:11; I Pe. 5:1).

3. Bartolomeu é um patronímico de Natanael (Jo. 1:46).

Mateus, o publicano. Um epíteto autodepreciativo empregado apenas no Evangelho do autor.

Tadeu, também chamado Lebeu (em alguns textos antigos), é aparentemente o mesmo Judas, irmão de Tiago (Lc 6:16; Atos 1:13).

4. Simão, denominado aqui pelo nome aramaico "o Zelote" (conf. Lc. 6:15; At. 1:13). Aparentemente ele pertenceu ao fanático grupo político dos zelotes.

Iscariotes. Provavelmente significando "homem de Quiriote". Quiriote seria uma cidade na Judéia.

5. A ordem de Jesus proibindo qualquer missão entre os gentios ou em cidade de samaritanos (mestiços rivais que mantinham um culto rival

e eram desprezados pelos judeus; (Jo. 4:9, 20) não era devido a preconceito (Jo. 4), nem foi permanente (Atos 1:8).

6,7. No momento, entretanto, sua mensagem anunciava o reino dos céus, messiânico (veja 3:2; 4:23), do qual a **casa de Israel** era herdeira.

8. Entre os poderes miraculosos que lhes foram concedidos estava a autoridade de **ressuscitar mortos**, ainda que não haja nenhum registro de tal poder empregado nessa missão. Esses serviços tinham de ser prestados de graça, sem receber nada em troca, pois sua autoridade fora recebida da mesma maneira.

9. Não vos provereis de ouro. Essas instruções só se aplicaram a esta missão específica de duração limitada (conf. Lc. 22:35, 36). Não deviam levar dinheiro em seus cintos (bolsas).

10. Alforje. Mochila, saco de viagem. Não deviam providenciar túnicas e sandálias extras, nem bordão (ainda que pudessem usar as sandálias e o bordão que já possuíam Mc. 6:8, 9). O sustento viria de ouvintes gratos.

11. Indagai quem neles é digno. Ao proclamar a sua mensagem (v. 7), a reação revelaria quem se sentia espiritualmente inclinado a aceitá-los. Quando lhes oferecessem hospitalidade, os discípulos deveriam aceitá-la durante a duração de sua visita.

12. Deviam saudar da maneira costumeira (*saudai*, o que consistia no rico *shalom*, "paz").

13. Se os discípulos descobrissem que seu hospedeiro não era **digno**, mas declaradamente antagônico a seus propósitos e mensagem, sua declaração de paz não deveria ser desperdiçada, mas deveria ser retirada (**torne para vós**) para uso posterior.

14. Se o antagonismo forçasse o abandono de tal **casa** ou mesmo de toda uma **cidade**, o simbolismo de se sacudir o **pó** dos seus pés retrataria viva e solenemente a liberdade dos discípulos do envolvimento na culpa dos seus oponentes no juízo vindouro.

15. Sodoma e Gomorra. Dois exemplos muitas vezes usados de cidades condenadas (Is. 1:9; conf. Gn. 18:20; 19:24-28). **Em verdade**

vos digo. Esta fórmula conclui cada parte destas instruções (conf. vs. 23, 42).

16. Esta segunda porção das instruções vai além da missão específica, lançando olhares para os perigos futuros, e chega a dar uma visão dos tempos escatológicos.

Lobos. Oponentes perversos (7:15; Lc. 10:3; Jo. 10:12; Atos 20:29).

Prudentes como as serpentes e simples como as pombas. "Sozinha, a prudência da serpente é mera astúcia, e a simplicidade da pomba pouco mais que fraqueza; mas combinadas, a prudência da serpente salvaria da exposição desnecessária ao perigo; a simplicidade da pomba, dos expedientes pecaminosos de escapar dele" (JFB, III, 81).

17. Tribunais. Os tribunais locais encontrados em todas as cidades (Jt. 16:18).

18. Governadores e reis. Não há nenhuma sugestão de que isto acontecesse na sua primeira missão; assim, com típico método profético, Jesus usa a ocasião presente para tratar de assuntos um tanto distantes no tempo. Agripa I, Félix, Festo, Agripa II, Sérgio Paulo e Gálio foram alguns dos que ouviram o testemunho relativamente a Cristo e aos apóstolos.

19, 20. Não cuideis. O Espírito proferia os apóstolos com o seu testemunho oral (como também inspiraria seus escritos).

21,22. Perseguição do tipo mais doloroso, até atingindo as famílias, deveria ser esperada. Entretanto, não deviam se entregar ao desespero, pois o livramento estava prometido (conf. 24:13).

23. Fugi para outra. O martírio não devia ser buscado; devia se tomar um cuidado razoável com a vida. Antes que todas **as cidades de Israel** fossem visitadas dessa maneira, o Filho do homem viria. Em contexto semelhante, de Mt. 24:8-31, a Grande Tribulação e o Segundo Advento foram examinados. Daí, a "vinda do Filho do Homem" provavelmente também é escatológica aqui. Isto seria entendido mais prontamente pelos discípulos, que dificilmente pensariam em colocar

esta "vinda" ao lado da destruição de Jerusalém em 70 A.D. Eis aí, portanto, uma promessa de libertação da maior de todas as perseguições. A parte final dá um encorajamento geral para todos os crentes (vs. 24-42).

24,25. O relacionamento de Cristo com os crentes foi apresentado por, meio de três figuras: **discípulo e mestre, servo e senhor, dono da casa e seus domésticos.** Se o próprio Jesus recebeu maus tratos, seus subordinados não podem esperar melhor tratamento.

Belzebu (antes Belzebul ou Bezebul) era considerado o "príncipe dos demônios" (Mt. 12:24; Lc. 11:15), ao que parece idêntico a Satanás. Essa ortografia não ocorre em nenhum outro lugar da literatura judia fora do N.T. A verdadeira explicação é incerta, embora pareça estar relacionado com "Baal-Zebube", deus de Ecrom (II Reis 1:16).

26,27. Não os temais. Este encorajamento baseia-se no conhecimento de que o juízo final de Deus vingará os crentes e acertará contas com os perseguidores. Assim, de acordo com esta máxima muitas vezes usada por Jesus, aquilo que os Doze receberam em particular (**encoberto, em trevas**) devia ser destemidamente pregado em público (**plena luz, dos eirados**).

28. Em resposta à objeção de que tal atitude poria suas vidas em perigo, Jesus os lembra de que é mais importante temer ao que tem autoridade sobre **a alma** e sobre **o corpo**, e pode fazer ambos perecerem no inferno (Geena). Aqui se fala de Deus sem dúvida, não de Satanás, pois aos crentes nunca foi dada ordem de temer Satanás (mas de lhe resistir); nem Satanás destrói os homens no inferno (ele mesmo será punido ali).

29-31. A providência divina, que se estende até os mínimos detalhes deste mundo, fornece um antídoto adicional para o medo.

Dois pardais. Aves familiares na Palestina, usadas às vezes como alimento. Um asse (*assarion*). O asse ou *assarion* romano era uma moeda de cobre, com o valor aproximado de um dezesseis avos do denário (Arndt). Lucas diz que duas dessas moedas poderiam comprar

cinco passarinhos (12:6). **Sem o consentimento de vosso Pai.** Não apenas sem o seu conhecimento; o pensamento do contexto é que sem a sua direção providencial nem mesmo um acontecimento insignificante como esse pode acontecer. Essa providência se aplica aos mínimos detalhes de nosso ser (**os cabelos todos da cabeça**).

32,33. A perspectiva de juízo divino pode também servir de impedimento a que se submeta diante da perseguição.

Todo aquele que me confessar refere-se ao reconhecimento genuíno de Jesus como Senhor e Salvador, com tudo o que esses termos implicam. **Diante dos homens.** Indica uma confissão pública diante de interrogadores humanos, em contraste como reconhecimento dos crentes da parte de Cristo diante do **Pai, que está nos céus.** **Aquele que me negar** (conf. II Tm. 2:12). O tempo do verbo em grego (aoristo, constativo) não se refere a um momento de negação (Pedro, por exemplo), mas à vida na sua inteireza, a qual Cristo é capaz de avaliar com exatidão.

34-39. As advertências precedentes sobre o perigo porvir podem levar alguém a imaginar porque a necessidade de tal sorte. Jesus explica que a sua mensagem, pregada em um mundo rebelde e perverso, seria recebida com hostilidade. **Espada.** Um símbolo de divisão e áspero conflito, conforme os exemplos nos versículos 35, 36.

35, 36. Causar divisão significa literalmente *dividir em dois*. O Evangelho de Cristo tem muitas vezes provocado a desunião até mesmo dentro dos círculos familiares, não por alguma falha do Evangelho, mas por causa da atitude rebelde dos corações pecadores que não se arrependem. A ilustração mostra uma família de cinco membros assim desunidos: **pai e mãe, filha** solteira, **filho** solteiro e a sua noiva, que morava na casa do pai, segundo o costume oriental.

37. Por mais dolorosas que essas divisões sejam, um discípulo não deve permitir que seus afetos naturais enfraqueçam de alguma maneira a sua união com Cristo. Chegará o momento em que ele será forçado a fazer uma escolha.

38. A sua cruz. Embora Jesus não tivesse mencionado ainda a sua iminente crucificação, esta primeira referência a uma cruz feita por nosso Senhor, não precisava de explicação. Os judeus já tinham visto milhares de seus conterrâneos crucificados pelos romanos (Josefo, *Antig.* xvii, 10.10). Por isso a submissão até mesmo à morte, se necessário, é uma exigência se quisermos ser dignos de sermos chamados seguidores de Cristo.

39. Quem acha a sua vida. *Psychê* indica aquilo que anima o corpo e aquilo onde reside a consciência e o espírito. "Vida" e "alma" são duas tentativas da língua portuguesa para se traduzir essa palavra de muitos aspectos. O sentido é este: Aquele que na perseguição salva a sua vida negando a Cristo, perdê-la-á finalmente e para sempre (particularmente o aspecto da alma); mas aquele que perde a sua vida por amor a Cristo salvará a sua vida eternamente.

40-42. Concluindo este desafio Jesus demonstra que aqueles que enfrentarem a perseguição serão devidamente recompensados.

Quem vos recebe. Não como um simples hóspede, mas na qualidade de mensageiro de Cristo. Nosso Senhor considera essa recepção como se fosse feita a ele mesmo.

Quem recebe um profeta, no caráter de profeta, isto é, por causa dele ser um profeta (um porta-voz comissionado por Deus). Aqueles que não são profetas participam de suas lutas e também de suas recompensas.

Um destes pequeninos. O menor dos favores realizado para ajudar ao mais insignificante dos servos de Cristo (conf. Mt. 25:40) não passará despercebido por nosso Senhor.

Mateus 11

7) A Resposta de Cristo a João, e Discurso Relacionado. 11:1-30. Aqui Jesus responde a incisiva pergunta de João, presta uma homenagem pública ao seu precursor que se encontra prisioneiro, e castiga as cidades que O rejeitaram.

2. Sobre o aprisionamento de João feito por Herodes em Maquerus, a leste do Mar Morto (Josefo *Antig.* xviii. 5.2.), veja 4:12; 14:1-12. **Mandou por seus discípulos.** Homens que permaneceram leais a João, e a esta altura não viam motivos para abandoná-lo.

3. És tu aquele que estava para vir? Um designativo comum para o Messias (Mc. 11:9; Lc. 13:35). À vista dos pronunciamentos anteriores de João e diante da revelação sobrenatural (Jo. 1:29-34), acusá-lo de dúvidas relativas à messianidade de Jesus parece muitíssimo injusto. Antes, considerando que o caráter do ministério de Jesus parecia carecer do aspecto de justiça que João tinha predito (Mt. 3:10-12), ele deve ter ficado a imaginar se não haveria necessidade de aparecer uma adicional figura messiânica, semelhante a Elias (cf. Ml. 4:5 ; Jo. 1:19-21).

4,5. A delicada resposta de Jesus chamou a atenção para as suas obras, as quais João reconheceria como credenciais messiânicas (Is. 29:18, 19; 35:5, 6; 61:1).

Os mortos são ressuscitados. Lucas descreve um desses milagres exatamente antes desta entrevista (Lc. 7:11-17).

6. Aquele que não achar em mim motivo de tropeço. Este estímulo encorajador à fé de João fê-lo lembrar e a todos os crentes que o reconhecimento de Jesus como Messias é a característica do homem espiritualmente bem-aventurado (Jo. 20:31).

7-19. Homenagem prestada a João.

7. Um caniço agitado pelo vento. Uma pessoa inconstante. A intenção óbvia de Cristo era negar que João fosse assim e por isso ninguém devia conferir falta de fé à pergunta apresentada por João.

8. Que se vestem com roupas finas. Embora um guarda-roupa suntuoso fosse esperado em um emissário político, as bem conhecidas vestes proféticas de João (3:4) indicavam a sua missão espiritual.

9,10. Muito mais que profeta. Além de ser o último porta-voz inspirado do V.T., era também o precursor previsto para o Messias (Ml. 3:1), especialmente escolhido para apresentar o Messias a Israel.

11. Conseqüentemente nenhum ser humano é maior do que João. Aqui Jesus destrói qualquer suspeita de desentendimento entre ele e João.

Mas o menor no reino dos céus é maior do que ele. Nesta declaração parece que João fica de fora do reino. Por isso o reino dos céus deve ser encarado como o reino messiânico anunciado por ambos, João e Jesus (3:2; 4:17). João, cujo ministério era o da preparação, estava agora prisioneiro e logo morreria. Mas aqueles que atenderam à proclamação e estavam agora dentro do círculo dos seguidores de Jesus constituíram o núcleo do Seu reino. Receberam novas verdades e privilégios, e depois da rejeição nacional de Jesus, seriam batizados em um novo corpo espiritual, a Igreja (uma parte do reino messiânico, Cl. 1:13; Ap. 20:6). João era o amigo do Esposo, mas os discípulos eram a Esposa (Jo. 3:29). Quando Jesus proferiu essas palavras (antes do Pentecostes, Atos 2), **reino dos céus** foi o termo mais inteligível que poderia ter usado.

12. O reino dos céus é tomado com esforço. Este verbo deve ser considerado intermediário – *força o seu caminho com esforço* (conf. Lc. 16:16), ou passivo – *se esforça para entrar nele*. A última forma é mais consistente com a cláusula seguinte. Da proclamação inicial de João sobre a vinda do Reino, a reação foi violenta, quer dos oponentes desconfiados (cof. vs. 18, 19; 14:3, 4), quer dos entusiásticos partidários.

Os que se esforçam se apoderam dele. Compare Lc. 16:16. Entre os mais destacados partidários de Cristo estavam os publicanos, as prostitutas e os pecadores declarados, que acorriam para nosso Senhor em grandes grupos.

13-15. João foi o último profeta da dispensação do V.T. que profetizou a vinda do Messias. Incluída entre essas profecias do V.T. estava a vinda de **Elias**, para anunciar o grande Dia do Senhor (Mt. 4:5). Embora o próprio João negasse que era o Messias ressuscitado (Jo. 1:21), Jesus declara que se os judeus O recebessem totalmente e ao Seu Reino, João teria cumprido a profecia do V.T. (Mt. 17:10-13; conf. Lc.

1:17). Considerando que isso não ocorreu, João não cumpriu tudo o que estava predito sobre Elias; e por isso o cumprimento completo ainda está no futuro. Esta passagem demonstra claramente a natureza condicional que o reino oferece.

16-19. Contrastando notavelmente com esta brilhante avaliação da pessoa de João havia o prevalecente sentimento das multidões para com João e Jesus.

Esta geração. Os contemporâneos de João e Jesus (v. 12). **Semelhante a meninos.** Esta despreziosa parábola descreve uma cena que se passa na via pública, onde um grupo de crianças impertinentes não sabe do que vão brincar (conf. Lc. 7:31-35). Sugestões para brincarem de casamento (**tocamos, dançastes**) e enterro (**lamentações, pranteastes**) não foram bem recebidas; então não brincaram de nada. Semelhantemente, o ministério ascético de João mereceu-lhe o epíteto de que era endemoninhado.

Tem demônio. Mas o hábito de Jesus estar em contato com os pecadores, participando dos seus costumes sociais, provocaram declarações maldosas e mentirosas de que ele era **glutão e bebedor de vinho**, tão mau quanto seus companheiros. Entretanto, a sabedoria das atitudes de ambos foi provada (**justificada**) pelos resultados.

20-24. Censura às cidades. **Onde se operara numerosos milagres.** Os Evangelhos não registram nenhum milagre ocorrido em Corazim ou Betsaida (não Betsaida Julias). Provavelmente essas duas vilas ficavam tão perto de Cafarnaum, que era maior, que muitos dos milagres realizados em Cafarnaum foram presenciados pelos habitantes das três comunidades.

Tiro e Sidom. Notáveis cidades costeiras da Fenícia, objeto do juízo divino através de Nabucodonosor e Alexandre (conf. Ez. 26-28).

Com pano de saco e cinza. (conf. Jn. 3:5-8). O costumeiro modo oriental de demonstrar pesar. Tivessem elas a oportunidade dessas cidades judias, disse Jesus, teriam **permanecido até hoje**. Por que tal oportunidade não lhes foi concedida deve ser deixado com os propósitos

soberanos de Deus, que enviou Cristo primeiramente à casa de Israel. Entretanto, os privilégios espirituais maiores concedidos a Corazim e Betsaida tornaram sua incredulidade mais culposa. Quanto a **Cafarnaum**, a qual, sendo o lar de Jesus, teve a maior de todas as oportunidades, apresentou-se a pergunta retórica,

E tu, Cafarnaum, elevar-te-ás, porventura até ao céu, que implica na resposta negativa, **Descerás até ao inferno**. O estado de seus habitantes no dia do juízo será pior que o de Sodoma, a cidade proverbialmente má.

25-30. Jesus conduziu o discurso com uma explicação sobre a incredulidade dos homens, e um apelo bondoso.

25. Exclamou Jesus. Os versículos seguintes são uma resposta aos problemas levantados pela discussão anterior.

Graças te dou, ó Pai. O verbo *exoplologoumai* descreve uma confissão ou pleno reconhecimento, unido ao louvor. **Sábios e entendidos.** A compreensão espiritual de Cristo e seu reino não se alcança por meio do intelecto ou senso comum. **Pequeninos.** Aqueles que, em resposta à mensagem de Cristo, reconhecem sua incapacidade espiritual e são capazes de aceitarem seus ensinamentos (18:3). A glória do Evangelho consiste em que tanto as pessoas cultas como as ignorantes podem se transformar em criancinhas.

26. A explicação final da reação humana, entretanto, jaz na aprovação de Deus (conf. Ef. 1:5; Fl. 2:13).

27. Tudo me foi entregue por meu Pai. Jesus proclama uma autoridade que o distingue de todas as outras pessoas (conf. Mt. 28:18; Jo. 13:3). Aqui, aquela autoridade foi apresentada envolvendo a revelação de Deus aos homens.

Ninguém conhece o Pai, senão o Filho. O mútuo conhecimento do Pai e do Filho é perfeito, mas limita-se aos dois a não ser que a humanidade receba revelação. **Aquele a quem o Filho o quiser revelar.** O Filho, na qualidade de imagem de Deus, é o revelador do Deus invisível (Cl. 1:15); ele é o Logos, a expressão do Deus invisível (Jo. 1:1,

18). Daí, Mateus concorda com os pensamentos mais frequentemente expressos por João e Paulo. Isso prova que os escritores bíblicos tinham essencialmente uma só mente em relação à verdade que o homem depende da graça de Deus em Cristo para todo conhecimento espiritual.

28. Vinde a mim. À vista da autoridade investida em Cristo (v. 27), este convite vibra cheio de oportunidade. **Todos os que estais cansados.** Homens cujos esforços fatigantes para alcançarem descanso espiritual não aliviaram o fardo das obrigações criadas pelo homem (23:4).

29,30. Tomai sobre vós o meu jugo. Uma metáfora judia relacionada com disciplina e discipulado. "Ponha seu pescoço sob o jugo, e deixe a sua alma ser instruída" (Sir 51:26). Só Cristo é o Professor que através de sua pessoa e obra pode instruir os homens em relação ao Pai, e dar-lhes o **descanso** para as **almas** que é a própria essência da verdadeira experiência espiritual, um descanso envolvendo remoção da culpa do pecado e a posse da vida eterna. **Meu fardo é leve.** As obrigações envolvidas no Evangelho são benditas, e com o jugo vem também a força para levá-las a cabo.

Mateus 12

8) A oposição dos fariseus. 12:1-50.

Mateus registra uma série de incidentes demonstrando a natureza da hostilidade farisaica.

1-8. Os fariseus se opõem à colheita de **espigas no sábado.**

1. Ao caminhar pelas **searas**, os discípulos exerceram seu privilégio legal de colher e comer as espigas (Dt. 23:25).

2. Para **os fariseus**, que deviam estar passeando pelos mesmos campos, o ato pareceu ilícito porque envolvia a quebra do **sábado**. Rabinicamente interpretado, colher espigas era trabalho (Êx. 20:10).

3,4. A primeira réplica de Cristo cita **Davi e os pães da proposição** (I Sm. 21:1-6). Embora a Lei divina restringisse os pães da proposição aos sacerdotes (Lv. 24:9), a extrema necessidade humana invalidava este regulamento, e os rabis o compreendiam assim.

5,6. Uma segunda ilustração mostra que a lei do descanso sabático não era absoluta, pois dos sacerdotes se exigia pela própria lei que trabalhassem no sábado (Nm. 28:9,10). O argumento é, se os sacerdotes não são culpados ao trabalhar no sábado para promoção da adoração no templo, quanto menos culpa têm os discípulos em usar o sábado para a obra de Cristo, que é a realidade para a qual o Templo apontava.

7. O terceiro argumento de Cristo aponta a má interpretação farisaica de Os. 6:6. **Misericórdia quero e não holocausto** (conf. Mt. 9:13). Deus deseja corações preparados muito mais do que as exterioridades que se transformaram em meras formalidades. Uma compreensão espiritual de Cristo e dos discípulos da parte dos fariseus teria evitado que julgassem os inocentes.

8. É Senhor do sábado. Considerando que Jesus, como Filho do Homem, é o Senhor do sábado, os discípulos que usaram o sábado ao segui-lo, faziam-no de maneira apropriada.

9-21. Os fariseus se opõem à cura no sábado. (Conf. Mc. 3:1-6; Lc. 6:6-11)

9. Sinagoga deles. Lucas conta que isto ocorreu em um outro sábado.

10,11. É lícito curar nos sábados? O V.T, não fez nenhuma proibição, mas alguns rabis achavam que era trabalho. Jesus, entretanto, apontando para o que qualquer indivíduo teria feito em favor de uma infeliz **ovelha**, esclareceu a sua própria obrigação.

12. Considerando que o homem é incomparavelmente mais valioso do que uma ovelha, Ele tinha de vir ao seu socorro. Deixar de fazer o bem quando está ao alcance é o mesmo que fazer o mal (veja Mc. e Lc.).

13, 14. O milagre apenas enfureceu os fariseus, que imediatamente conspiraram (com os herodianos, Mc. 3:6) **em como lhe tirariam a vida**. Assim, na Galiléia, como acontecera há pouco em Jerusalém (Jo. 5:18), o ódio assassino começou a tomar forma definida. Homens que achavam que curar no sábado era violação da lei não sentiam escrúpulos em conspirar um homicídio.

15. Afastou-se dali. O conhecimento da conspiração apressou Jesus a evitar o conflito aberto nessa ocasião, pois a sua hora ainda não era chegada. Assim Ele transferiu seu ministério para outros setores (Mc. 3:7), e **curou ele a todos.**

16. Entretanto, ele advertia aqueles que curava (especialmente os endemoninhados, Mc. 3:11, 12) a não usarem os milagres para proclamá-lo o Messias, excitar conseqüentemente as multidões e a oposição.

17-21. Para se cumprir. Este ministério manso e não provocativo de Jesus está descrito por Mateus para ser consistente com a profecia messiânica (Is. 42:1-4). Pois assim como Jesus enfatizou os aspectos justiceiros e espirituais do seu Reino, também não se empenhou em arengas públicas, nem em demagogia política. Também não espezinhou os fracos com intuítos de alcançar seus desígnios. **Torcida que fumega.** O pavio de um candeeiro cujo combustível se acabou, símbolo daqueles que são fracos.

22-37. Os fariseu se opõem a que Cristo expulse demônios.

22. Um endemoninhado. A possessão demoníaca produziu dois efeitos colaterais – cegueira e mudês. A cura removeu todas as três aflições.

23. É este, porventura, o Filho de Davi? A resposta negativa implícita na pergunta revela que mesmo tendo o milagre levantado a possibilidade de sua messianidade (Filho de Davi, conf. 1:20; 9:27), o povo tinha a predisposição de não crer.

24. A perversa acusação de que o poder que Cristo possuía sobre os demônios derivava de uma ligação com Belzebu (veja comentário em 10:25) era do conhecimento pleno de Jesus e foi publicamente refutada de maneira inatacável.

25,26. A simples analogia de um reino dividido, cidade ou casa, que tende à autodestruição, refuta a acusação. Pois, expulsando demônios, Jesus estava certamente frustrando as obras de Satanás, e devemos creditar a Satanás uma porção razoável de esperteza. (Nem se deve

aceitar que Satanás pudesse permitir uma expulsão para confundir, pois não foi um caso isolado.)

27. Por quem os expulsam vossos filhos? Considerando que alguns dos companheiros desses fariseus (compare a expressão do V.T., "filhos dos profetas") diziam possuir o poder de exorcizar, era ilógico atribuir efeitos semelhantes a causas diferentes. Se os judeus realizavam exorcismos válidos não importa à argumentação (*ad hominem*). O fato dos fariseus asseverarem-no torna o argumento eficiente. Se, entretanto, Jesus insinua que pelo menos alguns dos exorcismos dos fariseus eram genuínos, é preciso aceitar que o poder deles vinha de Deus (caso contrário, o argumento de Cristo ficava grandemente enfraquecido).

28,29. O argumento final de Cristo chama a atenção para o seu próprio ministério, particularmente para a expulsão dos demônios, que era evidência suficiente de que era **chegado o reino de Deus**. A descrição do ministério de Cristo como **a entrada na casa do valente** (o domínio de Satanás) para **roubar-lhe os bens** (o poder de Cristo sobre os demônios), fornece prova clara de que o **homem valente** (Satanás) **primeiro** foi manietado. A vitória de Jesus sobre Satanás na tentação (4:1-11) demonstrou a superioridade do Senhor.

30. Quem não é por mim é contra mim. No conflito com Satanás, a neutralidade é impossível.

31,32. Todo o pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens. O princípio geral. A expiação feita por Cristo no Calvário seria suficiente para remir a culpa de todos os pecados, até as formas mais graves de injúria contra Deus (**blasfêmia**). Um pecado, entretanto, foi declarado imperdoável: se alguém falar contra o Espírito Santo. À vista do princípio que Jesus apresentou antes, esta imperdoabilidade não pode ser devida à impropriedade da expiação, nem podemos supor qualquer santidade peculiar da Terceira Pessoa da Trindade. Muitos explicam este pecado como sendo a atribuição da miraculosa obra do Espírito ao poder de Satanás (conf. Mc. 3:29, 30), e não vêem possibilidade de ser hoje cometido (Chafer, Broadus, Gaebelin). Outros, entretanto, consideram a

acusação dos fariseus um sintoma, e não o pecado em si. Os versículos seguintes apontam o coração corrupto como a causa do pecado.

A função particular do Espírito é a de convencer e causar arrependimento, tornando o homem receptivo ao apelo de Cristo. Assim, os corações que odeiam a Deus e blasfemam contra Cristo (I Tm. 1:13) ainda podem ser convencidos e levados ao arrependimento pelo Espírito. Mas aquele que rejeita toda aproximação do Espírito afasta-se da única força que o pode levar ao perdão (Jo. 3:36). Que tal estado decaído pode ser experimentado nesta vida está claramente implícito nesta passagem. O V.T. descreve-os dizendo que pecam "atrevidamente" (Nm. 15:30): para tais não existe expiação. Os homens não podem ler os corações e portanto não podem julgar quando os outros chegaram a esse estado. A verdadeira possibilidade desse pecado não enfraquece o apelo do evangelho. "Todo aquele que quiser", pois pela sua própria natureza tal vontade não tem a inclinação de aceitar. Quanto aos fariseus que ouviam Jesus, não se declarou se cometeram ou não este pecado em sua totalidade. Sua considerável instrução tornou grande a sua responsabilidade; sua hostilidade anterior provou sua incredulidade determinada.

33-35. Fazei a árvore boa. Uma passagem semelhante a 7:16-20, onde as palavras dos homens são consideradas como indicação do estado do coração humano.

36,37. No dia do juízo o Senhor examinará a vida de todos os homens de ponta a ponta, até mesmo **toda palavra frívola** (não necessariamente má) que tenha brotado do seu coração. Só o divino Juiz é capaz de registrar, avaliar e dar um veredito sobre tais assuntos.

38-45. Os fariseus e os escribas exigem um sinal.

38. Queremos ver de tua parte algum sinal. Ignoraram os milagres anteriores. Queriam algum feito sensacional que estivesse de acordo com a idéia que tinham do Messias (conf. Mt. 16:1), um sinal que não exigisse fé, só vista.

39. Uma geração má e adúltera. Uma descrição da nação espiritualmente infiel nos seus votos feitos a Jeová (conf. Jr. 3:14,20). Para tal nação, o grande sinal da Ressurreição foi aqui profetizado (e até já fora sugerido antes, Jo. 2:19-21).

40. A experiência de **Jonas**, que foi libertado do ventre do monstro marinho, era um tipo do futuro sepultamento e ressurreição de Jesus depois de **três dias e três noites no coração da terra**. Aqueles que se apegam à tradicional crucificação na sexta-feira explicam o tempo aqui idiomáticamente, como partes de dias (sexta-feira, sábado e domingo). Aqueles que se apegam à crucificação na quinta-feira explicam a referência literalmente, contando setenta e duas horas, do pôr-do-sol de quinta-feira ao pôr-do-sol de sábado (por exemplo: W.G. Scroggie, *Guide to the Gospels*, pág. 569-577).

41. Os ninivitas, tendo recebido Jonas e a sua mensagem depois de seu milagroso salvamento, **se arrependeram**. Por isso, sua atitude coloca Israel em situação muito pior, pois como nação permaneceu sem arrependimento, tanto antes como depois da Ressurreição, mesmo quando estava ali **quem é maior do que Jonas** (*maior do que*).

42. Do mesmo modo o interesse da **rainha** de Sabá (I Reis 10:1-13) pela **sabedoria de Salomão** (divinamente concedido) colocará em triste contraste, no juízo, a incredulidade do atual judaísmo.

43-45. Uma parábola notável sugerida, naturalmente pela ocasião (12:22 e segs.), descreve a situação precária de Israel (e dos fariseus). O demônio expulso, não encontrando descanso nos **lugares áridos** (indicado em outro lugar como habitação dos demônios: Is. 13:21; Baruque 4:35; Ap. 18:2) retorna à sua antiga habitação, que agora está mais atraente (**varrida e ornamentada**), mas **vazia**. Torna a entrar com outros sete espíritos, e o resultado é uma degeneração ainda pior.

Assim também acontecerá. Israel (nacional e individualmente) foi moralmente purificada pelos ministérios de João e Jesus. Desde o Exílio, as perversidades da idolatria declarada foram removidas. Mesmo assim, em alguns casos, a reforma que tinha a intenção de ser preparatória

interrompeu-se. A casa de Israel estava "vazia". Cristo não foi convidado a ocupá-la. Por isso esta geração perversa alcançará um estado ainda pior. Alguns anos mais tarde esses mesmos judeus enfrentaram os horrores de 66-70 A.D. No tempo do fim, os membros dessa raça (genea) serão especialmente vitimados por demônios (Ap. 9:1-11).

46-50. A mãe e os irmãos de Cristo.

46,47. Sua mãe e seus irmãos. Esses irmãos são presumivelmente os filhos de José e Maria, nascidos depois de Jesus. **Procurando falar-lhe** indica que foi feito um esforço, mas a multidão era grande demais (Lc. 8:19). Os motivos de sua preocupação estão óbvios. Anteriormente, a pregação de Jesus em Nazaré forçara a família a mudar-se para Cafarnaum (4:13; Lc. 4:16-31; Jo. 2:12). Agora provocara a oposição aberta e blasfema dos fariseus. Além disso, amigos file contaram que a tensão do seu ministério afetara-file a saúde (Mc. 3:21). O versículo 47 acrescenta alguma informação nova, e muitos manuscritos o omitem.

48. Quem é minha mãe? Com esta pergunta que intriga, Jesus deixa a multidão admirada e a prepara para ouvir uma preciosa verdade.

50. Qualquer que fizer a vontade de meu Pai. Este "fazer" não é alguma forma de justiça pelas obras, mas a reação do homem ao apelo de Cristo. "A obra de Deus é esta: Que creiais naquele que ele enviou" (Jo. 6:29). O relacionamento espiritual entre Cristo e os crentes é mais íntimo que o mais íntimo laço de sangue. Essas palavras não foram um desrespeito à Maria, nem a seus irmãos, pois em ocasião posterior nós os encontramos participantes desse relacionamento espiritual (Atos 1:14). Como também não há aqui nenhuma sugestão de que a mãe de Jesus tivesse um acesso especial à sua presença.

Mateus 13

9) Uma Série de Parábolas sobre o Reino. 13:1-58.

A primeira e extensa série de parábolas foi apresentada em um dos dias mais ocupados do ministério de Jesus. O registro de Mateus apresenta uma lista de sete parábolas, e uma aplicação filial. Marcos

registra quatro, inclusive uma que não se encontra em Mateus. Lucas registra três, não juntas. Duas das parábolas foram interpretadas por Jesus (O Semeador, O Joio) e a terceira parcialmente (A Rede); isto fornece um esquema para compreensão das outras.

1. Naquele mesmo dia. Só Mateus relaciona este episódio à discussão anterior. Sendo tão grande a multidão (que sua família não pôde alcançá-lo; 12:46), **Jesus** saiu da **casa** e orientou-se **à beira do mar**.

2. Usando um barco como se fosse plataforma, ele **se assentou** tal como os mestres costumavam fazer e dirigiu-se aos que estavam **na praia**.

3a. Parábolas. Narrativas especiais que Jesus usava para transmitir verdades espirituais através de comparações. Embora Jesus não seja o inventor do ensino por meio de parábolas, o uso que fez do método ultrapassou em muito todos os outros mestres na eficiência e profundidade das verdades descritas.

3b-23. O Semeador.

3b. O semeador. O artigo definido é provavelmente genérico. Todos os semeadores trabalham da mesma maneira.

4. Ao jogar a semente, uma parte caiu sobre a terra crestada do caminho que atravessava o campo. Essa semente sobre a superfície rapidamente atraiu as aves.

5,6. Solo rochoso. Não um solo coberto de pedras, mas uma grande rocha coberta com uma fina camada de terra. As sementes ali lançadas brotariam rapidamente, pois o sol aqueceria rapidamente a fina crosta; mas por falta de **raiz** e umidade, a planta rapidamente **queimou e secou-se**.

7. Entre os espinhos. Solo infestado com raízes de espinhos que o arado não removeu.

8. Boa terra. O solo fértil da Galiléia era capaz de produzir colheita da magnitude mencionada aqui (V.M. Thomson, *Land and Book*, pág. 83)

9. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça. Uma declaração de que esta história simples, sem prefácio nem explicação, tinha um significado mais profundo.

10-17. Em resposta à pergunta dos discípulos, Jesus declara os motivos porque falava em parábolas.

10. Por que? Já usara parábolas anteriormente, mas esta ocasião era obviamente diferente. Agora as próprias parábolas formavam a base do seu ensino; não eram simples ilustrações.

11. Os mistérios do reino dos céus identificam o conteúdo dessas parábolas como revelação anteriormente velada pertencente ao Reino. A interpretação as relaciona com o dia presente. As glórias do reino messiânico foram claramente esboçadas no V.T. Mas a rejeição do Messias e o intervalo entre a primeira e a segunda vindas não foi compreendida. Essas parábolas descrevem a estranha forma do Reino enquanto o Rei se encontra ausente, durante o tempo em que o Evangelho está sendo pregado e um núcleo espiritual está se desenvolvendo para o estabelecimento do reino messiânico (Cl. 1:13; Mt. 25:34). A revelação desses mistérios em forma de parábola foi devido à existência de dois grupos distintos: **a vós é dado, mas àqueles não lhes é isso concedido.**

12. Aquele que tem. Os discípulos, tendo reagido na fé para com Jesus, já possuíam muito da verdade relacionada com o Messias e o seu programa. Reflexões cuidadosas Sobre essas parábolas dariam-lhes mais luz. **Ao que não tem.** Os incrédulos definidos que recusaram os ensinamentos anteriores de Jesus (conf. caps. 10 e 11) não receberiam a verdade nua para que não a pisoteassem (conf. 7:6). Mas aí também está a graça, pois foram poupados à grande culpa de rejeitarem o mais simples ensinamento, e lá ficou a possibilidade de que a parábola fascinante pudesse despertar a curiosidade provocando uma mudança de coração.

13-15. O estado decaído de insensibilidade espiritual **entre o povo foi encarado como cumprimento parcial** (se cumpre a profecia) de Is.

6:9, 10. A citação de Mateus acompanha a Septuaginta, e enfatiza a incredulidade obstinada do povo. A expressão hebraica *torna o coração deste povo insensível*, apresenta a condição como castigo de Deus pela sua dureza espiritual.)

16,17. Os discípulos, que aceitaram o Messias, foram beneficiados com os privilégios desejados há muito pelos profetas e homens justos da economia do V.T. (conf. I Pe. 1:10-12).

18-23. A interpretação que Jesus dá à parábola explica que o destino da Palavra nesta dispensação, humanamente falando, é devido à condição dos corações humanos.

18. O semeador. Não identificado, mas de conformidade com a parábola seguinte, está claro que é o próprio Cristo, e aqueles que o representam (13:37).

19. A palavra do reino (palavra de Deus, Lc. 8:11), simbolizada pela semente, é a mensagem que Jesus proclamou referente a ele mesmo e ao seu reino.

Este é o que foi semeado à beira do caminho. Não é uma confusão de figuras, mas uma visão da semente no solo que culmina na planta, e assim representando o caso individual. o ouvinte ao pé do caminho é aquele que não reage de maneira nenhuma, do qual Satanás (**o maligno**), pessoalmente ou através de agentes (**aves**, v. 4, costumam representar simbolicamente o mal: Jr. 5:26, 27; Ap. 18:2), logo remove todas as impressões espirituais.

20,21. A semente sobre o recife descreve o caso do ouvinte superficial, emocional (**a recebe logo com alegria**), cujo entusiasmo inicial fica completamente murcho sob o sol revigorante e necessário da **angústia** ou a perseguição.

22. A semente que brota entre os espinhos descreve o ouvinte preocupado cujo coração já está cheio de **cuidados** e de interesses mundanos (os espinhos já estão no solo, mas não visíveis no momento da sementeira). Uma fidelidade dividida não permite a maturação dos valores espirituais.

23. Os únicos ouvintes que receberam aprovação são os da **boa terra**. Só ali se **produz fruto** (Gl. 5:22, 23), e a fertilidade é o teste da vida (Jo. 15:1-6). A explicação de como os corações chegaram a tais condições está fora do alcance desta parábola.

24-30. O Joio. Para a interpretação veja 13:36-43.

24. O reino dos céus é semelhante a um homem. Cristo caracteriza o interregno através do caso do homem que teve a seguinte experiência.

25,26. Os homens dormiam. De noite; o momento mais provável para este trabalho perverso. Nem aqui nem na interpretação este detalhe é considerado uma negligência. **Joio.** *Zizania*, todos concordam que é joio (*lolium temulentum*), uma planta nociva, praticamente impossível de distinguir do trigo até que a espiga se desenvolva.

27. Onde vem, pois, o joio? A extensão da planta inútil não pode ser devido a um acaso (por exemplo, o vento levou a semente), mas só em virtude de uma sementeira deliberada. Mas, não é óbvio que o pai de família semeou boa semente? (A resposta afirmativa está implícita.)

28. Um inimigo fez isso. Exemplos de tal malícia sem rodeios existem (Alford, *New Testament for Eng. Readers*, pág. 98, 99).

29,30. Tempo da ceifa. Quando as diferenças entre o trigo e o joio forem mais pronunciadas, e a separação puder ser feita economicamente pelos ceifeiros. Então o joio foi primeiro atado em molhos **para ser queimado**, e o trigo foi ajuntado.

31,32. O Grão da Mostarda. Esta parábola parece-se com as duas primeiras no seguinte: todas mencionam um homem, um campo e a semente. Consistentemente interpretadas, em cada uma delas o **homem** simboliza Cristo, o campo é o mundo, e a **semente** é a Palavra que fala de Cristo e seu reino.

Grão de mostarda. Seu tamanho diminuto é proverbial (conf. Mt. 17:20). No entanto, neste exemplo, ela cresce e se transforma na maior das hortaliças, uma árvore. Exemplos de crescimento fora do comum na Palestina já foram observados por viajantes, mas raramente, se é que

houve, do tamanho descrito aqui (conf. Mc. 4:32). Que tal crescimento é tido como desfavorável sugere-se pelas **aves que aninham-se nos seus ramos**. Nesta série de parábolas, as aves são os agentes do mal (13:4, 19), como acontece frequentemente nas Escrituras (Jr. 5:26, 27; Ap. 18:2). A história confirma o fato de que do menor dos começos a igreja cresceu espantosamente por meio da proclamação da mensagem de Cristo. No entanto tal crescimento fora do comum tem fornecido lugar de pousada para aqueles que são inimigos de Deus, que procuram a sombra e os frutos da árvore para seus próprios interesses (até as nações gostam de serem chamadas "cristãs"). Os discípulos foram advertidos que a simples grandeza do que aparece externamente ser o reino de Cristo não é essencialmente uma contradição ao ensinamento de Cristo que diz que os verdadeiros crentes são um pequeno rebanho rodeado de lobos (Lc. 12:32; Mt. 10:16).

33-35. O Fermento. Embora alguns interpretem esta parábola e a precedente como sendo uma descrição da influência extensa do Evangelho, tais explicações violam o uso que Jesus fez desses símbolos em outros lugares, como também o significado das outras parábolas (por exemplo, O Joio) que mostram a existência do mal até o fim da dispensação.

33. Fermento. Um bolo de massa velha em alto grau de fermentação. O fermento no V.T. é geralmente símbolo do mal. Mais tarde Cristo usou esse símbolo referindo-se à doutrina perniciosa dos fariseus, saduceus e Herodes (Mt. 16:6-12; Mc. 8:15). As referências paulinas (I Co. 5:6, 7; Gl. 5:9), que com certeza consideram o fermento como sendo o mal, parecem grandemente influenciadas pelas parábolas de Cristo.

Três medidas de farinha. Parece uma quantidade comumente usada na cozinha (Gn. 18:6). A mulher (em contraste com o homem nas outras parábolas) é o oponente de Cristo e impregna o reino nesta dispensação com falsa doutrina. Em outro lugar ela é denominada "Impiedade" (Zc. 5:7,8), "Jezabel" (Ap. 2:20 e segs.), e a "grande meretriz" (Ap. 17:1 e

segs.). Por meio dessa caracterização do fermento na farinha, os crentes são advertidos a se precaverem contra a falsa doutrina que se infiltraria em todas as partes do reino no seu aspecto interregno.

34,35. Nesta ocasião Cristo falou publicamente (às multidões) só em linguagem simbólica, sem interpretação. Só aos discípulos ele explicou o simbolismo (13:10 e segs.; 13:36 e segs.). Mateus o considerou uma retrospectiva do Sl. 78:2, e viu em Jesus o mais perfeito cumprimento da função profética.

36-43. A interpretação que Cristo dá à parábola do Joio. Para a própria parábola consulte 13:24-30.

36. Explica-nos a parábola. Esta parábola é mais complicada do que a da Mostarda, da Semente e do Fermento e a sua implicação com o mal persistente pode ter entrado em conflito com as idéias dos discípulos. A explicação que nosso Senhor deu aos símbolos mostra que os detalhes maiores são importantes, mas que alguns aspectos têm simplesmente a função de dar forma à história e não são simbólicos (por exemplo, o homem que dormia, os servos do pai de família, o amarrar dos feixes).

38,39. O campo é o mundo. Não a Igreja. **Filhos do reino.** Como na explicação do Semeador, a semente é considerada aqui como tendo produzido plantas (13:19). O aparecimento dos verdadeiros seguidores de Cristo neste mundo é imitado pelo **diabo**, cujos **filhos** freqüentemente se disfarçam em crentes (II Co. 11:13-15).

40-43. Embora a remoção eficiente em estágio precoce fique provado ser impossível (v. 29), no fim anjos serão encarregados de colher o joio e o retirarão do seu reino. Assim o joio no mundo também é considerado existente dentro do reino sob um certo aspecto. Deve ser, portanto, na peculiar forma do Reino durante o interregno. A remoção final será feita pelos anjos **na consumação do século** – o fim da septuagésima semana de Daniel, e o tempo da segunda vinda de Cristo, quando Ele estabelecerá o seu glorioso reino (Mt. 25:31-46; Dn. 12:3). Deve-se observar novamente que a Igreja e o Reino não são co-

extensivos, embora, antes do Arrebatamento, os cidadãos do Reino também sejam membros da Igreja. Depois que a Igreja for retirada pelo Arrebatamento, haverá cidadãos do Reino na terra durante a Tribulação. A declaração de que o joio será colhido "primeiro" (vs. 30, 41-43) demonstra claramente que isto não acontecerá por ocasião do Arrebatamento (ocasião na qual os santos serão colhidos), mas no final da Tribulação. Veja uma declaração similar no comentário sobre Mt. 24:40-42, onde os que são retirados são julgados, e os que ficam desfrutam de bênçãos.

44. O Tesouro Oculto. Embora o tesouro costume ser explicado como sendo Cristo, o Evangelho, a salvação, ou a Igreja, pelo que o pecador deveria estar pronto a sacrificar tudo, o uso consistente da palavra homem nesta série refere-se a Cristo, e o ato de esconder novamente depois de encontrar toma os quadros diferentes. Antes, o tesouro oculto num campo descreve o lugar ocupado pela nação de Israel durante o interregno (Êx. 19:5; Sl. 135:4). Cristo veio para essa nação obscura. A nação, entretanto, rejeitou-o, e assim, com propósito divino, foi privada de sua importância financeira; anda hoje continua obscura no seu aspecto externo quanto ao seu relacionamento com o reino messiânico (Mt. 21:43). Mas Cristo deu a sua própria vida (tudo quanto tem) para comprar todo o campo (o mundo, I Co. 5:19; I Jo. 2:2), e assim conseguiu plena posse de direito por descobrimento e redenção. Quando ele voltar, o tesouro será desenterrado e totalmente revelado (Zc. 12,13).

45,46. A Pérola. Esta parábola, parecida no seu desenvolvimento com a do Tesouro Escondido, costuma ser explicada da mesma maneira; mas essas explicações são vulneráveis diante de algumas das mesmas objeções. É consistente, entretanto, que se considere Cristo o negociante, que veio buscar homens e mulheres (**boas pérolas**) que lhe correspondessem e à sua mensagem. Finalmente deu a sua vida (**tudo o que possuía**) para comprar **uma pérola de grande valor** (I Co. 6:20). Essa **uma pérola** representa a Igreja, essa outra grande sociedade dentro

do Reino, composta de homens e mulheres que foram feitos um só na Igreja (I Co. 10:17; 12:12, 13).

47-50. *A Rede.* Uma parábola parecida com a do Joio, mas com ênfase diferente. Esta **rede** é a rede de arrastão que se costuma deixar na água por algum tempo. Representa o Evangelho, que foi enviado ao mundo (**mar** nas Escrituras costuma simbolizar muitas vezes as nações que não têm descanso. Lc. 21:25; Dn. 7:3, 17) através de Cristo e seus apóstolos. Entre os diversos tipos de **peixes** apanhados pela rede, alguns são **ruins**, os quais Jesus interpreta como os homens **maus**, e que na parábola do Joio foram ali colocados por Satanás (conf. também com as aves nos ramos, v. 32). Nem todos os que parecem aceitar o Evangelho são genuinamente convertidos.

51-53. Conclusão das parábolas. Os discípulos, que receberam as parábolas e também os princípios de interpretação (conf. Mc. 4:34) demonstraram compreender esses ensinamentos. Então Jesus comparou a situação deles com a de um **escriba versado** (isto é, mestres e intérpretes da verdade de Deus) que é semelhante a um pai de família eficiente que tem um celeiro repleto para cumprimento de suas obrigações. **Coisas novas e coisas velhas.** Velhas verdades há muito contidas no V.T. e as novas como aquelas que foram reveladas nas parábolas.

54-58. Visita a Nazaré. Mateus anexa este incidente para ilustrar de maneira tocante o desenvolvimento da oposição que tornou necessário o método das parábolas (13:11-15). Esta visita, também registrada em Mc. 6:1-6, é outra e não aquela anterior narrada em Lucas 4:16-30 (antes de Mt. 4:13).

54. A sua terra. Nazaré e suas redondezas.

55. O filho do carpinteiro. A narrativa de Marcos (6:3) indica que alguns chamavam Jesus de "o carpinteiro", indicação de que nosso Senhor aprendeu o ofício de José. **Seus irmãos.** Para um comentário detalhado sobre se esses irmãos eram uterinos, meio irmãos, ou primos, veja J.A. Broadus, *Commentary on the Gospel of Matthew*, págs. 310-312, ou P.S. Schaff, em *Lange's Commentary on Matthew*, págs. 255-

260.) Na ausência de qualquer insinuação de que esses **irmãos** devem ser considerados em algum sentido fora do comum, deve-se deduzir no sentido natural que eram filhos de José e Maria. Parece muitíssimo provável que dois deles, Tiago e Judas, tornaram-se escritores das epístolas do N.T.

56,57. Embora a mãe e os irmãos de Cristo tivessem se mudado para Cafarnaum (4:13), suas irmãs evidentemente se casaram e ficaram em Nazaré (**entre nós**). Considerando que a meninice e juventude de Cristo não se distinguiram por nenhum milagre (conf. Jo. 2:11) seus concidadãos não foram capazes de entender a razão ou de aceitar esse novo reino. Por isso Jesus emprega o mesmo provérbio que antes para explicar a reação deles (Lc. 4:24).

58. Não fez ali muitos milagres. Apenas algumas curas (Mc. 6:5) **Por causa da incredulidade deles.** O poder de Cristo não depende da fé dos homens (conf. Jo. 9:3, 36; Lc. 7:11-15). Entretanto, a incredulidade impediu muitas oportunidades para realização de milagres visto que não muitas pessoas o procuravam.

Mateus 14

10) A Retirada de Jesus após a Decapitação de João. 14:1-36.

O interesse de Herodes em relação às notícias sobre Jesus foi considerado pelo nosso Senhor como sinal para afastar-se. A ordem de Mateus, que antes era comumente por tópicos, agora começa a ficar cronológica até o fim.

14:1-12. O interesse culposo de Herodes. **O tetrarca Herodes.** Herodes Antipas, filho de Herodes, o Grande, e governador da Galiléia e Peréia. Sua ignorância a respeito de Jesus antes desses acontecimentos deve ser por causa de sua ausência do país, ou devido aos seus hábitos de luxo, que o impediam de se interessar nos movimentos religiosos.

2. Este é João Batista. Esta explicação, antes sugerida por outros (Lc. 9:7), foi finalmente adotada por Herodes, que atribuiu o milagre a um João ressuscitado, embora João não realizasse milagres em vida.

3,4. Herodias. Filha de Aristóbulo, um meio irmão de Antipas. Fora esposa de seu tio, Herodes Filipe, dando-lhe uma filha, Salomé. Antipas, entretanto, persuadiu-a a deixar seu marido para casar-se com ele, ainda que ele já fosse casado com a filha do Rei Aretas (que fugira para a casa de seu pai, dando lugar a uma guerra). Tal casamento era adúltero e incesto.

5. E, querendo matá-lo. Herodes sentiu-se dilacerado por emoções mistas (veja também v. 9). A pressão feita por Herodias foi contrabalançada por considerações políticas e mesmo pessoais (Lc. 6:20), e a disposição rural da pessoa de João foi adiada.

6,7. A implacável Herodias não sossegou, entretanto, e a celebração do **dia natalício de Herodes** forneceu-lhe a oportunidade para a vingança. Humilhando sua própria filha e enviando-a para dançar sugestivamente diante de Herodes e sua corte, ela extorquiu de seu governador fantoche uma promessa grandiosa mais adequada a um governador persa (Mc. 6:23; conf. Et. 5:3).

8-11. Instruída por sua mãe localiza a fonte da conspiração. **Dá-me, aqui, num prato, a cabeça de João Batista.** Aproveitando a oportunidade, ela fez o seu sangrento pedido, que não dava lugar a evasivas ou delongas. Esse banquete devia ter-se realizado em Maquerus, onde João encontrava-se prisioneiro (Josefo, Antig. xviii. 5.2).

12. E vieram os seus discípulos, os quais depois de sepultar o seu **corpo** sem cabeça, contaram a Jesus o que tinha acontecido. O problema dos primeiros dias fora satisfatoriamente resolvido (11:2-6) e agora os discípulos de João voltaram-se logicamente para Jesus. Com toda probabilidade aliaram-se a ele.

13,14. Alimentando os cinco mil. O único milagre de Jesus registrado nos quatro Evangelhos. Aconteceu por ocasião da Páscoa (Jo. 6:4), portanto um ano antes da morte de Cristo.

13,14. E Jesus, ouvindo isto, retirou-se. O assassinato de João cometido por Herodes e conseqüente notícia das atividades de Jesus deram motivo a esse afastamento. Outro motivo foi a volta dos Doze de

sua missão (Mc. 6:30; Lc. 9:10), que precisavam de um descanso das multidões e mais instruções da parte de Jesus. Logo, entretanto, Jesus interrompeu seu recolhimento para servir à multidão, que o seguiu **a pé**.

15. Ao cair da tarde. Os judeus consideravam dois períodos distintos na tarde, começando o primeiro cerca das três horas da tarde, e o segundo ao pôr-do-sol (conf. Êx. 12:6). O primeiro período é o do versículo 15; e o segundo no versículo 23. A harmonização exige que Jo. 6:5-7 seja compreendido antes. Mas embora Jesus tenha confrontado Felipe com o problema antes, durante o dia, nenhuma solução foi encontrada pelos discípulos a não ser a de despedir a multidão (**despede as multidões**). Já não havia mais possibilidade de encontrarem comida e pouso, (Lc. 9:12), nessa região pouco habitada, pois a hora era **adiantada**.

16-18. Dai-lhes vós mesmos de comer. Colocando essa responsabilidade sobre os discípulos, Cristo pretendia despertar neles a consciência de que a associação com ele incluía provisão para todas as necessidades. André mencionou o rapaz com os **cinco pães e dois peixes**, mas ele parecia completamente inconsciente das possibilidades divinas (Jo. 6:8, 9).

19. Jesus, entretanto, mandou que a multidão se assentasse em ordem sobre a erva, e depois de abençoar os pães e os peixes (equivalente a "dar graças", Jo. 6:11), distribuiu-os entre a **multidão** através dos **discípulos**.

20. Pedacos. Pedacos que não foram comidos (não simples migalhas). **Doze cestos cheios.** Pequenas cestas de vime (diferentes dos cestos grandes como canastras mencionadas em 15:37), usadas para carregar coisas em viagem. Talvez pertencessem aos apóstolos, e os pedacos nelas recolhidos talvez fossem para as necessidades dos apóstolos.

21. Quase cinco mil homens, além de mulheres e crianças. A proximidade da Páscoa sugere que estivessem se reunindo na Galiléia para a viagem à Jerusalém.

22-36. *Cristo anda sobre as águas.*

22. E logo a seguir, compeliu Jesus a seus discípulos. A urgência dessa ação foi devido à tentativa do povo de transformar Jesus em seu rei pela força (Jo. 6:15).

23. Monte. Um lugar solitário para oração, separado dos distúrbios da multidão não espiritual. O significado dessa situação, semelhante à terceira tentação de Satanás (4:8, 9), forçou Jesus a orar, para que o seu propósito permanecesse firme. Desse monte Cristo podia também observar os seus discípulos no barco (Mc. 6:48). **A tarde.** Com comentário sobre o versículo 15.

24. Manuscritos antigos diferem entre *no meio do mar* e *muitos estádios da praia*. João 6:19 mostra que a distância da praia deveria ser de três a três milhas e meia.

25. Quarta vigília da noite. Isto é, das 3 às 6 da manhã. Os homens remaram desde logo após o pôr-do-sol e estavam quase exaustos. O mar encapelado e o vento contrário prejudicavam o avanço. Embora os discípulos tivessem presenciado o poder de Jesus sobre uma tempestade (Mt. 8:23-27), dessa vez ele não estava com eles. A nova lição que iam aprender era que o poder de Cristo podia sustentá-los em todas as tarefas que lhes fossem entregues, quer ele estivesse presente em corpo, quer não.

Andando por sobre o mar. Para fazer isto era preciso ser o senhor da gravidade, do vento e das ondas. Os discípulos frenéticos deram lugar à superstição. Talvez pensassem que era um arauto da morte que lhes aparecia.

27. Sou eu. Em meio a noite tão escura e tempestuosa, o som da voz familiar devolveu a segurança onde a visão não era suficiente.

28-33. Só Mateus fala de Pedro andando sobre as águas.

28,29. Se és tu, Senhor. Com impulsividade característica ele esperou que lhe fosse dada uma ordem para ir ter com Jesus por sobre as águas. Mas acusar Pedro de ostentação seria acusá-lo mais do que Jesus acusou.

30. Reparando, porém, na força do vento, isto é, seus efeitos. Embora o vento estivesse tão forte quanto antes, toda a atenção estivera centralizada em Jesus, e o Senhor honrou a sua fé concedendo-lhe poder sobrenatural. Quando a concentração na fé foi interrompida, Pedro retornou ao controle dos poderes naturais.

31. Jesus, estendendo a mão. Uma nova exibição de poder sobrenatural, não apenas salvamento físico por meio de força humana.

Homem de pequena fé. O milagre foi concedido para mostrar, em primeiro lugar, que a fé completa em Jesus como divino Messias é suficiente para todas as tarefas recebidas, e em segundo lugar, que a recusa de Jesus em aceitar a proposta política da multidão (Jo. 6:15) não deveria desiludi-los.

32,33. Verdadeiramente és o Filho de Deus. Equivalente ao Libertador Divino, o Messias, ou Cristo. Embora essa identificação fosse feita anteriormente pelos discípulos (Jo. 1:41, 49), havia uma percepção cada vez maior da parte dos Doze do que esses termos significavam.

34,36. Chegaram à terra de Genesaré. Uma planície fértil várias milhas ao sul de Cafarnaum. Considerando que o discurso na sinagoga de Cafarnaum aconteceu provavelmente no dia seguinte à multiplicação milagrosa (Jo. 6:22, 59), este parágrafo pode ser uma descrição geral dos acontecimentos de diversos dias ou semanas, antes e depois da visita a Cafarnaum. O desejo dos doentes de **tocar na orla de sua veste** foi provavelmente motivado pela notícia da cura da hemorragia que tempos atrás ocorreu naquela região (9:20).

Mateus 15

11) Conflito com os fariseus por causa da tradição. 15:1-20.

A oposição local dos fariseus galileus (cap. 12) foi agora reforçada por uma delegação de Jerusalém. Tal oposição aumentada de frequência e intensidade durante o final desse ano.

1. Escribas e fariseus. Provavelmente enviados pelo quartel-general para verificar o que Jesus fazia e para importuná-lo.

2. Por que transgridem os teus discípulos. Embora a acusação seja indireta, está clara a insinuação de que os ensinamentos de Jesus são responsáveis pela infração. **Não lavam as mãos.** O costume rabínico (não mosaico) não era relativo à higiene, mas cerimonial. Sua força contritória era popularmente considerada maior do que a da Lei propriamente dita, e alguns rabis iam muito longe a fim de observá-lo (veja Mc. 7:4).

3. Por que transgredis, vós, também, o mandamento de Deus. Uma admissão de que os discípulos de Cristo transgrediam a tradição dos antigos, mas o contraste com **o mandamento de Deus** mostrava a lógica de tal atitude.

4-6. Algumas tradições chegavam elas próprias a violarem a Lei. O quinto mandamento (Êx. 20:12; 21:17) era violado com o rude estratagema de chamar de oferta (a Deus), tudo o que devia ser usado para ajudar os pais de alguém, e portanto além do direito de reclamação dos pais. Como se Deus quisesse de um homem aquilo que pertence aos seus pais! Se a propriedade era realmente entregue a Deus não se discute, embora haja evidências de abusos.

7-9. Resumindo, Jesus cita Is. 29:13, onde **este povo** pode ser considerado não meramente os contemporâneos do profeta, mas a nação de Israel através de sua história; ou mais, a denúncia dos contemporâneos de Messias.

10. E, tendo convocado a multidão. A troca de palavras acima foi mais ou menos particular entre Cristo e os fariseus e escribas.

11. Não é o que entra pela boca que contamina o homem. **Contamina** é literalmente *torna comum*, derivado da distinção levítica entre alimentos permitidos por Deus e todos os outros, considerados comuns, profanos, "imundos". Com esta declaração, Jesus não revoga o código levítico (nem Mc. 7:19 deve ser interpretado assim), uma revogação que só foi anunciada depois do Pentecostes (Atos 10-11), mas estava fazendo a declaração de que a profanação moral é espiritual, não física. O alimento é amoral (I Tm. 4:3-5). O pecado está no coração do

homem que desobedece a Deus e perverte o seu uso. Até mesmo a contaminação de um judeu que come carne leviticamente imunda não foi provocada pelo alimento propriamente dito, mas pelo coração rebelde que agiu em desobediência a Deus.

12-14. Os discípulos ficaram aparentemente perturbados por Cristo ter ofendido esses fariseus influentes, e 15:15 indica que eles não compreenderam inteiramente a importância da declaração de Jesus.

Toda a planta. Doutrina de simples tradição humana, como aquela que os fariseus estavam exigindo. **Será arrancada.** Uma profecia sobre a destruição final de toda doutrina falsa, o simbolismo talvez incluindo as pessoas apegadas a esses ensinamentos (conf. 13:19, 38 para semelhante combinação).

Deixai-os. Como mestres de verdades espirituais, os tradicionalistas deviam ser abandonados. Eram tão **cegos** espiritualmente falando, quanto aqueles que dependiam deles. **Cova.** Não uma vala à beira da estrada, mas uma cisterna aberta no campo.

15. Explica-nos esta parábola. Pedro referia-se à declaração de 15:11 (conforme a comparação com Mc. 7:15-17 indica). **Parábola.** Foi usado aqui com o sentido de "palavra difícil". A dificuldade não estava no uso dos símbolos mas no afastamento da tradição, que confundira a contaminação moral com a cerimonial.

16. Até vós mesmos estais ainda sem entender? A admiração de Cristo, embora ele não tivesse tratado desse assunto específico antes (mas compare 9:14-17; caps. 5-7), dá a impressão de que pessoas espiritualmente iluminadas deveriam entender este princípio, pois sempre fora verdadeiro.

17. Seja qual for a condenação provocada pelos alimentos que entram **pela boca**, ela é física e remove-se do corpo, isto é, vai para a latrina, ou privada.

18,19. Mas coisas que saem **da boca** contaminam espiritualmente, pois todas as palavras e atos de pecado têm a sua fonte nos maus desígnios que procedem de um mau coração (conf. 5:21-48). Depois dos

maus desígnios, a violação dos Mandamentos, do sexto ao nono, foi exposta, concluindo com **blasfêmias** – palavras abusivas contra Deus ou o homem.

20. Comer sem lavar as mãos, não o contamina. Assim Jesus resume tudo voltando à pergunta original.

12) Retirada para a Fenícia, e a Cura da Filha da Mulher Cananéia. 15:21-28.

O ataque direto dos fariseus (vs. 1, 2) encorajados pela recente execução de João e a oposição de Herodes, provocou essa segunda retirada. A entrevista com a mulher descreve claramente o cenário histórico do ministério de Cristo, além dos aspectos mais amplos de Sua graça.

21. Retirou-se para os lados de Tiro e Sidom. Embora alguns discutam o ponto, parece claro que Jesus realmente deixou a terra de Israel e jurisdição de Herodes (conf. também Mc. 7:31), para ficar durante algum tempo retirado na Fenícia.

22. Uma mulher cananéia. Pela raça. Os habitantes dessa região eram chamados cananeus em Nm. 13:29; Jz. 1:30, 32, 33; Marcos 7:26 designa-a como cidadã siro-fenícia. **Filho de Davi.** Essa maneira de falar implica em ter algum conhecimento da religião judaica, entretanto a passagem não sugere que ela fosse prosélita.

23. Ele porém não lhe respondeu palavra. Parcialmente explicado pela tentativa de Jesus de permanecer isolado (Mc. 7:24). Entretanto, a conversa que se segue mostra o alvo da missão de Cristo, e esse procedimento de Jesus torna o ensino mais efetivo, o fato de Marcos ter omitido o silêncio de Cristo indica que esta atitude não foi tão surpreendente como se poderia supor.

Despede-a. Esta declaração feita pelos impacientes discípulos pode implicar em que Cristo poderia atender seu pedido e assim encerrar o caso, pois a sua resposta revela que um pedido fora feito.

26. Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos. Essa mulher gentia tinha conhecimento do costume judeu de chamar os gentios de **cachorros** e a si mesmos de **filhos** de Deus. A aparente rudeza da expressão de Cristo foi abrandada pelo fato de que o termo se refere não aos ferozes e repugnantes cães vadios que perambulavam pelas ruas, mas **cachorrinhos** (kunaria) que viviam nas casas como animais de estimação. Jesus disse a esta gentia o que já tinha dito à samaritana, que no momento tudo o que viesse do Messias e suas bênçãos estava condicionado a Israel (Jo. 4:21-23). Jesus curou gentios em outras ocasiões, mas aqui na Fenícia tinha de tomar cuidado para não dar a impressão de que estivesse abandonando Israel (conf. Mt. 4:24; 8:5).

27,28. Porém os cachorrinhos comem das migalhas. A mulher aceitou inteiramente a ordem divina, e a sua fé agarrou-se à verdade que se lhe aplicava.

Grande é a tua fé. O segundo gentio a ser louvado pela sua fé (8:10), e o terceiro exemplo da cura de Cristo à distância (Mt. 8:13; Jo 4:50).

13) Volta ao Mar da Galiléia (Decápolis, Mc. 7:31), e a Realização de Milagres. 15:29-38.

Marcos mostra que Jesus prosseguiu para o norte da Fenícia através de Sidom, depois para o leste atravessando o Jordão e finalmente para o sul através de Decápolis até alcançar o mar da Galiléia. Essa rota sugere que ele evitou deliberadamente o domínio de Herodes Antipas.

29-31. Curando as multidões.

29. Mar da Galiléia. Aparentemente o litoral sul.

30. Muitas multidões. Dos muitos que foram curados, Marcos descreveu o caso do surdo-mudo (Mc. 7:32-37).

31. Glorificava ao Deus de Israel. Uma indicação de que eram ambientes gentios aos quais Jesus participava o conhecimento do verdadeiro Deus e as promessas messiânicas.

32-38. Alimentando os quatro mil. Defender que esta narrativa conta o mesmo incidente dos cinco mil é transformar este Evangelho e o de Marcos em uma mera coleção de tradições que acabaram ficando confusas, e tratar as palavras de Jesus pronunciadas em Mt. 16:9, 10 como simples invenção. As diferenças nos detalhes são numerosas, e não há nada essencialmente improvável a respeito de duas multiplicações milagrosas.

32. Há três dias que permanecem comigo. Todo o alimento trazido já fora consumido.

33. Onde haverá... tantos pães? Insistir que os Doze tivessem esquecido a multiplicação não tem base. Eles apenas declaram sua incapacidade pessoal de obter o necessário, e evitam de pedir a Jesus que realize outro milagre (à vista de Jo. 6:26).

34-38. Com sete pães e alguns peixes Cristo alimentou a multidão de quatro mil homens e suas famílias quase do mesmo modo pelo qual alimentou os cinco mil. Os pedaços que sobraram deram para encher **sete cestos cheios**. Aqui os cestos eram os *spurides* maiores, ou canastras que os discípulos talvez estivessem usando em sua recente viagem, e não os *kophinoi* menores de 14:20, uma distinção mantida em 16:9, 10. Os sete cestos devem ter contido mais do que os doze da ocasião anterior.

14) Renovado Conflito com os Fariseus e Saduceus. 15:39 – 16:4.

39. Magadã. A localização é desconhecida. Marcos 8:10 diz Dalmanuta, cuja localização também é incerta. Aparentemente o lugar fica no litoral ocidental da Galiléia.

Mateus 16

16:1. Aproximando-se os fariseus e saduceus. Inimigos tradicionais, ligados por um ódio comum a Jesus. Os saduceus aparecem apenas em mais dois lugares no texto do Evangelho: no batismo de João (3:7) e na última semana de Cristo (22:23).

Um sinal vindo do céu. Este pedido, semelhante ao de 12:38, menospreza todos os milagres anteriores de origem celestial. Isto eles pediram com desígnio oculto, **para o tentarem**, obrigando-o a fazer o que antes se recusara, (12:39) ou mais, desacreditando-se caso fosse incapaz.

2,3. A parte da resposta de Cristo registrada em 16:2, 3 não existe em outros manuscritos antigos, mas alguns o contêm. A figura é semelhante a de Lc. 12:54-56. Chama a atenção para a capacidade do homem de predizer o tempo com os dados disponíveis, mas a completa incapacidade dos contemporâneos de Cristo de lerem os sinais dos tempos espirituais. A pregação de João, as obras e os ensinamentos de Jesus, a profecia das setenta semanas de Daniel – tudo deveria constituir fatores significativos para o discernimento.

4. O sinal do profeta Jonas. (Conf. comentário sobre 12:38-40.) Uma referência à ressurreição corporal de Cristo. Esse era o grande sinal para o qual sempre apontava quando pressionado (Jo. 2:18-22; Mt. 12:38-40), para os crentes uma preciosa prova de sua redenção, mas para os incrédulos um presságio do juízo de Cristo ressuscitado que estava por vir.

15) Retirada para a Região de Cesaréia de Filipe, 16:5 - 17:23.

Esta quarta retirada leva Jesus novamente para o ambiente gentio, longe das tensões da constante oposição (conf. Betsaida Julias, 14:13; Fenícia, 15:21; Decápolis, 15:24, Mc. 7:31). Durante esse período, talvez com diversos meses de duração, aconteceu a momentosa confissão de Pedro, a detalhada predição de Sua próxima paixão, e a Transfiguração.

5-12. Conversa no caminho.

5. Para o outro lado, isto é, para o lado nordeste (Betsaida Julias, Mc. 8:22), a caminho de Cesaréia de Filipe (Mt. 16:13). **Esqueceu-lhes levar pão.** A rápida saída de Magadã pode ter causado esta omissão, de modo que só encontraram um pão velho no barco (Mc. 8:14).

6. Fermento dos fariseus e saduceus. (Sobre **fermento**, veja 13:33). A permeadora influência maligna desses declarados inimigos de Cristo é o ponto em questão.

7-11. Entretanto os discípulos, atrapalhados com o esquecimento, não perceberam o simbolismo. **Homens de pequena fé.** Jesus sabia que a sua incapacidade de entender era devido a sua ansiedade pelas provisões, e os lembrou das lições de confiança que já tinham aprendido.

12. Doutrina dos fariseus e saduceus. Os fariseus eram legalistas e tradicionalistas, cuja ênfase dada ao ritual era hipócrita e espiritualmente moribunda (Lc. 12:1). Os saduceus eram racionalistas, que não criam na ressurreição nem na existência de seres espirituais que não pudessem ser naturalmente explicados (Atos 23:8). Contavam entre os seus a hierarquia sacerdotal de Israel. A advertência contra tais ensinamentos sutis e racionalistas continua sendo pertinente.

13-20. *A confissão de Pedro.*

13. Bandas de Cesaréia de Filipe. As aldeias remotas. (Mc. 8:27). Não se diz que Jesus tenha entrado na cidade. **Cesaréia de Filipe.** Cerca de vinte e cinco milhas ao norte do Mar da Galiléia.

14. A variedade de opiniões que os homens tinham em relação a Jesus mostrava que, mesmo que muitos o relacionassem com a profecia messiânica, ninguém o via de maneira certa. **João Batista** era o precursor profetizado (3:1-3; 14:1, 2). **Elias** era aquele que precederia o "dia do Senhor" (Ml. 4:5, 6) **Jeremias** era esperado que aparecesse e restaurasse a arca que supostamente escondera (II Ma. 2:1-8).

15,16. Depois de levar os Doze a abandonarem idéias errôneas, Jesus pediu a sua opinião pessoal.

Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. Todos sem dúvida concordaram, mas Pedro portou-se à altura da situação com a resposta inequívoca. Declarações semelhantes foram pronunciadas antes, algumas bem antes (Jo. 1:41, 49), mas muitas noções falsas sobre o caráter e propósito do Messias precisavam ser removidas. Por isso a declaração de Pedro aqui não é o produto de entusiasmo prematuro mas de uma

analisada reflexão e solene fé. A noção popular de um simples líder político foi suplantada pelo conceito do Messias como **o Filho de Deus**, o artigo definido o fazendo a distinção.

17. Tal compreensão espiritual não era o produto da humanidade desamparada (**carne e sangue**; compare esta expressão com Gl. 1:16; Ef. 6:12; Hb. 2:14), mas sim uma divina revelação. Verdades espirituais só podem ser compreendidas por aqueles cujas faculdades espirituais foram despertadas por Deus (I Co. 2:11-14). Tal discernimento espiritual era uma evidência do bem-aventurado estado espiritual de Pedro.

18. Sobre esta pedra edificarei a minha igreja. Aqui existe um óbvio jogo com as palavras **Pedro** (Petros, nome próprio indicando um pedaço de rocha) e **pedra** (petra, uma rocha). O corpo espiritual, a **igreja**, aqui mencionada pela primeira vez, constrói-se sobre o fato divinamente revelado a respeito de Cristo e confessado por Pedro (I Co. 3:11; I Pe. 2:4), conforme os homens vão tomando consciência e reconhecendo a Sua pessoa e obra (Crisóstomo, Agostinho). Outro ponto de vista interessante entre protestantes (Alford, Broadus, Vincent) é que Pedro (ao lado os outros apóstolos; Ef. 2:20; Ap. 21:14) é a **pedra**, mas sem a supremacia papal que lhe foi conferida pelos caprichos romanos centrados às Escrituras.

As portas do inferno não prevalecerão contra ela.

Inferno (equivalente a **Sheol**), o reino dos mortos.

As portas. A entrada para o Hades, que geralmente é a morte. A Igreja de Cristo, que seria inaugurada no Pentecoste, não ficaria à mercê da morte física, porque a ressurreição do Senhor garantiria a ressurreição de todos os crentes. Mais especificamente, os crentes que morrem antes da ressurreição vão imediatamente para Cristo, não para o Hades (Ef. 4:8, Fl. 1:23; II Co. 5:8).

19. As chaves do reino dos céus. Chaves significam autoridade para abrir. **Te** relaciona esta promessa com Pedro somente. Refere-se à escolha de Pedro, como o primeiro entre iguais, de oficialmente abrir o reino (desde o Pentecoste incluindo toda a esfera da fé cristã; conf. 13:3-

52) aos judeus (Atos 2:14 e segs.) e gentios (Atos 10:1 - 11:18; 15:7,14). Alguns, entretanto, explicam a passagem escatologicamente, como se aplicando ao reino dos santos na terra durante o Milênio (A. J. McClain, *The Greatness of the Kingdom*, pág. 329 e segs.).

O que ligares na terra. Esta parte da responsabilidade foi mais tarde concedido a todos os discípulos (18:18), que foram finalmente habilitados para a tarefa (Jo. 20:22, 23). Se Jo. 20:23 é uma explicação para o ligar e desligar, significando cancela e retenção de pecados, então Atos 10:43 é um exemplo do seu exercício. Através da proclamação do Evangelho, faz-se o anúncio de que a aceitação confere desligamento da culpa e pena do pecado, e a rejeição deixa o pecador ligado para o juízo.

20. Que a ninguém dissessem ser ele o Cristo. A população ainda ficaria apenas politicamente perturbada com tal revelação.

21-27. Jesus prediz a sua morte e ressurreição.

21. Desde esse tempo, começou Jesus. Agora que Jesus tinha um núcleo de seguidores que verdadeiramente cria nEle como o Messias (16:16), ele entrou em um período de ensinamentos explícitos sobre a sua obra redentora. **Anciãos, principais sacerdotes, e escribas** formavam o Sinédrio. **Ser morto, e ressuscitado.** Embora Cristo profetizasse claramente a sua ressurreição logo após a sua morte, o significado disso no foi compreendido pelos Doze.

Terceiro dia. Equivalente a "depois de três dias", Mc. 8:31. 22. O protesto de Pedro, **tem compaixão de ti, Senhor** (uma expressão idiomática significando, "Deus tenha misericórdia de ti e te poupe"), demonstrou seu completo fracasso de perceber no Messias judeu o aspecto do sofrimento (Is. 53).

23. Arreda! Satanás. Palavras iguais às que Jesus disse a Satanás em 4:10, pronunciadas aqui em uma situação semelhante. Satanás, usando Pedro como instrumento seu, estava novamente tentando afastar Jesus do sofrimento que era Seu quinhão. **Não cogitas as coisas de Deus.** A divinamente revelada confissão de Pedro (v. 16) demonstrou

resumidamente a propriedade do nome que Cristo Lhe deu, mas aqui ele exhibe presença da fraqueza carnal. Antes do Pentecostes, os Doze vacilavam freqüentemente entre o discernimento espiritual e a más grossa carnalidade. E esse costuma ser tragicamente o caso dos crentes de hoje.

24. Nesse ponto Jesus e os Doze foram seguidos por uma multidão (Mc. 8:34), mesmo embora o Senhor ficasse em relativo isolamento.

A si mesmo se negue, isto é, negue-se capaz de méritos no que se refere à vida eterna. **Tome a sua cruz, e siga-me.** Uma muito conhecida figura de morte e sofrimento (conf. comentário sobre 10:38, 39). Aqui ele descreve a conversão de um pecador que deve reconhecer a sua própria pobreza espiritual e, então, aceitar a Cristo (Sua pessoa e ensinamentos), mesmo que isso signifique assumir, sob certo sentido, um sofrimento que de outra maneira não ocorreria.

25. Quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á (conf. com 10:39). Aquele que não está pronto a assumir os riscos envolvidos em ser um discípulo de Cristo acaba perdendo a sua vida eternamente. Mas o inverso também é verdade.

26. Pois que aproveitará ao homem ganhar o mundo inteiro, e perder a sua alma? *Vida* é *psychê* o termo grego para os dois conceitos, "vida" e "alma". Lucas 9:25 usa o pronome "se". A figura retrata uma negociação comercial na qual o homem troca a sua própria vida (incluindo a alma) pelas atrações deste mundo. O que tal homem usaria para comprar sua *psyché* de volta?

27. O Filho do homem há de vir. Na segunda vinda de Cristo, ele acertará as contas. Assim, aquele que sofrer por Cristo, até mesmo morrendo, receberá sua devida recompensa.

28. Para destacar a realidade desse há de vir e do reino, como incentivo aos homens para que o sigam, mesmo sofrendo, Cristo deu a promessa do versículo 28. Essa vinda do Filho do homem em seu reino explica-se por alguns como sendo a destruição de Jerusalém e por outros como o começo da Igreja. Mas atribuí-la à Transfiguração satisfaz as

exigências do contexto (todos os sinóticos dão logo a seguir a Transfiguração, Mc. 9:1; Lc. 9:27). Mais ainda, Pedro, que era um dos que estava lá (**aqui estão**), referiu-se à Transfiguração nas mesmas palavras (II Pe. 1:16-18). Chafer chama a Transfiguração de "pré-estréia da vinda do reino na terra" (L. S. Chafer, *Systematic Theology*, V. 85).

Mateus 17

17:1-13. A Transfiguração. Nesse momento estratégico do ministério de Jesus, quando ele evocou de Pedro a sua verdadeira designação (16:16), e anunciou a sua morte e ressurreição que estavam por acontecer, essa muitíssimo notável experiência foi garantida a três discípulos.

1. Seis dias depois. Também Mc. 9:2. Os "quase oito dias depois" de Lucas (9:28) incluem o término e também a alegada. **Pedro, Tiago e João.** Esses antigos sócios de negócios (Lc. 5:10) tiveram privilégios especiais em mais outras duas ocasiões (Lc. 8:15; Mt. 26:37). Será que tinham mais percepção espiritual do que os outros nesta ocasião? **Alto monte.** O tradicional Monte Tabor é contextualmente improvável. O mais provável é um local perto de Cesaréia de Filipe (16:13), talvez um dos picos do Hermom.

2. E foi transfigurado diante deles. O verbo (metamorphoô) indica uma transformação da forma essencial, procedente do interior, e em Rm. 12:2 e II Co. 3:18 foi usado em relação à transformação espiritual que caracteriza os cristãos quando a nova natureza se manifesta neles. Embora para os crentes esta transformação seja uma experiência gradual, a ser completada quando Cristo for visto (II Co. 3:18; I Jo. 3:2), no caso de Jesus, a gloriosa forma que geralmente se encontrava velada foi rapidamente exposta.

3. Moisés e Elias, os representantes ilustres, segundo o pensamento judeu, da Lei e dos Profetas, apareceram **falando com ele** sobre os próximos acontecimentos em Jerusalém (Lc. 9:31). Essa conversação mostrou aos discípulos que a morte do Messias não era incompatível

com o V.T. Considerando a transfiguração como uma pré-estréia do reino messiânico (16:28), alguns têm visto em Moisés (que já morrera) e Elias (que passara desta vida para a outra sem experimentar a morte) os representantes dos dois grupos que Cristo trará com ele para estabelecer o seu reino: santos mortos ressuscitados e santos vivos trasladados. Do mesmo modo os três discípulos são considerados representantes dos homens vivos na terra por ocasião do Segundo Advento (L. S. Chafer, *Systematic Theology*, V. 85-94 ; G. N. H. Peters. *Theocratic Kingdom*, II, 559-561).

4,5. Então disse Pedro, isto é, reagiu à situação. Um desejo de prolongar esta experiência incentivou Pedro a oferecer-se para construir **(façamos) três tendas** feitas de ramos, iguais aos que os adoradores construía por ocasião da Festa dos Tabernáculos. Em resposta, a voz divina saiu da nuvem, reconhecendo Jesus como o Filho amado de Deus, e ordenando aos discípulos: A ele ouvi, Moisés e Elias não tinham nada de novo para transmitir (Hb. 1:1, 2).

6-9. Amedrontados com a voz, os discípulos foram confortados, mas também admoestados, no final destes acontecimentos. **A ninguém conteis a visão.** Parece que nem mesmo os outros apóstolos deviam ser informados nessa ocasião. As coisas que testemunharam só confundiriam e perturbariam politicamente os menos perceptíveis.

10. Por que dizem pois, os escribas ser necessário que Elias venha primeiro? A presença de Elias no monte e a ordem subsequente de silenciar motivou a pergunta. Se essa era a profetizada vinda de Elias (Ml. 4:5), então certamente era chegado o momento de anunciar publicamente. Se não era, como poderia Jesus ser o Messias, pois esse personagem tinha de ser precedido de Elias.

11. De fato, Elias virá primeiro. A forma é presente futuro. Jesus proclama aqui que Ml. 4:5 será cumprido.

12,13. Elias já veio. Para os judeus que não eram espirituais e que meramente andavam à caça de sinais, o próprio João dissera "Eu não sou Elias" (isto é, o profeta do V.T. ressuscitado, Jo. 1:21). Entretanto, para

os que eram sensíveis espiritualmente, João já viera "no espírito e virtude de Elias" (Lc. 1:17), e os homens foram levados a Cristo por intermédio dele. Assim o oferecimento que Jesus fez do reino foi uma oferta válida, dependendo da aceitação nacional, e Israel não poderia acusar a ausência de Elias para o seu fracasso em reconhecer Jesus. Deus em sua onisciência sabia que Israel, na primeira vinda de Cristo, não estava preparada para o sinal do ministério de Elias, e por isso enviou João "no espírito e virtude de Elias".

14-20. Curando um epilético endemoninhado. Todos os sinóticos colocam esta narrativa logo após a Transfiguração, mas a narrativa de Marcos (9:14-29) é a mais completa.

15. Senhor, compadece-te de meu filho porque é lunático. Literalmente, **lunático** (conf. etimologia latina de "lunático"). Os sintomas são geralmente como os da epilepsia, produzidos aqui pela possessão demoníaca.

17. Ó geração incrédula e perversa. Com palavras semelhantes às de Dt. 32:5, Jesus denuncia a falta de fé dos nove apóstolos como característica da sua geração. Sua falta de fé consistia no seu fracasso em se apropriar inteiramente do poder que lhes fora garantido em 10:8.

18. Removendo o demônio (a causa) Jesus efetuou a cura da doença (o efeito).

19. Por que não pudemos expulsá-lo? Sem dúvida foi o primeiro fracasso deles depois que receberam a autorização de Cristo (10: 8).

20. Por causa da pequenez da vossa fé. Não incredulidade em Jesus como o Messias, mas dúvidas quanto às palavras que ele lhes dissera anteriormente (10:8).

Como um grão de mostarda. Sua pequenez era proverbial. O poder da fé foi ilustrado pela sua capacidade de remover este monte. (Teria Jesus apontado para o Monte da Transfiguração?) Em lugar de abrandar a expressão tornando a palavra "monte" símbolo de alguma dificuldade, é melhor entendê-la literalmente. Entretanto, devemos ter em mente que a fé escriturística é a confiança na Palavra e vontade de

Deus reveladas. Daí, a fé para remover um monte pode ser exercitada somente quando Deus revelar que essa é a sua vontade. O versículo 21 foi omitido nos melhores manuscritos, sendo uma interpolação de Mc. 9:29.

22,23. Jesus fala novamente sobre a sua morte e ressurreição. **Tendo eles se reunido na Galiléia.** Embora a evidência do manuscrito gere conflito, este texto não parece mais autêntico e concorda muito com Mc. 9:30. Porque Jesus desejasse segredo, os Doze talvez retornassem por caminhos diferentes, e tendo se reunido novamente, receberam a revelação.

O Filho do homem está para ser entregue. Entregue é menos sugestivo do que **traído**, embora possa sugerir a traição.

16) Instrução aos Doze em Cafarnaum. 17:24 – 18:35.

24-27. Pagamento do imposto do templo.

24. Cafarnaum. A visita final a essa cidade que era a sua residência. **Não paga o vosso mestre as duas dracmas?** Esse tributo eclesiástico, baseado em Êx. 30:11-16, era originalmente para o sustento do Tabernáculo, e foi reinstituído depois do exílio (Ne. 10:32, a terça parte dum siclo). Parece que nos dias de Jesus os judeus seguiam o plano anual de Neemias, mas cobravam a taxa de Moisés. O pagamento, geralmente feito na primavera, estava com alguns meses de atraso.

25,26. Jesus se lhe antecipou, isto é, falou-lhe antes que ele falasse. Reconhecem: do a confusão de Pedro por causa da lealdade à integridade de Jesus e talvez pela falta de fundos, nosso Senhor mostra, por meio de uma ilustração, que **os filhos dos reis** estão isentos do tributo. Assim Jesus, o Filho de Deus, não estava pessoalmente obrigado a pagar imposto para a casa de Deus.

27. Mas, para que não os escandalizemos. Pois se Jesus tivesse reclamado o seu privilégio poderia muito provavelmente ter criado uma impressão errada entre o povo, incluindo talvez um desrespeito à casa de Deus. O milagre, demonstrando a onisciência de Jesus ao saber qual o

peixe que continha o estáter, e sua onipotência em fazer que fosse o primeiro apanhado, enfatizou o fato de sua divindade (e assina o seu direito à isenção do imposto), a qual poderia ficar obscurecido com a intenção de fazer o pagamento. **Estáter.** Um estáter, igual a quatro dracmas ou dois terços do siclo, portanto suficiente para Jesus e Pedro.

Mateus 18

18:1-14. Instrução sobre grandeza.

1. Quem é porventura o maior? Os antecedentes desta pergunta encontram-se na disputa entre os discípulos enquanto viajavam (Mc. 9:33; Lc. 9:46). Talvez fosse acesa pela proeminência dada aos três em Cesaréia de Filipe (17:1) ou a Pedro no incidente do pagamento do imposto (17:27).

2-4. Chamando uma criança, ele advertiu os discípulos, dizendo que se não deixassem de pensar grandes coisas de si mesmos, seu problema não seria o de grandeza relativa, mas de entrada **no reino dos céus** (o reino messiânico que eles esperavam que estabelecesse). A ausência do orgulho da posição é o aspecto da infância aqui referido. Para se entrar no reino de Cristo, um homem deve compreender sua imperfeição pessoal, e sua inteira dependência do Senhor. Deve experimentar o novo nascimento (Jo. 3:3 e segs.)

5. Tal como este, isto é, uma pessoa que, crendo, tornou-se como um menino (conf. v. 6). Os versículos 5-14 já não tratam mais do menino da ilustração (1-4) mas de um crente semelhante a um menino. **Em meu nome.** Tendo Cristo por base. Acolhendo outros crentes por causa de Cristo (não por causa de prestígio, riqueza, etc.) é como se acolhêssemos o próprio Cristo (10:42).

6. Qualquer que fizer tropeçar a um destes pequeninos que crêm em mim. Pequeninos também se refere a crente. O terrível julgamento que aguarda aqueles que prejudicaram a fé dos crentes foi dramatizado por meio de uma comparação. **Pedra de moinho.** Literalmente *pedra de asno*, a grande pedra superior do moinho movida por um asno.

7. Embora seja inevitável que **venham escândalos**, pois fazem parte da disciplina de Deus para moldagem do caráter do crente, o ofensor humano é moralmente responsável por sua culpa.

8,9. Assim, é necessário tomar as medidas mais drásticas para evitar-se a ofensa (Veja 5:29,30)

10. Destes pequeninos. Crentes como crianças (não crianças verdadeiras, anão ser que sejam crentes). **Os seus anjos.** Os anjos que têm o encargo de guardar os crentes como um grupo (Hb. 1:14). Não temos aqui suficiente justificação para a idéia de que cada crente individual tem um anjo particular que lhe foi designado. (Atos 12:15 reflete a opinião corrente sobre os anjos, mas não é necessariamente uma verdade.) O versículo 11 foi provavelmente interpolado de Lc. 19:10.

12-14. A importância de até mesmo o mais humilde crente está ilustrada pela parábola da Ovelha Perdida. Considerando que o pastor se preocupa grandemente por uma simples ovelha desgarrada, como é grande a nossa obrigação de não desprezar essas infelizes. Esta parábola foi usada em outra ocasião (Lc. 15:4-7) para ilustrar a salvação dos pecadores.

15-20. Instruções sobre o procedimento em relação aos ofensores.

15. Apesar das mais sérias advertências, ofensas serão feitas. Um resumo do procedimento foi apresentado para que o ofendido soubesse como reagir. Sua primeira responsabilidade é a de ir procurar o ofensor em particular, sem esperar que este se desculpe. Tal procedimento torna mais fácil obter uma confissão. Se tiver sucesso, ficará amigo do irmão ofensor e o restaurará na comunhão com o Senhor e com a congregação.

16. Se houver necessidade de uma segunda visita, é preciso que diversas testemunhas estejam presentes à entrevista (veja Dt. 19:15).

17. Dize-o à igreja. Quando o ofensor permanece impenitente (e o pecado é suficientemente grave para afetar a congregação), a igreja deve examinar o assunto.

A **igreja** aqui não quer dizer sinagoga, à vista das prerrogativas mencionadas em 18:18, 19. Uma igreja cristã está se formando, como

indica a implícita ausência de Jesus (v. 20). Se a **igreja** fracassar e o ofensor não atender o seu conselho, deve ser tratado como alguém de fora (gentio, publicano). É claro que tal tratamento deveria envolver esforços para alcançá-lo com o Evangelho.

18. Tudo o que ligardes na terra (conf. 16:19). A decisão da congregação em tais assuntos, tomada através de oração, da Palavra e do Espírito, será ratificada no céu. Veja também Jo. 20:23.

19,20. A promessa de que a oração será atendida se ao menos **dois de vós concordarem** fornece uma prova adicional de que as decisões tomadas através de oração pela congregação, nas questões de disciplina, serão divinamente aprovadas. Essa promessa relativa à oração de comum acordo deve ser considerada à luz de outros ensinamentos de Cristo sobre o assunto (conf. I Jo. 5:14). **Ali estou eu no meio deles.** Uma promessa da presença especial de Cristo na menor das congregações concebível.

21-35. Instruções sobre o perdão.

21. Senhor, até quantas vezes? A explanação anterior referente aos ofensores implica no desejo do ofendido de perdoar. Pedro ficou imaginando até onde o perdão deveria ser estendido por repetidas ofensas. **Até sete?** Os rabinos ensinavam (com base em Amós 1:3; Jó 33:29, 30) que bastavam três.

22. Jesus, entretanto, elevou a questão acima do reino da computação prática, exigindo **setenta vezes sete**. Em lugar de buscar um padrão numérico, o crente deve seguir o exemplo do seu Senhor (Cl. 3:13).

23. A parábola do servo inclemente ensina que os homens que experimentaram o perdão de Deus são obrigados a perdoar os outros. Este é o padrão do **reino dos Céus** (veja comentário sobre 13:11). O **rei** oriental (interpretado como sendo o Pai Celestial; v. 35) é apresentado quando fazia um acerto de contas com os seus escravos.

24. Um, aparentemente um sátrapa com acesso a grandes somas dos rendimentos do rei, foi descoberto estar devendo **dez mil talentos**. (O

valor de um talento diferia em diversas ocasiões, de acordo com o metal envolvido, mas era sempre comparativamente alto.)

25-27. Entretanto, prostrando-se diante do rei, obteve um cancelamento completo da dívida (em grego, empréstimo); pela graça do rei não foi considerado um desfalque.

28-30. Saindo da presença do rei, o servo perdoado foi acertar as contas com **um dos seus conservos** que lhe devia **cem dinheiros** (*denarius*, equivalente ao salário de um dia, 20:2), uma insignificantiíssima quantia comparada aos talentos.

31-33. Não devias tu, igualmente, compadecer-se? Certamente os pecadores que experimentaram o perdão de Deus devem demonstrar um espírito idêntico para com os outros, especialmente porque as ofensas que os homens cometem uns contra os outros são infinitamente menores quando comparadas com a enormidade do débito para com Deus.

34,35. O entregou aos verdugos. Eis aí o ponto crítico da interpretação. Não pode se referir à eterna ruína de alguém que foi verdadeiramente salvo, pois entraria em conflito com os mais claros ensinamentos de outras passagens. Não pode se referir também a algum purgatório contrário às Escrituras. Mas o fato de que o servo foi perdoado torna impossível que ele fosse um crente simplesmente professo. Entretanto, se encaramos os tormentos como males temporais com os quais o **Pai celeste** aflige os crentes que não perdoam, as dificuldades anteriores são evitadas. **Verdugos** (*basanistai*) deriva-se do verbo *basanizô*, o qual se usa para descrever doenças (Mt. 4:24; 8:6), e circunstâncias adversas (Mt. 14:24). Ló "afligia a sua alma" em contato com os homens maus (II Pe. 2:8). Tais tormentos Deus usa para castigar e produzir um espírito adequado entre os seus filhos (I Co. 11:30-32). Assim, o perdão divino aqui é aquele que devemos experimentar diariamente para podermos desfrutar da comunhão perfeita com nosso Pai celestial, e isto se encaixa bem neste contexto no qual se discute o relacionamento entre crentes (vs. 16-20).

B. Na Peréia. 19:1 – 20:16.

Mateus observa a saída de Jesus da Galiléia e descreve a última viagem a Jerusalém. Uma comparação com Lc. 9:51 – 18:14 indica outra viagem a Jerusalém e um ministério que durou alguns meses. Assim um intervalo de talvez seis meses deve ser colocado em 19:1 entre **deixou a Galiléia e foi para o território da Judéia**, além do Jordão.

Mateus 19**1) Ensinamentos sobre o Divórcio. 19:1-12.**

1. Além do Jordão. Da palavra grega *peran* (**além**) veio o nome "Peréia" para o distrito do lado oriental do rio Jordão.

3. É lícito ao marido repudiar sua mulher por qualquer motivo?

A severa escola de Shammai defendia a legalidade do divórcio só quando a conduta da esposa era discutível. Hillel, entretanto, interpretou Dt. 24:1 da maneira mais ampla possível, e permitiu o divórcio por todas as causas concebíveis. Então a pergunta feita a Jesus foi: "Você concorda com a mais prevalecente interpretação (de Hillel)?"

4-6. Em vez de se colocar ao lado de qualquer posição, Jesus cita o propósito divino na criação (Gn. 1:27; 2:24). Considerando que o propósito de Deus exigia que o homem e a mulher fossem **uma só carne**, qualquer ruptura no casamento contraria a vontade de Deus.

7,8. Por que mandou então Moisés? A citação que fizeram de Moisés (Dt. 24:1) e **carta de divórcio**, em oposição a Jesus, provou que não sabiam interpretar esse regulamento. Pois a provisão era uma proteção às mulheres contra os caprichos dos homens, não uma autorização para os maridos se divorciarem à vontade.

9, 10. Não sendo por causa de relações sexuais ilícitas (conf. com 5:31). Se fornicção deve ser entendido também como adultério (uma identificação bem incerta no N.T.), então nosso Senhor permitiu o divórcio só em caso de infidelidade da mulher. (Entre os judeus, só os maridos podiam se divorciar. Marcos, escrevendo para leitores gentios, declara também o oposto, Mc. 10:12). Entretanto, se fornicção tem de

ser tomada no seu sentido costumeiro, referindo-se aqui à falta de castidade da noiva durante o compromisso (conf. com suspeitas de José, Mt. 1:18, 19), então Cristo não deixou lugar a qualquer tipo de divórcio entre pessoas casadas. Assim ele não concordou nem com Shammai nem com Hillel. Um tão alto e restrito padrão para o casamento teria sido o responsável pelo protesto dos discípulos, **não convém casar**. Não parece provável que os discípulos, depois de se embeberem com os ideais de Jesus, sentissem que limitar o divórcio aos casos de adultério fosse um fardo intolerável.

11. Nem todos são aptos para receber este conceito, isto é, a declaração dos discípulos. Ainda que às vezes o casamento possa não ser o ideal nem todos os homens são constituídos de forma a poderem se abster.

12. Alguns são incapazes para o casamento por causa de defeitos congênitos; outros por causa de danos ou restrições impostas pelos homens. Outros ainda podem prescindir do privilégio do casamento a fim de se devotarem mais completamente ao serviço de Deus (Paulo, por exemplo, I Co. 7:7, 8, 26, 32-35). Esta declaração certamente não faz restrições ao casamento; antes, finaliza uma conversa na qual o casamento foi exaltado ao seu original estado de pureza.

2) A Bênção das Crianças. 19:13-15.

As crianças deviam ser muito pequenas, algumas talvez fossem bebês (Mc. 10:16). Os discípulos não gostaram da intromissão e repreenderam os pais que trouxeram (conf. Mc. 10:13; Lc. 18:15). Jesus, entretanto, estava sempre interessado nos jovens e fracos. Durante o delicioso momento, fez os discípulos se lembrarem de uma lição esquecida (18:3). **Dos tais é o reino dos céus**. Considerando que a entrada no seu Reino exige que os homens se transformem em crianças na fé, os discípulos fariam melhor se fossem bondosos com as verdadeiras crianças.

3) Entrevista com o Jovem Rico. 19:16-30.

16. Que farei de bom? Este jovem interrogador (chamado de "príncipe" por Lucas) tinha por certo que **a vida eterna** se obtinha através da realização de feitos.

17. Perguntas acerca do que é bom? Bom só existe um. Marcos e Lucas indicam que Jesus foi por ele chamado de "Bom Mestre". Nosso Senhor experimentou o seu interrogador fazendo-o reconsiderar o que realmente achava de Jesus, e depois o conduziu àquilo que Deus já revelou em Sua Lei.

18, 19. Jesus citou o sexto, o sétimo, o oitavo, o nono e o décimo mandamentos do Decálogo, e um resumo da segunda tábua – **amarás o teu próximo como a ti mesmo**. Não foram apresentados meios de salvação (esse nunca foi o propósito da Lei), mas sua intenção foi a de indicar a necessidade do jovem.

20. Tudo isso tenho observado. Não foram palavras de uma pessoa cheia de justiça própria descarada, mas de alguém que pensava que a conformidade nas aparências constituía a guarda da Lei.

21. Perfeito. Completo, maduro, sem a falta que ele sentia haver. **Vai, vende, dá.** Jesus desmascarou o problema do jovem demonstrando um dos seus efeitos. A exortação de se desfazer dos seus pertences rapidamente revelou como ele se encontrava longe de entender o espírito dos mandamentos divinos. **Vem, e segue-me.** Aqui está o apelo positivo para confiar em Cristo.

22. Retirou-se triste. A perspectiva de abandonar seus muitos haveres perturbou-o tanto que ele deixou de atingir o alvo procurado.

23. Dificilmente entrará um rico. A dificuldade com as riquezas não jaz na sua posse (muitos homens justos nas Escrituras possuíam riquezas – Abraão, Jó, José de Arimatéia) mas na falsa confiança que elas inspiram (I Tm. 6:17; Mc. 10:24).

24. Camelo e fundo de uma agulha têm significado literal, comprovado por um provérbio talmúdico semelhante usado com a figura de um elefante. A comparação teve a intenção de mostrar uma

impossibilidade, citando a maior das bestas conhecidas na Palestina e a menor das aberturas.

25. Quem pode ser salvo? Parece que os discípulos endossavam até certo grau o ponto de vista corrente de que as riquezas indicavam favor divino. Daí, se os ricos forem excluídos, como poderiam os outros se salvar? Talvez fosse latente o pensamento de que todos os homens são afligidos até um certo grau pelo desejo de obter riquezas neste mundo.

26. Sucintamente Jesus declarou que a salvação é obra de Deus. Deus pode dominar essa falsa confiança nas riquezas humanas e fornecer verdadeira justiça.

27. Nós tudo deixamos. O que o jovem se recusou a fazer (conf. Mt. 4:20, 22; 9:9). **Que será pois, de nós?** Não necessariamente o reflexo de um espírito mercenário, mas uma resposta direta que provocou uma resposta apropriada.

28. Regeneração. A palavra aparece em outro lugar do N.T. apenas em Tito 3:5 (novo nascimento espiritual individual). Aqui ela indica o novo nascimento que ocorrerá na sociedade e na criação quando o Messias estabelecer o seu reino (conf. Atos 3:21; Rm. 8:19). **Doze tronos.** Especificamente para os Doze no Milênio.

29,30. Qualquer sacrifício feito por Cristo será amplamente recompensado. Porém temos que ser cautelosos. **Muitos** (não todos) **primeiros serão os últimos.** Este axioma, repetido em 20:16 depois de uma parábola explanatória, é verdadeiro sob diversos aspectos. Aqui o contexto sugere sua aplicação àqueles que primeiro (no tempo) estabeleceram seu relacionamento com Cristo e podem desenvolver uma atitude de presunção.

Mateus 20

4) Parábola dos Trabalhadores na Vinha. 20:1-16.

Esta parábola ilustra o ensinamento anterior de Cristo e amplia 19:30 (conf. 20:16).

1. Dono de casa. O proprietário de uma **vinha** precisava de um maior número de trabalhadores por ocasião da colheita. **De madrugada.** Os primeiros trabalhadores foram contratados de madrugada.

2. Um denário (denarius) **por dia.** O salário usual para um trabalhador ou soldado.

3-7. Outros que estavam desocupados. Não estavam trabalhando porque nenhum homem os contratara. Não há nenhuma indicação de que fossem preguiçosos. Desse grupo de desempregados que estava na praça, o pai de família contratou mais trabalhadores às 9 horas da manhã, às 12, às 15 e às 17 horas. Todos atenderam imediatamente ao convite.

8. Ao cair da tarde. Conf. Dt. 24:15.

9-12. Para que aqueles que foram contratados primeiro vissem o que se fazia, o pagamento começou com os que foram contratados por último. Cada trabalhador recebeu um denário, sem considerar o seu tempo de serviço.

13,14. Para um dos que estava no grupo de murmuradores, o pai de família explicou que o contrato fora inteiramente cumprido. Quanto aos outros, a obrigação do dono da vinha para com eles era negócio que só a ele dizia respeito.

15. São maus aos teus olhos porque eu sou bom? O sentido é, Você está com inveja porque eu sou generoso? (Pv. 28:22)

16. Os últimos serão primeiros. Esta declaração, repetida de 19:30, mostra que a parábola era um prolongamento das instruções dadas aos **Doze** (19:27-30). A parábola ensina que o serviço prestado a Cristo será fielmente recompensado, e que fidelidade ao chamado quando idêntica, será identicamente recompensada. Entretanto, só Deus, pode avaliar adequadamente a fidelidade e o apelo, e assim os juízos humanos podem ser completamente alterados.

C. Na Judéia. 20:17-34.

Mateus observou particularmente os movimentos geográficos (4:12; 16:13; 17:24; 19:1; 21:1). Tendo estado a leste do Jordão na Peréia,

Jesus e o seu grupo dirigiu-se agora diretamente para Jerusalém. Esta parte descreve os acontecimentos da viagem da Peréia a Jerusalém, na vizinhança de Jericó, na Judéia (v. 29).

1) Jesus prediz novamente a Sua Morte e Ressurreição. 20:17-34.

A terceira predição direta e detalhada da paixão de Cristo (conf. 16:21; 17:22, 23, mais a simples declaração de 17:12). Ela amplia algumas das informações anteriores. Pela primeira vez Jesus indicou que a sua morte seria através das mãos dos gentios, que os escarneceriam, açoitariam e crucificariam.

2) O Pedido Ambicioso dos Filhos de Zebedeu. 20:20-28.

Marcos apresenta o pedido como vindo dos próprios filhos. Mateus mostra que pela primeira vez pediram através de sua mãe, mas que mais tarde eles mesmos entraram na conversa.

A mulher de Zebedeu com seus filhos. Salomé, aparentemente a irmã da Virgem Maria, como se vê comparando Mt. 27:56 com Mc. 15:40 e Jo. 19:25. 21. O pedido por lugares de maior honra no reino de Cristo pode ter sido provocado por causa de sua revelação anterior sobre os doze tronos (19:28). Embora ela surgisse da idéia de que o reino seria muito brevemente estabelecido (Lc. 19:11), e traiu um espírito não muito humilde, deve-se notar que se baseava numa firme fé de que Jesus era o Messias e o seu reino uma realidade. Uma fé assim Jesus queria purificar e nutrir.

22, 23. Cálice. Um símbolo dos sofrimentos de Cristo (conf. 26:39, 42). **Ser batizados com o batismo** (aparece só na ERC). Broadus explica, "ser mergulhados nos mesmos sofrimentos" (*Commentary on Matthew*, pág. 417). A concordância de ambos com as severas exigências de Jesus era sem dúvida sincera. Tiago foi o primeiro discípulo a morrer por Cristo (Atos 12:2); João sofreu de diversas maneiras por um período mais longo. Entretanto a disposição das posições pedidas é uma prerrogativa do Pai.

24. Indignaram-se. Uma reação dos dez que talvez fosse agravada pelo procedimento dos dois que fizeram uma parenta de Jesus interceder por eles.

25-27. A resposta de nosso Senhor demonstrou que embora os governos humanos mantenham o poder através da autoridade de diversos funcionários colocados sobre seus subordinados, o seu reino seria diferente. O desejo de servir é o sinal da grandeza espiritual.

28. O maior exemplo desse princípio é **o Filho do homem**. A suprema demonstração aconteceu no Calvário, onde ele ofereceu **a sua vida em resgate** a Deus, contra quem os homens pecaram e estavam sujeitos à penalidade. **Por muitos.** A morte de Cristo é claramente substitutiva, "no lugar de" (*anti*) **muitos**. (Veja A.T. Robertson, *Grammar of the Greek New Testament*, págs. 572-574.) **Muitos** aqui não tem a intenção de ser restritivo, mas contrasta como o *um* que morreu. Entretanto, a escolha foi muito feliz à vista do ensinamento explícito de outras passagens que nem todos se garantiram da salvação oferecida.

3) A Cura de Dois Cegos. 20:29-34.

Narrativas paralelas (Mc. 10:46-52; Lc. 18:35-43) propõem problemas de harmonização, mas este fato proíbe qualquer sugestão de convivência.

29. Saindo eles de Jericó. Marcos concorda, mas Lucas coloca o incidente ao se aproximarem da cidade. A parte principal de Jericó romana, ocupada pelos judeus mais pobres, fica cerca de uma milha a leste do quartel-general de inverno de Herodes (também chamada Jericó), que continha o palácio, a fortaleza e as casas dos ricos amigos de Herodes. (Veja Lucetta Mowry, BA, XV, 2, pág. 34). Assim o milagre poderia ter ocorrido entre as duas Jericós, com Lucas naturalmente pensando em termos de cidade herodiana, onde provavelmente ocorreu o seu próximo incidente (Zaqueu).

30-34. Dois cegos. Os outros evangelistas mencionam apenas o mais importante, Bartimeu (conf. os dois endemoninhados, Mt. 8:28).

Filho de Davi. Com esse título queriam dizer o Messias. Anteriormente Jesus tinha proibido o seu uso público, mas agora, ao se aproximar de Jerusalém, está pronto a proclamá-lo (conf. 21:16; Lc. 19:40).

D. Em Jerusalém. 21:1 – 25:46.

Ao traçar os movimentos de Jesus a caminho de Jerusalém, Mateus omite a viagem de Jericó a Betânia, seis dias antes da Páscoa (Jo. 12:1), que foi um dia antes da Entrada Triunfal (Jo. 12:12).

Mateus 21

1) Entrada triunfal 21:1-11.

A primeira de uma série de visitas a Jerusalém durante a última semana (conf. 21:18; Mt. 11:19).

1. Betfagé. Uma aldeia que parece ficar entre Betânia e Jerusalém, uma vez que Jesus pousou em Betânia na noite anterior (Jo. 12:1, 12). A localização exata ainda é desconhecida. **Monte das Oliveiras.** A colina que fica a leste de Jerusalém e que oferecia aos viajantes a primeira vista da cidade.

2,3. As explícitas instruções de Jesus referentes à **jumenta** e ao **jumentinho** indicam a importância do acontecimento. Em outras ocasiões Jesus costumava andar a pé, e aqui a distância não era mais de duas milhas

4,5. Cumprimento de Zc. 9:9 foi a motivação dessa atitude, embora os discípulos não tomassem consciência disso antes da Ressurreição (Jo. 12:16). Os judeus geralmente consideravam essa passagem como sendo messiânica (Edersheim, *Life and Times of Jesus*, II, 736).

6-8. Foram trazidos os dois animais (a jumenta foi necessária para sossegar o jumentinho que ainda não fora montado por ninguém), mas todos os evangelistas testificam que Jesus montou o jumentinho. Algumas pessoas da multidão estenderam suas capas sobre o caminho para lhe prestar homenagem, aclamando-o agora Rei (II Reis 9:13). Outros jogavam folhas de palmeiras pelo caminho (Jo. 12:13). O

jumento era um animal humilde e nenhum rei judeu desde Salomão montara um deles oficialmente. Mas a brandura e a humildade eram sinais inequívocos do Messias preditos por Zacarias, que agora se cumpriam.

9. Hosana. Uma expressão hebraica significando **Viva agora**. Os gritos da multidão, empregando as frases de Sl. 118:25, 26, proclamavam claramente suas esperanças em Jesus como Messias, o **Filho de Davi**. Anteriormente Cristo se esquivou a tais demonstrações públicas (embora confessando sua messianidade a indivíduos; Jo. 4:26; Mt. 16:16-20); mas agora ele fizera cuidadosos preparativos para uma inconfundível apresentação pessoal à nação.

10,11. Quem é este? A aclamação messiânica provocou a pergunta da parte daqueles que talvez não conhecessem Jesus (ele evitou Jerusalém durante a maior parte do seu ministério).

2) Purificação do Templo. 21:12-17.

Uma purificação semelhante foi registrada no começo do ministério de Jesus (Jo. 2:13-22), mas não temos motivos para duvidarmos que tenha havido dois exemplos iguais. Jesus repetia freqüentemente suas palavras e atos. Esses homens maus logo voltaram aos seus caminhos perversos, pois os atrativos financeiros eram mais atraentes.

Tendo Jesus entrado no templo. Foi no dia que se seguiu à Entrada Triunfal (Mc. 11:11, 12). Mateus registra aqui acontecimentos fora do templo. **Todos os que ali vendiam e compravam.** O pátio externo, que era dos gentios, continha estábulos onde podia-se comprar animais para os sacrifícios e mesas para se trocar dinheiro estrangeiro por siclos do santuário. Esse mercado, uma rica fonte de extorsão, era controlado pela família de Anás, o sumo sacerdote. Pouco tempo depois da guerra dos judeus contra Roma, a indignação popular contra esses bazares de Anás provocou a sua retirada (veja Edersheim, *Life and Times of Jesus*, I, 367-372).

13. Está escrito. Is. 56:7 e Jr. 7:11. **Covil de salteadores.** Um refúgio para ladrões, cujas práticas infames eram protegidas pelos preceitos sagrados.

14-16. Só Mateus registra as curas que provocaram novas Hosanas das crianças (*meninos*, no masculino) no Templo. Para responder aos sacerdotes que o desaprovavam, Jesus empregou Sl. 8:2 mostrando que Deus suscita louvor até mesmo daqueles que os homens consideram insignificantes.

17. Para Betânia, onde pernitoiu. A aldeia ao pé do Monte das Oliveiras (conf. Lc. 21:37). Não se sabe ao certo se ele passou a noite em uma casa na cidade ou ar livre (conf. Lc. 24:50 com Atos 1:12 para o uso alternado desses nomes.)

3) Maldição da Figueira Estéril. 21:18-22.

Novamente é preciso consultar Marcos (11:12-14, 19.25) para verificação de cronologia. Mateus encaixa as duas fases do incidente em uma só.

18. Cedo de manhã. De acordo com Marcos, era manhã do dia no qual ele purificou o Templo.

19, 20. Figueira. Esta conhecida árvore da Palestina era usada muitas vezes como símbolo da nação de Israel (Os. 9:10; Joel 1:7). Uma peculiaridade dessa árvore é que seus frutos e folhas costumam aparecer ao mesmo tempo, com os frutos às vezes em primeiro lugar. A próxima colheita seria esperada para Junho. Essa árvore em particular produzira tão abundante folhagem em Abril que qualquer um esperaria encontrar nela também os frutos. Este parece ser um exemplo no qual, pelo fato de Cristo ter-se esvaziado completamente do seu ego (Fl. 2:7), Ele deixou de usar a sua onisciência para que a sua reação humana fosse inteiramente genuína.

Nunca mais nasça fruto de ti. Foi dito com a solenidade de um julgamento condenatório. Embora não haja nenhuma declaração de que a situação deveria ser considerada alegórica, parece ser a única explicação

razoável para o incidente (pois árvores não tem responsabilidade moral). Ele forneceu uma seqüência pitoresca para a parábola de Lc. 13:6-9 referente à nação judia, estéril apesar de todas as vantagens.

A figueira secou imediatamente. Imediatamente pode com certeza ser bastante amplo para se entender diversas horas. Na manhã seguinte os discípulos logo perceberam, que já se encontrava seca até as raízes (Mc. 11:20).

21, 22. Para os admirados discípulos Jesus explicou que tal poder (para feitos ainda maiores) estava à disposição deles através da oração da fé. Esse tipo de fé, entretanto, só pedirá aquelas coisas que sabe ser da vontade de Deus (conf. com 17:20).

4) Perguntas sobre a Autoridade de Jesus e Sua Resposta Alegórica. 21:23 - 22:14.

23. Durante essa terceira visita **ao templo** em dias sucessivos, Jesus foi interrogado pelas autoridades do Sinédrio (**principais sacerdotes, anciãos do povo e escribas**, Mc. 11:27).

Com que autoridade? Autorização costumava ser fornecida pelo Sinédrio ou algum rabino eminente, que dava testemunho quanto à validade dos ensinamentos, declarando-os inteiramente de acordo com as devidas fontes tradicionais (veja Edersheim, *Life and Times of Jesus*, II, 381-383). **Estas coisas.** Uma referência às obras de Cristo (purificação do Templo, milagres) como também aos seus ensinamentos e à sua aceitação de homenagem devida ao Messias.

25-27. O batismo de João. Representativo do ministério de João. A contra-pergunta de Cristo não foi uma evasiva às exigências do Sinédrio, mas serviu ao duplo propósito de responder implicitamente (conf. Jo. 5:33-35) e de expor a desonestidade do Sinédrio. João Batista, cujo ministério era popularmente reconhecido como sendo genuinamente profético, proclamara publicamente que Jesus era o Messias e ensinara os homens a confiar nEle (Jo. 3:26-30; Jo. 1:29-37; Atos 19:4). Assim os oficiais viram claramente o dilema que a pergunta de Cristo colocava diante deles. Se reconhecessem a autoridade divina de João, teriam

obrigação de reconhecer que ele ensinara sobre Jesus - que Ele era o Messias. Entretanto, uma negativa da autoridade de João desencadearia sobre eles a ira do povo. Esses homens desonestos e covardes não mereciam outra resposta.

28-32. Parábola dos Dois Filhos. Só Mateus registra as três parábolas (conf. Mc. 12:1, "parábolas") apresentadas nessa ocasião, evocadas pela oposição dos membros do Sinédrio à autoridade de Jesus. A parábola dos Dois Filhos foi interpretada por Jesus como a descrição das reações opostas dos párias religiosos e seus líderes em relação ao ministério de João, que era preparatório do Seu próprio. O **filho** (*criança*) que primeiro disse **Não quero** mas se arrependeu mais tarde e **foi** descreve os **publicanos e as meretrizes**, párias da religião que finalmente aceitaram a mensagem de João. Muitos deles tornaram-se seguidores de Jesus (Lc. 15:1, 2). O **filho** que disse **Eu vou mas não foi** descreve os líderes religiosos que primeiro deram uma aprovação mais ou menos incerta a João (Jo. 5:35) mas nunca foram até o fim (Lc. 7:29, 30). Assim os publicanos e as meretrizes, aceitando a João, demonstraram a sua prontidão para aceitação do **reino de Deus** messiânico. O **caminho da justiça** (II Pe. 2:21) descreve a pregação de João (conf. 22:16 "caminho de Deus") em termos que faziam lembrar Noé (II Pe. 2:5), e provavelmente se refere mais ao conteúdo de sua mensagem do que ao seu comportamento pessoal.

33-46. Parábola dos Maus Lavradores. Esta parábola responde melhor a pergunta sobre a autoridade de Jesus mostrando-o como o Filho divino enviado pelo Pai. Embora as linhas principais da parábola sejam tão compreensíveis que os membros do Sinédrio não poderiam ter fugido ao seu significado, não se deve fazer a tentativa de forçar todos os detalhes. O pai de família certamente representa Deus, o Pai; entretanto seu otimismo leviano (v. 37) não pode ser atribuído a Deus. Talvez possamos ver nas atitudes do pai de família a maneira pela qual Deus parece agir aos olhos dos homens.

33. Uma vinha. Símbolo da teocracia de Israel, familiar a todos os judeus. Conf. Is. 5:1-7; Sl. 80:8-16. O versículo 43 compara a **vinha** ao **reino de Deus** apontando claramente para o reino que foi concedido a Israel através de reis divinamente escolhidos. Na parábola o pai de família foi descrito tomando todas as providências para o bem-estar da vinha. **Espancaram um, mataram outro, e a outro apedrejaram.** Para verificar o vergonhoso tratamento que Israel concedeu aos emissários de Deus veja Jr. 20:1, 2; 37:15 ; 38:6; I Reis 19:10; 22:24; II Cr. 24:21.

37. Por último, enviou-lhes o seu próprio filho. A extraordinária paciência do pai de família revela a completa depravação dos lavradores.

38. Vamos, matemo-lo, e apoderemo-nos da sua herança. Exatamente este sentimento fora revelado recentemente pelos líderes judeus (Jo. 11:47-53). Desse momento em diante, o campo de ação da parábola passa da história para a profecia.

39. E o mataram. Uma profecia da morte de Jesus nas mãos desses mesmos homens.

40, 41. A esta altura os líderes judeus pareceram não captar todo o significado da parábola (embora o fizessem logo após, v. 45) e por isso responderam prontamente à pergunta de Jesus, proferindo a sua própria condenação.

42-44. A citação que Jesus fez do Sl. 118:22, 23, apontava para o seu triunfo final após a rejeição. A mesma passagem também foi citada em Atos 4:11 e I Pe. 2:6,7. Como resultado de seu triunfo, o **reino de Deus vos será tirado** da posse desses líderes (e da contemporânea nação de Israel, conforme indica a menção de outra nação). **A um povo que produz os respectivos frutos.** Uma referência à igreja (chamada por Pedro de "nação santa" em um contexto onde foi usada a mesma passagem do V.T.; I Pe. 2:7-9). Com o Pentecostes formou-se um novo corpo, a Igreja, que seria o núcleo espiritual do reino messiânico (medianeiro). Embora esses líderes judeus individuais fossem permanentemente removidos do Reino, Rm. 9-11 explica que a nação de Israel receberá novamente as bênçãos da salvação ao fim da presente

dispensação com destaque dos gentios (Rm. 11:25). Hoje em dia a Igreja desfruta de certos aspectos espirituais do Reino, visto que reconheceu Cristo como Rei (Cl. 1:13), e está sendo preparada para participar do próximo reino. Este aspecto do reino mediano foi descrito nas parábolas de Mt. 13.

45, 46. Temeram. Os líderes judeus foram impedidos em seus planos de matar Jesus (Jo. 11:53) porque recearam a popularidade dele. O mesmo medo evitou que difamassem a memória de João (Mt. 21:26).

Mateus 22

22:1-14. Parábola das Bodas. Embora esta parábola seja parecida com a de Lc. 14:16-24, a diferença em certos detalhes e a ocasião em que foram contadas, torna desnecessário qualquer tentativa de fazê-las idênticas. Qualquer professor tem o privilégio de repetir ilustrações, mudando os detalhes para que se adaptem a uma nova situação.

1. Por parábolas, isto é, alegoricamente.

2. O reino dos céus. O reino mediano conforme apresentado em Mt. 13:11 e segs., visto durante o período da primeira vinda de Jesus até o completo estabelecimento do reino messiânico.

O **rei, seu filho e as bodas** representam o Pai, Cristo (Jo. 3:29), e o reino messiânico (Is. 25:6; 55:1). Se o cenário descreve um casamento que envolve o reconhecimento do filho como herdeiro, então a recusa em comparecer demonstrou deslealdade além de falta de cortesia. Esse foi o motivo da violenta execução dos rebeldes pelas forças do rei.

3-6. A chamar os convidados. O costume oriental incluía um convite inicial e um segundo chamado à hora estipulada. Os convidados aqui Israel certamente, recusaram-se a atender a este chamado, e quando foi apresentado mais outro convite explicando o primeiro, tornaram-se imprudentemente rudes ou positivamente homicidas. Compare o tratamento que os judeus dispensaram a João (Mt. 21:25), a Estêvão (Atos 7:59) e a Tiago (Atos 12:2).

7. Incendiou a cidade. Uma predição da destruição de Jerusalém em 70 A.D. O exército romano sob as ordens de Tito é tido na parábola como o instrumento divino (**Suas tropas**).

8, 9. Ide, pois às encruzilhadas dos caminhos. Isto se considera geralmente uma referência à evangelização dos gentios (o que parece claro em Lc. 14:23). Aqui, entretanto, a festa de casamento naturalmente implica na existência de uma noiva, além dos convidados; pois a evangelização dos gentios na dispensação da igreja fornece a noiva, não os convidados. Visto que Cristo estava explicando aos judeus incrédulos o seu relacionamento com o reino messiânico, talvez esses convidados que mais tarde atenderam ao convite representam os judeus que aceitarão a Cristo durante a Tribulação.

10. Maus como bons. Pecadores declarados e os moralmente justos. Ambos são objetos do convite bondoso de Deus, e muitos de ambos os grupos aceitam o convite.

11. Veste nupcial. Considerando que a falta desse vestido excluiu o homem da festa, concluímos que o vestido representa uma exigência absoluta para a entrada no Reino. Assim ele representa o manto da justiça imputada, a qual Deus fornece graciosamente ao homem mediante a fé (Is. 61:10). O costume dos reis de fornecerem vestidos adequados quando outorgavam audiências ao que parece foi suposto aqui, uma vez que o acusado foi considerado culpado pela falta, e pessoas recolhidas pelos caminhos não teriam meios de obter vestes adequadas ainda que tivessem tempo para providenciá-las.

12. Amigo. Companheiro, camarada. Uma forma de se dirigir a uma pessoa cujo nome não é conhecido. O homem sem o vestido de núpcias representa a pessoa que se diz preparada para o reino de Cristo, mas não está. Outras parábolas descreveram-na como joio e peixe inaproveitável.

Para fora, nas trevas. Na parábola, é a descrição da negrura da noite do lado de fora do palácio fortemente iluminado (a ceia – *ariston*, v. 4 – que começava ao meio-dia, entrou pela noite adentro); as trevas, o

choro, e o **ranger de dentes** indicam claramente os tormentos do Geena (13:42; 25:30, 46).

14. Muitos são chamados, mas poucos são escolhidos. Há um chamado geral de Deus feito aos pecadores, convidando-os para desfrutarem das alegrias da salvação (11:28), o qual não pode ser rejeitado. São comparativamente poucos os que realmente são escolhidos para essa bênção. As Escrituras indicam claramente uma eleição divina que leva os pecadores a Deus. Mas as Escrituras também indicam que o homem é responsável pela sua indiferença (v. 5), rebeldia (v. 6), e justiça própria (v. 12).

5) Diversos Grupos Interrogam Jesus. 22:15-46.

Essas discussões aconteceram no mesmo dia em que foram contadas as parábolas acima, um dos dias mais ocupados do ministério de Jesus.

15-22. Perguntas dos fariseus e herodianos a respeito do tributo.

15. Como o surpreenderiam. Como o apanhariam em uma armadilha.

16. Discípulos. Estudantes de rabinos, enviados pelos seus mestres fariseus. **Herodianos.** Um grupo de judeus cujas características não são inteiramente conhecidas. Parece que advogavam a volta do governo da família herodiana (cujo governo terminara na Judéia e Samaria no ano 6 depois de Cristo, com a nomeação de procuradores romanos). Esses dois grupos uniram-se em seu ódio comum a Jesus, o possível Messias.

17. Depois de uma apresentação bem-estudada (na qual certamente os oradores não acreditavam), sua muito bem planejada pergunta foi apresentada.

É lícito pagar o tributo a César? *Kensos* é um estrangeirismo latino que se referia ao imposto pessoal romano cobrado de cada judeu. A pergunta presumia um dilema: Ou Jesus declararia servidão a Roma (e assim comprometeria qualquer direito à messianidade), ou se arriscaria a ser acusado de deslealdade a Roma. Os inimigos de nosso Senhor

estavam tão certos da natureza tumultuadora da última acusação que tornaram a usá-la contra ele alguns dias mais tarde, apesar de sua negação explícita (Lc. 23:2).

19. Mostrai-me a moeda do tributo. O imposto era pago com o *denarius*, que equivalia ao salário diário de um soldado ou operário.

20, 21. Levando seus interrogadores a reconhecerem a figura de César e a inscrição que havia na moeda, Cristo forçou o princípio de sua resposta. Dai, pois a César o que é de César. Broadus faz uma paráfrase, "Isto vocês receberam de César, pois paguem-lhe de volta" (*Comm. on Matt.* pág. 453). O dinheiro de César representava o governo de César, com seus benefícios resultantes. Por esses o súdito era obrigado a pagar (conf. Rm. 13:1-7).

O que é de Deus. Aqui as obrigações espirituais foram separadas, embora não estejam isentas de relacionamento. A devida submissão ao poder civil faz parte das obrigações espirituais (I Pe. 2:13-15), mas um crente deve sempre em última instância submeter-se à vontade de Deus (Atos 4:19, 20).

23-33. A pergunta dos saduceus relacionada com a ressurreição.

23. Os saduceus, que dizem. A ausência de um artigo nos melhores manuscritos sugere que a tradução mais certa seria os saduceus *vieram dizendo*. Sua negação da ressurreição era sustentada por uma ilustração a fim de provar seu suposto absurdo. (Conf. Atos 23:8 em relação aos dogmas dos saduceus.)

24-27. Moisés disse. Uma referência a Dt. 25:5 e segs. A ilustração mencionada era concebível entre os judeus por causa do costume do levirato (da palavra latina *levir* que significa "cunhado"). Tal prática, também seguida por outros povos da antiguidade, já estava em desuso. Portanto, o caso suposto pelos saduceus não era uma questão atualizada mas um quebra-cabeça teológico.

28. Na ressurreição, a realidade da qual os saduceus escarneciam, **de qual dos sete será a esposa?** Todos os sete foram igualmente

casados com ela, e não havia nenhuma descendência que pudesse dar prioridade a alguma das uniões.

29. Não conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus. O erro dos saduceus era o seu fracasso em entender os ensinamentos das Escrituras referentes à ressurreição e a capacidade de Deus de resolver a situação. A ilustração deles presumia que a ressurreição restaurará os homens à mesma forma de existência que tinham antes (um ponto de vista comumente defendido pelos fariseus), embora a Escritura não o afirme em lugar algum. Eles não concediam a Deus o crédito do poder de ressuscitar os mortos em um estado mais glorioso (conf. I Co. 15:40-50).

30. São, porém, como os anjos, isto é, na questão do casamento. Jesus não declarou que os mortos ressuscitados se transformariam em anjos. Esta passagem também não implica em que o mais caro relacionamento terreno será esquecido na vida futura. Exatamente como esse relacionamento será afetado com a posse de corpos glorificados não foi explicado, mas toda a Escritura sustenta que o estado da ressurreição é o de bem-aventurança e perfeito relacionamento.

31-33. O que Deus vos declarou. Jesus indicou aos seus interrogadores uma declaração direta do próprio Deus (não através de mediadores como no v. 24).

Eu sou o Deus de Abraão (Êx. 3:6). Em lugar de empregar algumas das passagens mais específicas dos profetas ou dos Escritos (em relação aos quais a opinião dos saduceus era duvidosa), Jesus citou da Torá uma declaração à qual deu a mais profunda interpretação. Usando o reverenciado nome do Deus da aliança, Jesus tornou implícita a imortalidade desses patriarcas. Como Plummer observou, "O que está morto pode ter um Criador ou Controlador; mas só os seres vivos podem ter um Deus" (*Gospel According to St. Matt.*, pág. 307).

34-40. A pergunta de um fariseu, doutor da lei sobre o grande mandamento. Consulte a narrativa de Marcos (12:28-34) para detalhes adicionais, inclusive o interessante resultado.

34. E os fariseus sabendo. A frustração dos saduceus produzida pela réplica magistral que Jesus deu à pergunta sobre a ressurreição deveria satisfazer também aos fariseus. Entretanto, uma vitória bem definida de Jesus não seria bem recebida nem mesmo por eles, visto que participavam do ódio que os saduceus tinham por Jesus.

Intérprete da lei. Um conhecedor da lei de Moisés.

36. Qual é o grande mandamento na lei? O propósito máximo do doutor não está muito evidente, e deve-se notar que Jesus tratou a pergunta diretamente e depois elogiou a sagacidade da resposta do doutor (Mc, 12:34). Costuma-se sugerir que ele desejava levar Jesus a discutir a computação que os rabis fizeram de 613 mandamentos.

37-40. Nosso Senhor resumiu as duas tábuas da Lei nas palavras de Dt. 6:5 e Lv. 19:18. Uma devida consideração de Deus e do próximo é a essência das obrigações do homem. Todo o V.T. interpreta e aplica esses princípios (Rm. 13:8).

Todo o teu coração. No pensamento hebreu, o coração simboliza a totalidade do ser, que contém a **alma** e o **entendimento**, os elementos animador e raciocinador. Um amor a Deus que envolva tudo levará a pessoa a cumprir com todas as obrigações morais. Mas esse padrão inatingível apenas prova a corrupção do coração humano.

41-46. A contra-pergunta de Jesus sobre o Messias.

42. Que pensais vós de Cristo? Virtualmente é a mesma pergunta que ele fez antes aos Doze (16:15). **O filho de Davi.** A linhagem davídica do Messias era ensinada pelos escribas (Mc. 12:35).

43-45. Apontando o Sl. 110 aos seus ouvintes, o qual era interpretado pelos judeus como sendo messiânico (veja Edersheim, *Life and Times of Jesus*, Ap. IX), Jesus mostrou-lhes que entendiam mal aquela passagem das Escrituras. Esse Salmo de Davi (autoria que Jesus claramente afirma) apresenta o **Senhor** (*Jeová*) falando ao Messias; e Davi chama o Messias de **meu Senhor** (*Adonai*). Assim, os judeus, que consideravam o Messias descendente de Davi, foram confrontados com este salmo, no qual Davi chama seu descendente de "Senhor" e superior.

A prevalecente idéia do Messias como rei que seria meramente um governador político foi apresentada como sendo inadequada. Mais ainda, este salmo foi concedido **pelo Espírito** (Espírito Santo, Mc. 12:36), produto da revelação sobrenatural.

46. Nem ousou alguém fazer-lhe perguntas. Embora Marcos e Lucas façam comentário semelhante em lugares um pouco diferentes (Mc. 12:34; Lc. 20:40), um exame prova que todos os sinóticos colocaram o comentário de maneira apropriada para a sua matéria. **A partir daquele dia** não houve mais interrupções desses interrogadores.

Mateus 23

6) Jesus Denuncia Publicamente os Fariseus. 23:1-39. Algo do conteúdo deste discurso foi usado pelo Senhor anteriormente (Luc. 11:39 e segs.), mas agora ele faz a sua acusação no Templo em Jerusalém, na fortaleza dos seus inimigos.

1-12. Advertência contra os fariseus. Esta porção foi dirigida diretamente para os discípulos, embora na presença da multidão.

2. Na cadeira de Moisés se assentam, isto é, eles ocupam a posição de Moisés entre vocês, como expositores da Lei.

3, 4. Fazei e guardai, pois, tudo quanto eles vos disserem. Até onde o ensinamento deles apresentava o que Moisés ensinou, o povo devia obedecer. **Porém, não os imiteis nas suas obras.** Suas obras incluíam suas interpretações e perversões forçadas da Lei, que os capacitavam a zombar da importância espiritual do V.T. Suas múltiplas adições à Lei, aqui chamadas de **fardos pesados e difíceis de carregar,** faziam parte das suas **obras. Nem com o dedo querem movê-los.** Embora a casuística dos rabinos sem dúvida encontraria meios de escapar ao que era desagradável esta declaração provavelmente significa que eles nunca moviam um dedo para remover qualquer desses fardos (**movê-los** está em paralelo oposto a **atam**).

5. Filactérios. Pequenos estojos contendo tiras de pergaminho sobre as quais estavam escritas as palavras de Êx. 13:2-10, 11-17; Dt.

6:4-9 e 11:13-22. Os estojos eram amarrados com fitas à testa e no braço esquerdo. A prática surgiu depois do cativo de uma interpretação extremamente literal de Êx. 13:16. Os fariseus usavam-nas por ostentação. **Alongam as suas franjas**, borlas usadas nos quatro cantos da capa, de acordo com Núm. 15:38 e Dt. 22:12. Jesus usava essas borlas (Mt. 9:20; 14:36), mas os fariseus alargavam-nas por exibição.

6, 7. Lugar de honra nos banquetes e nas **sinagogas** eram objetos da ambição dos fariseus, além das efusivas saudações nas praças públicas, as quais chamavam a atenção para sua destacada posição. **Mestre**. Um título equivalente a professor ou doutor, que os judeus aplicavam aos seus instrutores espirituais.

8-12. As próximas palavras foram dirigidas especificamente aos discípulos. Os seguidores de Cristo não deveriam procurar serem chamados por esses títulos de mestre, **Pai** ou **Guia**, como os fariseus. Entretanto, esta não é uma proibição absoluta de hierarquia ou uso apropriado de títulos, pois o próprio Paulo se intitulou "pai" dos coríntios e chama Timóteo de "filho" (I Co. 4:15, 17). **O maior** mostra claramente a validade da diferença de postos. Mas um espírito de humildade deveria governar os crentes, não a ambição egoísta dos fariseus que usurpavam para si mesmos a autoridade que pertence a Deus.

13-36. Sete "ais" contra os fariseus. Aqui a atenção foi desviada dos discípulos para os fariseus, que faziam parte da multidão.

13. Hipócritas! Um epíteto destacando o fingimento dos fariseus e seus escribas. **Fechais o reino dos céus**. Na qualidade de líderes religiosos e reconhecidos intérpretes das Escrituras, deveriam ter sido os primeiros a atender a Jesus, influenciando os outros a segui-los. Quanto aos **que estão entrando** (o tempo presente indica disposição ou talvez futuridade – Dana e Mantey, *Manual Grammar of the Greek New Testament*, págs. 185, 186) não permitiam por causa de sua falsa liderança. O versículo 14 é uma interpolação de Mc. 12:40 e Lc. 20:47.

15. Rodeais o mar e a terra. Uma busca zelosa. **Prosélito**. Não o gentio temente a Deus que não era circuncidado (isto é, prosélito do

portão), mas o gentio que fora persuadido a adotar o judaísmo in teta incluindo todas as tradições ensinadas por esses fariseus.

Filho do inferno duas vezes mais do que vós. Os prosélitos feitos por esses fariseus que não eram espirituais (e sem dúvida que foram acrescentados a sua seita) apenas acrescentariam tradições rabínicas às suas noções pagãs.

16-22. O terceiro "ai" chama os fariseus de **guias cegos e insensatos** por terem pervertido a verdade do juramento. Já é bastante mau não se poder confiar na palavra de um homem sem o juramento. Mas os fariseus ensinavam que havia diferença na obrigatoriedade do cumprimento dos diversos votos. Os juramentos que usavam referências gerais ao templo ou ao altar não obrigava a pessoa a cumpri-los, mas se mencionasse mais especificamente o **ouro do santuário** ou a **oferta** do altar ficava obrigada a cumpri-los. Jesus mostrou o absurdo de tal raciocínio destacando que o maior (**santuário, altar, Deus**) inclui o menor (**ouro, oferta, céu**). À vista de tal perversidade, Cristo ensinou "De maneira nenhuma jureis" (Mt. 5:33-37).

23,24. O quarto "ai" descreve o cuidado escrupuloso dos fariseus nas questões menos importantes e a sua negligência nos deveres mais importantes. O dízimo das diversas ervas baseava-se em Lv. 27:30.

Hortelã, endro, e cominho eram plantas de hortas, usadas para temperar alimentos.

Justiça, misericórdia e fé. Essas obrigações éticas e espirituais (cf. Mq. 6:8) são **o mais importante da lei** e são portanto de importância primária, embora **aquelas** (o dízimo) também são próprias do povo de Deus. Através de tal prática os fariseus tinham escrupulosamente coado o **mosquito** (inseto leviticamente imundo que poderia cair no copo), mas engoliam um **camelo** (o maior dos animais imundos da Palestina; Lv. 11:4).

25, 26. O quinto "ai" descreve a deslocada ênfase dos fariseus sobre as coisas externas. **Limpais o exterior do copo.** A figura aponta para a preocupação dos fariseus com a purificação ritualística (rabínica, não de

Moisés) e a negligência com o conteúdo do copo. **Mas estes por dentro estão cheios de rapina e intemperança.** Os fariseus sustentavam seu modo de vida pressionando os outros. Obediência ao ritual rabínico não poderia alterar esta corrupção interior.

27, 28. O sexto "ai" descreve a influência secreta dos fariseus. **Sepulcros caiados.** Na primavera, após a estação das chuvas, as sepulturas eram caiadas para que uma pessoa desavisada não se contaminasse cerimonialmente tocando-as por descuido. (Nm. 19:16; conf. Ez. 39:15). Esse costume há pouco cumprido forneceu uma ilustração oportuno da aparência atraente dos fariseus mas corrupção interna. Lucas 11:44 usa sepulturas em uma ilustração um pouco diferente.

29-31. O sétimo "ai" descreve os ouvintes do Senhor como participantes da mesma natureza de seus perversos antepassados. Construindo e embelezando sepulturas de profetas assassinados, supunham que estivessem desautorizando esses homicídios. Mas Jesus declarou que seus atos provavam exatamente o oposto. Pois, construindo sepulturas, eles apenas completavam o que seus pais (espirituais, como também raciais) tinham começado. Sua própria conspiração de matar Jesus (21:46; 22:15; Jo. 11:47-53) provou serem **filhos dos que mataram os profetas.**

32. Enchei vós, pois, a medida de vossos pais. Compare ordem semelhante a Judas, Jo. 13:27.

33. Raça de víboras. Conf. com acusação de João em 3:7, 34-36.

34. Eis que eu vos envio profetas. Uma declaração semelhante em Lc. 11:49 atribui esse enviar à "sabedoria de Deus". Assim Jesus, como a própria personificação da sabedoria de Deus, declara-se senhor desse título (I Co. 1:24).

Profetas sábios e escribas. Termos particularmente próprios para o seu auditório. Os termos poderiam incluir também as testemunhas da Igreja Primitiva, tais como Pedro, Tiago, Estêvão e Paulo. Essas perseguições que aqui foram preditas fariam transbordar a medida da

culpa dos judeus, de modo que a destruição divina viria sobre essa geração da nação.

Desde . . . Abel . . . até . . . Zacarias inclui todos os homicídios praticados no V.T, desde o primeiro livro (Gn. 4:8) até o último do cânon hebreu (II Cr. 24:20-22). O fracasso desses fariseus de aprenderem as lições da história e de se arrependerem de sua perversidade, também característica de seus pais, significava que aos olhos de Deus eles tinham parte na culpa. Perseguições posteriores tornariam isso indiscutivelmente claro.

Zacarias, filho de Baraquias. Em II Cr. 24:20 ele é chamado "filho do sacerdote Joiada", talvez segundo um ilustre avô que morrera, há pouco, com a idade de cento e trinta anos (II Cr. 24:15). Mateus deveria ter documentos que davam o nome do seu pai. (Para apreciação de todos os pontos de vista, veja Broadus, *Comm. on Matt*, págs. 476, 477).

37-39. Lamentação sobre Jerusalém. Jesus já expressou sentimentos semelhantes anteriormente (Lc. 13:34, 35; 19:41-44).

37. Que matas os profetas. Este elo com o versículo 34 fornece fácil transição para a pública lamentação de Cristo sobre a cidade rebelde. **Quantas vezes quis eu.** Um testemunho involuntário da autenticidade do Evangelho de João, o único que registra as numerosas visitas de Jesus a Jerusalém.

38. Eis que a vossa casa ficará deserta. Conf. I Reis 9:7; Jr. 22:5;12:7. **Casa** tem sido diversamente interpretada como nação cidade e o Templo. Visto que Jesus proferiu essas palavras ao deixar o Templo pela Última vez (24:1), a interpretação do Templo é muito atraente. Um templo abandonado pelo Messias transforma-se em **vossa casa**, não de Deus.

39. . . me não vereis mais. O ministério público do Senhor terminara. Após a Ressurreição, Jesus apareceu apenas a testemunhas escolhidas (Atos 10:41). **Até que venhais a dizer.** Na segunda vinda de

Cristo os judeus reconhecerão, como nação, o seu Messias rejeitado, e lhe darão boas vindas (Rm. 11; Zc. 12:10).

7) O Discurso no Jardim das Oliveiras. 24:1 - 25:46.

Mateus 24

Esta argumentação contém alguns dos mais difíceis pronunciamentos de Jesus. A natureza apocalíptica da matéria tem semelhança com alguns dos discursos proféticos do V.T., onde a associação dos elementos históricos e típicos torna difícil a interpretação. Alguns vêem na destruição de Jerusalém, em 70 A.D., o cumprimento da maior parte dessas predições. Outros encaram o sermão como descritivo da dispensação da igreja, e da tribulação pela qual a Igreja tem de passar antes da volta de Cristo. O ponto de vista que defende aqui a descrição que nosso Senhor faz da septuagésima semana de Daniel tem o firme apoio dos paralelos encontrados em Daniel e no Apocalipse, e concorda bem com a pergunta dos discípulos que provocou o discurso. De acordo com essa interpretação, a narrativa de Mateus trata só de acontecimentos futuros. Só Lucas (21:12-24) registra a dispensação intermediária da igreja, introduzindo depois de sua discussão paralela dos acontecimentos escatológicos, uma parte que começa, "Mas antes de todas estas coisas".

1. As construções do templo. A magnificência do templo de Herodes era amplamente conhecida. Os maciços blocos de calcário adornados com ornamentações de ouro faziam uma vista deslumbrante (Jos. *Wars* v. 5:6).

2. Não ficará aqui pedra sobre pedra. Jesus respondeu de maneira muito contrária ao seu orgulho nacionalista. Ele previu a mais séria destruição, a qual ocorreu em 70 A.D. (Jos. *Wars* vii 1.1.).

3. Monte das Oliveiras. O monte, de onde se descortinava a cidade e o Templo a leste. **Aproximaram-se dele os discípulos, em particular.** Deixando a multidão do templo para trás, os discípulos podiam interrogá-lo a sós.

Quando sucederão essas coisas? Isto é, a destruição do Templo.

Que sinal haverá da tua vinda e da consumação do século?

Intérpretes judeus, do V.T., viram claramente que a vinda do Messias introduziria o "porvir", acompanhado da destruição dos maus. É preciso lembrar que os Doze perguntaram à luz de seu conhecimento tradicional, e a resposta de Jesus neste discurso certamente considerou isto. Assim, a consumação do século refere-se a um tempo do qual eles eram parte e tinham conhecimento. Que tal período ocupava grande parte do seu pensamento aparece em Atos 1:6. O período em questão foi descrito em Dn. 9:25-27 e intitulado as "setenta semanas", das quais apenas sessenta e nove passaram quando o **Messias** foi "cortado". Jesus dá a entender diretamente que esse particular período de tempo está envolvido quando ele descreve, em 24:15, um acontecimento que Daniel coloca no meio da septuagésima semana. Considerando que o Discurso no Monte das Oliveiras refere-se especialmente à tribulação de Israel, período conhecido em Daniel como a "septuagésima semana" e também descrita em Ap. 6-19, a qual culminará com a volta de Cristo.

a) Primeira Metade da Tribulação. 24:4-14.

A septuagésima semana de Daniel tem duas metades distintas (Dn. 9:27). Há uma espantosa correspondência entre a ordem dos selos em Ap. 6 e a ordem dos acontecimentos em Mt. 24:4-14. Assim, esses versículos devem ser colocados nos primeiros três anos e meio da Tribulação, depois do arrebatamento da Igreja.

5. Dizendo: Eu sou Cristo (conf. Ap. 6:1, 2; primeiro selo: Anticristo). Embora essas tendências possam se desenvolver durante a dispensação da igreja (I Jo. 4:3), a referência específica é a do Anticristo final e seus companheiros. Não há nenhum registro de alguém que se proclamasse o Cristo entre os anos 30 e 70 A.D.

6. De guerras e de rumores de guerras (conf. Ap. 6:3, 4; segundo selo: conflitos armados).

7. Fomes (cont. Ap. 6:5, 6; terceiro selo: fomes). **E terremotos** (conf. Ap. 6:7,8; quarto selo: morte de um quarto dos habitantes da terra).

8. Princípio de dores. Literalmente, dores de parto, sugerindo que o esforço doloroso que logo é substituído por um dia mais feliz.

9. Vos matarão (conf. Ap. 6:9-11; quinto selo: mártires).

11. Muitos falsos profetas . . . enganarão a muitos. (Conf. II Ts. 2:8-12).

12. O amor se esfriará de quase todos. A severidade dessas calamidades levará a maior parte de Israel a abandonar qualquer piedade pretensa.

13. Mas o sinal que distinguirá os judeus salvos remanescentes será a perseverança **até o fim**.

14. Evangelho do reino. As boas novas da salvação no Messias, com a ênfase de que o reino messiânico está para ser estabelecido. Esta mensagem penetrará **por todo o mundo** durante a Tribulação, por intermédio de duas testemunhas (Ap. 11:3-12) e o selado remanescente de Israel (Ap. 7).

b) Última Metade da Tribulação. 24:15-28.

15. Quando, pois virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel. O abominável da desolação reproduz a tradução da Septuaginta de Dn. 9:27; 12:11; 11:31, dois quais os dois primeiros são certamente escatológicos, enquanto o último prediz a profanação da adoração por Antíoco, cuja atitude foi uma sombra da abominação final. Este acontecimento ocorre no meio da septuagésima semana (Dn. 9:27), e a sua duração foi descrita de diversos modos, como "42 meses" (Ap. 11:2; 13:5), "1.260 dias" (Ap. 12: 6), "um tempo, e tempos e metade de um tempo" (Dn. 7:25; 12:7; Ap. 12:14).

O lugar santo. O Templo, que será restaurado. A enigmática **abominação** relaciona-se com adoração e outras passagens sugerem que seja a homenagem idólatra que o Anticristo exigirá para si mesmo. Veja

Ap. 13:5-8; II Ts. 2:1-4. Nos dias de Jesus estava claramente no futuro, eliminando assim aquelas opiniões que consideram que Daniel se cumpriu todo no tempo de Antíoco. A referência não pode também ser limitada à catástrofe de 70 A.D., pois Mt. 24:21 limita a referência à maior de todas as tribulações (conf. Dn. 12:1).

16-20. Então. O uso dessa partícula temporal aqui e em 24:21 e 23 coloca todos os acontecimentos desta seção dentro da estrutura dos últimos três anos e meio. O terror da perseguição sob o Anticristo tornará necessária a fuga imediata (Ap. 12:6, 14). Não haverá tempo para preparativos. Dificuldades dos inevitáveis são preditas.

Nem no sábado. Uma referência à dificuldade de se viajar (e obter alojamento, refeições, assistência) no sábado, em uma região onde os judeus estarão observando tais restrições. Isto não implica necessariamente em judeus cristãos que observem a guarda do sábado. Jesus estava empregando conceitos conhecidos dos seus ouvintes, os quais não podiam saber da mudança para o domingo.

21. Haverá grande Tribulação. A descrição adicional, **como desde o princípio do mundo até agora não tem havido**, torna inequívoca a referência de Cristo a Dn. 12:1. O prosseguimento **nem haverá jamais**, evita que identifiquemos este acontecimento com qualquer outra coisa que não seja a tribulação final sob o Anticristo exatamente antes da ressurreição (Dn. 12:2).

22. Não tivessem aqueles dias sido abreviados. As violentas medidas do Anticristo serão interrompidas com súbita aparição de Cristo, que o destruirá (II Ts. 21 8).

23-26. Durante a intensa perseguição a Israel, muitos libertadores presuntivos se levantarão, como os heróis Macabeus no período intertestamentário. Mas os **escolhidos** são advertidos de que a libertação não será parcial ou gradual.

27. Antes, com a subitaneidade e universalidade do **relâmpago** (linguagem fenomenal, do oriente . . . no ocidente), **o Filho do homem** virá para julgar os opressores.

28. Cadáver. A espiritualmente morta e decadente massa dos ímpios. **Abutres.** O termo inclui aves que se alimentam de carniça; portanto, abutres, agentes do julgamento divino. Conf. Ap. 19:17, 18.

c) A Vinda do Filho do Homem. 24:29-31.

29. Logo em seguida a tribulação daqueles dias. Conf. com 24:21. Nenhuma referência foi feita aqui ao Arrebatamento da Igreja (conf. I Ts. 4:16,17). Antes, as palavras descrevem a verdadeira volta de Cristo no fim da Tribulação para estabelecimento do reino messiânico. **O sol escurecerá.** Esses fenômenos astrais que se seguirão também foram preditos em Joel 3:15 e Is. 13:9, 10.

30. O sinal do Filho do homem. Os intérpretes não concordam sobre a identificação deste sinal. A explicação de Lange, que diz ser o Shequiná ou a glória de Cristo, é aceita por muitos mestres. Seja qual for a sua forma exata, sua aparição levará os judeus (**todos** os povos) a se lamentarem reconhecendo o seu Messias (conf. Zc. 12:10-12).

Vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória, descreve a mesma de Dn. 7:13, 14; II Ts. 1:7, 9.

31. Os anjos que reunirão os seus escolhidos são os mesmos que foram descritos em 13:30, 41-43 removendo o joio dentre o trigo, para que o trigo possa então ser recolhido no celeiro.

d) Ilustrações que exortam à vigilância. 24:32 – 25:30.

32-36. A figueira. Um freqüente símbolo bíblico representando a nação de Israel (Jr. 24; Joel 1:6, 7; Os. 9:10). Jesus também usou esta figura anteriormente (Lc. 13:6). A característica especial da árvore já mencionada antes (21:19, 20) é que seus frutos e folhas aparecem quase ao mesmo tempo; quando ela tem folhas, o verão está próximo. Por isso Jesus associa a nação revigorada com a aproximação desses acontecimentos escatológicos.

34. Não passará esta geração. Para explicar geração (*genea*) aqui como sendo o período da vida dos discípulos obriga a pessoa a buscar o

cumprimento de todos estes acontecimentos em 70 A.D. Mas isto é manifestamente impossível a não ser que se espiritualize a segunda vinda de Cristo. Entretanto, *genea* também pode significar "raça" ou "família", isto concede um bom sentido a esta passagem. Apesar da terrível perseguição, a nação judia não será exterminada, mas continuará existindo a fim de participar das bênçãos do reino milenar. Sustentando este ponto de vista, Alford destaca que os cristãos de antigamente continuaram esperando a vinda do Senhor mesmo depois dos apóstolos e seus contemporâneos terem morrido (*New Testament for English Readers*, pág. 169).

35. Passará o céu e a terra. Conf. Rm. 8:19-22; I Co. 7:31; Ap. 21:1. A verdade dessas solenes profecias de Cristo não sofrerá a mínima alteração.

36. Entretanto, o momento exato do seu cumprimento, só a autoridade do **Pai** pode decretar (conf. Atos 1:7). Não há possibilidade dos homens esboçarem um cenário com datas. A frase, **nem o Filho**, indica que o conhecimento perfeito de todos os membros da Deidade era parte daquilo que Jesus voluntariamente se absteve de usar durante o seu ministério terreno, exceto naqueles momentos em que esse conhecimento foi necessário ao seu propósito.

37-39. Dias de Noé. Assim como os **dias de Noé** concluíram uma dispensação com julgamento, também acontecerá o mesmo na volta de Cristo. Numa era de grande impiedade (Gn. 6), os homens viveram suas vidas sem se perturbarem com o destino iminente (**comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento**). **Mas veio o dilúvio e os levou a todos**, de maneira que só os justos foram deixados para herdarem. Do mesmo modo **a vinda do Filho do homem**, em seguida à Grande Tribulação (vs. 29-31) removerá os ímpios, para que o remanescente fiel que suportou a Tribulação possa participar das bênçãos do Milênio (conf. 25:31-46; 13:30, 41-43, 49, 50).

40-42. Os dois que estavam no campo e os dois no moinho. **Então** coloca esta ilustração no mesmo período do precedente, precisamente

explicado no versículo 29 como "logo depois da aflição". Portanto não se refere ao Arrebatamento da Igreja.

Dois . . . no campo. A segunda Vinda será tão repentina e tão discriminatória que pessoas trabalhando juntas serão separadas, um homem (numeral masculino) arrebatado para o juízo, e um homem deixado para desfrutar das bênçãos. **Trabalhando no moinho.** Essa tarefa costumava ser executada por mulheres, mãe e filha, irmãs, ou servas (veja Thomson, *Land and Book*, págs. 526, 527).

Portanto, vigiai. Embora a ênfase aqui colocada sobre a vinda do **Filho do homem** depois da Tribulação, a advertência é para todos os crentes, pois todos devem vigiar e estar prontos para a sua vinda. O esboço das diversas fases de sua vinda é revelado mais tarde. Esse encorajamento a que se vigie foi repetido em 24:44 e 25:13.

43, 44. O pai de família. Se o pai da família fosse precavido, teria evitado perdas e prejuízos. **Arrombada.** Literalmente, *cavar através*, uma referência às casas de tijolos de barros da Palestina, comparativamente fáceis de assaltar. Os crentes têm menos justificativas para a falta de cuidado do que o **pai de família**, que não foi advertido da vinda de um ladrão.

45-51. O servo fiel e o servo infiel.

45-47. A figura descreve um **servo fiel e prudente** que foi colocado por seu senhor sobre os outros servos da sua casa. O desempenho fiel de suas obrigações trará privilégios e responsabilidades aumentados quando o seu senhor vier.

48, 49. Em contraste, o **servo mau** é apenas o servo de nome, pois ele zomba das instruções do seu senhor e assume ele mesmo a autoridade. Sua deficiência é tanto doutrinária (**Meu Senhor demora-se**) como ética (**espancar os seus conservos, e a comer e a beber com ébrios**). Ele confunde a incerteza da hora da vinda com a certeza de que não virá logo. Todos os crentes (quer santos da dispensação da igreja quer da Tribulação) são servos de Deus com definida área de responsabilidade.

50, 51. A vinda de Cristo será súbita e inesperada, e desmascarará tais hipócritas. **Castigá-lo-á.** O significado literal, "cortará em dois", descreve o castigo físico (conf. II Sm. 12:31; Hb. 11:37), e as palavras seguintes (**com os hipócritas . . . choro e tanger de dentes**) afirmam o resultado eterno.

Mateus 25

25:1-13. As Dez Virgens. Uma linda história extraída dos costumes relacionados ao casamento daquele tempo, mas interpretados pelos evangélicos de maneiras muito variadas. Alguns explicam as virgens como sendo os membros professos da Igreja à espera da volta de Cristo. Outros aplicam a parábola aos judeus remanescentes na Tribulação. Embora o tema central, que é a necessidade de se vigiar, aplica-se a qualquer dos grupos, o escritor sente que a última interpretação vai de encontro às exigências do conteúdo e do contexto mais exatamente.

1. Então coloca a parábola dentro do quadro mencionado em 24:29 e 24:40. **O reino dos céus.** Conf. com Mt. 3:2; 13:11.

Dez virgens . . . saíram a encontrar-se com o noivo. O casamento judeu tinha duas fases. Primeiro, o noivo ia à casa da noiva para buscar sua prometida e cumprir com as cerimônias religiosas. Depois levava a noiva para a sua própria casa onde recomeçavam as festividades. A parábola não dá a entender que as virgens (no plural) esperassem casar-se com o noivo. Este não é um casamento polígamo. Antes, no fim da Tribulação, Cristo retornará à terra (seu domínio) depois de tomar a Igreja por esposa no céu (seu lar durante a Tribulação). Esta explicação se reflete no texto oriental desta passagem, que diz, "para se encontrarem com o noivo e a noiva". Conf. também com Lc. 12:35,36, "que esperam o seu senhor, quando houver de voltar das bodas". Portanto a Igreja não está aqui como tal. O interesse centraliza-se sobre as virgens que querem participar da festa do casamento, representantes do remanescente judeu professo (Ap. 14:1-4).

3. As néscias. Estúpidas. Lâmpadas. Tochas, cada uma contendo um pavio e espaço para azeite. **Não levaram azeite consigo.** Azeite, geralmente símbolo do Espírito Santo nas Escrituras (Zc. 4; Is. 61:1). Aqui uma referência à posse do Espírito Santo na regeneração (Rm. 8:9). Todas as dez tinham exteriormente a mesma aparência (virgens, lâmpadas, mesma atividade), mas **cinco** não participavam do Espírito Santo, que nessa ocasião foi concedido a Israel para que os judeus estivessem prontos para a vinda do Messias (Zc. 12:10).

5. Foram tomadas de sono e adormeceram. A parábola não alia culpa a este detalhe. Por isso talvez descreva a certeza do remanescente em esperar o noivo, e não o seu descuido; mas no caso das virgens loucas, era uma certeza falsa.

6, 7. Prepararam as suas lâmpadas. Limparam os pavios, acenderam-nas e ajustaram as chamas. Uma pessoa caminhando pelas ruas do Oriente à noite precisa carregar uma tocha acesa. Por isso as virgens se prepararam para se juntarem à procissão quando o noivo vinha se aproximando.

8. As nossas lâmpadas estão se apagando. As virgens tolas, que não se forneceram de azeite, viram seus pavios secos bruxulearem por alguns momentos e depois se apagarem. Insistir que tivessem um pouco de azeite mas não o suficiente contradiz 25:3. Sua estupidez ficou demonstrada porque não providenciaram nenhum azeite.

9. Comprai-o. Linguagem da parábola. O Espírito Santo é um dom gratuito, mas pode ser descrito por essa metáfora (conf. Is. 55:1). Cada pessoa deve obter seu próprio fornecimento.

10-12. Enquanto as loucas se foram, o noivo chegou e a festa começou. Mais tarde as loucas retomaram, dando-se a entender que não puderam obter nenhum azeite àquela hora . . . **vos não conheço.** Uma declaração semelhante a 7:23 na importância. Cristo rejeitará todo o relacionamento com pessoas que são apenas professoras.

14-30. Os talentos. Uma parábola semelhante a das Minas, que foi apresentada alguns dias antes em Jericó (Lc. 19:11-27). As Minas

ilustravam a verdade que dons iguais, quando usados com diligência desigual, podem receber recompensa desigual. Os Talentos mostram que dons diferentes, quando usados com a mesma finalidade, serão igualmente recompensados. A parábola anterior das Virgens destacou a necessidade de se estar alerta e preparado para a vinda de Cristo. Os Talentos enfatizam a necessidade do serviço fiel durante a sua ausência.

14. A natureza elíptica da sentença, que leva os tradutores ingleses a colocar diversas palavras no começo, mostra a sua íntima ligação com o assunto anterior. **Como um homem que, ausentando-se do país. O homem** é sem dúvida o **Filho do homem** (v. 13).

15. O talento era uma moeda de valor comparativamente alto. Aqui os talentos eram de prata (v. 18, *argurion*, "dinheiro de prata"). Dependendo de quem os cunhava, os talentos valiam de 1.180 dólares (Aegina) a 960 dólares (Attic). Um talento valia mais do que uma mina.

A cada um segundo a sua própria capacidade. Os talentos representam diferentes responsabilidades a serem executadas de acordo com a capacidade de cada homem.

16, 17. Os dois primeiros servos, embora possuíssem diferentes quantias de dinheiro, foram diligentes da mesma maneira e dobraram o seu capital.

18. O servo que possuía apenas **um talento** não demonstrou diligência e não sentiu o desafio de sua oportunidade. **Abriu uma cova.** Um esconderijo comum (Mt. 13:44).

19. Depois de muito tempo. Uma indicação de que a volta de Cristo não seria imediata, embora a expressão seja indefinida. Na parábola a volta foi ainda dentro do período de vida dos servos.

20-23. Na volta do seu senhor os dois primeiros servos tinham quantias diferentes a apresentar, mas ambos ofereceram lucro de cem por cento e receberam o mesmo elogio e recompensa.

Muito bem, servo bom e fiel. A fidelidade é a virtude que está sendo examinada. **Sobre muito te colocarei.** Parte da recompensa consistia em obter responsabilidade mais alta e privilégios diante do

senhor. **Entra no gozo do teu senhor.** Provavelmente uma referência da participação que o crente tem do gozo de Cristo, o qual é dEle por direito por causa de Sua perfeita execução da vontade do Pai (Jo. 15:10, 11).

24, 25. O servo inútil, entretanto, revela pela explicação que dá, uma opinião completamente falsa que tem do seu senhor. **Homem severo.** Severo, cruel, sem misericórdia. **Ceifas onde não semeaste,** isto é, tiras proveito do trabalho dos outros. **Ajuntas onde não espalhaste.** Não está muito claro se esta cláusula é paralela ao pensamento da precedente, ou se descreve o próximo estágio da colheita, isto é, o joeiramento. Se este é o caso, então o servo acusa o seu senhor de ajuntar em seu celeiro aquilo que o trabalho de outro espalhou com a pá de joeirar que separa o grão da palha.

Receoso. Ele se justifica falando do seu medo de arriscar e da necessidade de contabilizar possíveis perdas. Este servo estava cego ao fato de que o seu senhor era um homem generoso e dedicado, que desejava fazê-lo participar de alegrias maravilhosas.

26. Sabias. Talvez esta parte pudesse ser considerada uma pergunta, "Tu não sabes. . .?" Sem tomar conhecimento da veracidade dessa opinião, o senhor julga o escravo com base na sua justificativa para lhe mostrar a baixeza de tal atitude.

27. Se o servo realmente temia o risco de se aventurar nos negócios, então ele devia ter depositado o talento com os **banqueiros** para que rendesse **juros**. Embora os israelitas estivessem proibidos de cobrar juros uns dos outros, podiam fazê-lo dos gentios (Dt. 23:20).

28, 29. Portanto o talento foi tirado desse servo preguiçoso e rebelde e foi dado àquele que era mais capaz de usá-lo com proveito.

30. O servo inútil. Lançai-o para fora, nas trevas. O choro e tanger de dentes mostra claramente que isto simboliza o castigo eterno (8:12; 13:42, 50; 22:13; 24:51). Aí está o ponto alto da interpretação. Se esse ajustar de contas é o julgamento das obras do crente, então temos ao que parece um verdadeiro crente sofrendo a perda de sua alma por causa da esterilidade de suas obras. Mas essa interpretação viria contradizer a

Jo. 5:24. Ou, se o servo inútil representa um simples cristão professo, cuja verdadeira natureza foi assim desmascarada, então parece que o julgamento das obras dos crentes e a maldição dos pecadores ocorrerá junto, ainda que Ap. 20 separe estes julgamentos com um intervalo de 1.000 anos. A melhor solução é aquela que aplica a parábola aos santos da Tribulação (quer judeus quer gentios) por causa da clara associação com os versículos precedentes. Esta explicação concorda com outras passagens que por ocasião da volta de Cristo, os crentes remanescentes serão ajuntados para desfrutarem das bênçãos do Milênio, mas aqueles que estando vivos não crerem verdadeiramente no seu Messias serão removidos (Ez. 20:37-42). É claro que, para os homens de todas as dispensações, vale o princípio de que Deus os tem por responsáveis pelo uso que fizerem dos seus dons.

e) Julgamento de Todas as Nações. 25:31 – 46.

31. Então se assentará no trono da sua glória. A mesma cena de 24:30, 31, marcando a vinda do **Filho do homem** para dar fim à Grande Tribulação introduzindo o Milênio.

32, 33. E todas as nações serão reunidas na sua presença. Esta cena de julgamento deve ser distinguida daquela de Apocalipse 20 (Grande Trono Branco), pois aquela segue-se à ressurreição dos maus no fim do Milênio. Aqui **as nações** devem ser as pessoas vivas sobre a terra quando Cristo voltar. Serão julgadas como indivíduos, não como grupos (**uns dos outros**, v. 32, está no gênero masculino, quando **nações** é neutro). Tal julgamento dos homens vivos por ocasião da gloriosa vinda de Cristo foi profetizado em Joel 3:1, 2. Resultará em uma separação de dois grupos, com o grupo comparado às **ovelhas** colocado **à direita** de Cristo, posição de honra e bênçãos.

34. Àqueles que ouvirem o **“benditos de meu Pai”**, Cristo na qualidade de **Rei** (único lugar onde Jesus se intitula assim) convida **Vinde . . . entrai na posse do reino** (Milenar).

35-40. Como evidência do caráter regenerado dessas pessoas que foram comparadas a **ovelhas**, Jesus menciona os atos de bondade praticados para com os “**meus pequeninos irmãos**”, os quais ele considera como feitos a ele mesmo. Parece claro que as **ovelhas** e os **bodes** são distintos dos “**meus irmãos**”. Por isso a interpretação de **nações** como sendo os gentios e os **meus irmãos** como sendo o fiel remanescente judeu que proclamará o evangelho do Reino em todo o mundo (24:14; Ap. 7:1-8) concorda com as exigências da passagem. (O fato de Jesus ter anteriormente chamado todos os crentes de seus “irmãos” não muda as exigências do contexto; 12:47-50). Os crentes judeus ocasionarão a conversão de uma multidão inumerável de gentios (Ap. 7:9-14), que evidenciarão sua fé por meio de seus atos. A visitação deles na prisão sugere que o perigo estará envolvido quando um homem aceitar Cristo e Seus emissários publicamente durante aquele período.

41. Apartai-vos de mim, malditos. Muitos têm notado a ausência do artigo grego com a palavra **malditos** (diferindo de “benditos”, v. 34). Assim o particípio sendo mais circunstancial que substantivo, pode indicar que a frase significa “Apartai-vos de mim sob uma maldição”. Embora os justos tenham sido declarados benditos pelo Pai e entrem em um reino que lhes foi preparado antes da criação, o destino dos maus não foi declarado com termos tão específicos de eleição.

O **fogo eterno** não foi preparado para eles mas **para o diabo e seus anjos** (Ap. 20:10). Os homens não herdam o fogo eterno (contraste com os justos, v. 34), mas vão para lá recusando a graça de Deus.

42-45. Jesus aponta para a falta de boas características demonstrada pelos bodes em oposição às ovelhas. Pecados de omissão, não abomináveis atos de violência, são escolhidos para indicar o estado espiritual.

46. Castigo eterno e fogo eterno, ambos empregam o mesmo adjetivo (aionios). Qualquer tentativa de diminuir o castigo restringindo o **eterno** diminui a bem-aventurança dos justos na mesma proporção. Enquanto **eterno** pode implicar em um conceito tanto qualificativo como

quantitativo, o aspecto da duração sem fim não pode ser desassociada da palavra. É a palavra certa para o conceito de "eterno", conforme os léxicos atestam. O castigo eterno foi mencionado nestas passagens, Mt. 18:8; II Ts. 1:9; Judas 13; e outras. Portanto, no começo do Milênio, um julgamento será realizado, e os maus serão removidos, para que apenas pessoas regeneradas entrem no reino milenar (conf. Jo. 3:3).

IV. A Paixão de Jesus Cristo. 26:1 – 27:66.

Esta seção, de incalculável importância para cada cristão, está cheia de dramático interesse humano. Mas os detalhes fornecidos pelos Evangelistas têm causado problemas, principalmente cronológicos, desde os tempos mais remotos. Todavia, a maneira concreta pela qual cada Evangelho (escrito por homens que estavam eles mesmos emocionalmente envolvidos) trata esses acontecimentos altamente emocionais torna esses sublimes tratados ainda mais notáveis.

Mateus 26

A. Conspiração Contra Jesus. 26:1-16.

1-5. Última predição de sua morte.

2. Daqui a dois dias. Considerando que a Páscoa era comida ao anoitecer do dia 14 de Nisã (como o pôr-do-sol começava realmente o dia 15 de Nisã), esta predição foi feita ao anoitecer de Nisã 12.

Páscoa. A primeira grande festa do calendário judeu que comemorava a saída de Israel do Egito e a "poupança" (significado da raiz hebréia traduzida para o grego como *pascha*) de seus primogênitos quando Deus feriu os egípcios (conf. Êx. 12). A Páscoa era seguida logo pelos sete dias da Festa dos Pães Asmos (Nisã 15-21), e todo o festival era geralmente chamado de "Páscoa".

O Filho do homem será entregue. Conf. predições de 16:21; 17:22; 20:18. Aqui Cristo prediz pela primeira vez que a sua morte ocorrerá por ocasião da Páscoa.

3-5. Essa predição, entretanto, prejudicava os planos dos conspiradores. Com medo da multidão de Jerusalém, composta de muitos galileus que apoiavam Jesus, concordaram em não fazer nada **durante a festa**. Talvez tenham concordado em esperar uma semana. Mas Jesus fixou o momento de sua morte com antecedência, contrariando seus planos, e orientou os acontecimentos para que pudesse morrer como a verdadeira Páscoa. **Caifás** ocupava a função do sumo sacerdote desde 18 A.D. mais ou menos. Anteriormente já exigira a morte de Jesus (Jo. 11:49, 50).

6-13. Ungido em Betânia. Os intérpretes não concordam sobre as ligações cronológicas deste acontecimento. À vista de Jo. 12:1, "seis dias antes da Páscoa", ou Mateus (e Marcos) ou João seguiram mais a ordem dos tópicos do que a cronológica. Considerando que nem Marcos nem Mateus datam o acontecimento com mais precisão do que "e, estando Jesus em Betânia", parece melhor seguir a inequívoca cronologia de Jo. 12:1. Assim Mateus, tendo descrito a conspiração, passa agora a um acontecimento anterior para mostrar as circunstâncias que levaram Judas a efetuar a traição. Marcos 14:3-9 e Jo. 12:1-8 são paralelos (Lc. 7:36-50 relatava um incidente diferente).

6. Simão, o leproso. Sem dúvida um leproso curado que se sentia muito grato para com Jesus.

7. Uma mulher. Maria, a irmã de Marta e Lázaro (Jo. 12:9; 11:1,2). **Alabastro cheio de precioso bálsamo.** Narrativas paralelas descrevem o unguento como sendo nardo, com valor superior a 300 denários (um denário correspondia a um dia de salário de um trabalhador no campo).

8, 9. Quando **os discípulos** viram o generoso derramamento desse unguento sobre o corpo (v. 12) de Jesus (**cabeça**, v. 7, e pés, Jo. 12: 3), **indignaram-se**, achando que era um desperdício. Mateus não aponta ninguém particularmente nessa murmuração (talvez envergonhado de sua participação). Mas João menciona Judas como o instigador, e mostra a hipocrisia dele em demonstrar preocupação pelos pobres.

10-13. Jesus explicou que é preciso discernimento espiritual para não desperdiçar uma oportunidade irrecuperável. Atos de benevolência sempre são oportunos (Mc. 14:7). Mas não haveria nunca mais outra oportunidade de fazer o que Maria fez. **Ela o fez para meu sepultamento.** Não temos autorização para sugerir que Jesus estivesse inventando desculpas para Maria. Ele já tinha anunciado sua morte iminente (Jo. 10:11, 17, 18; Mt. 16:21; 17:22; 20:18). Em vez de fechar a mente à predição, como os discípulos pareciam fazer (conf. Mt. 16:22), Maria creu nela. Parece que ela compreendeu que, por ocasião da tragédia, não haveria tempo para as cortesias costumeiras. Se encararmos o ato de Maria como nascido de sua compreensão espiritual, só então poderemos entender devidamente o tremendo elogio que partiu de Jesus. Quando isso aconteceu, foi a única unção que o seu corpo recebeu. As mulheres que vieram mais tarde para realizar essa tarefa, encontraram a sepultura vazia.

14-16. Conspiração de Judas. Não se pode determinar até que ponto o **então** liga o parágrafo seguinte ao precedente (Marcos diz simplesmente "e"). Se 26:6-13 deve ser considerado um parêntese, para explicar uma das raízes da traição, então a conspiração de Judas pode ter começado nos versículos 1-5. Sob esse ponto de vista, a indignação na casa de Simão seis dias antes da Páscoa (Jo. 12:1, 2) desenvolveu-se em uma conspiração amadurecida durante os próximos quatro dias. **Iscariotes.** Homem de Queriotte, uma cidade da Judéia.

E pagaram-lhe. Mateus emprega a mesma palavra da Septuaginta em Zc. 11:12 à qual parece estar conscientemente aludindo. A Septuaginta usa *histêmi* ao traduzir *shakal*, "pesar dinheiro" (outro exemplo é I Reis 20:39 - Septuaginta, III Reis 21: 39). Assim Judas foi pago nessa ocasião, um fato que as outras narrativas não observam nem contradizem.

Trinta moedas de prata. Provavelmente siclos. Uma quantia comparativamente pequena, o preço de um escravo (Êx. 21:32).

B. A Refeição Final. 26:17-30.

Provavelmente nenhum problema de harmonia dos Evangelhos tem sido tão desconcertante quanto este. Esta refeição final foi na Páscoa dos Judeus? Os sinóticos dão a entender que foi. João, entretanto, dá a entender com muita clareza que a Páscoa ainda estava no futuro por ocasião do lava-pés (Jo. 13:1), refeição (13:29), julgamento (18:28) e crucificação (19:14, 31). Alguns mestres estão prontos a admitir um conflito irreconciliável. Outros insistem que uma das narrativas deve estar errada. Também já se argumentou que Jesus comeu uma Páscoa antecipada um dia antes do costume legal. Reforços a esta opinião recentemente vieram à luz no Qumran, onde se descobriu que a seita Qumran sempre observou a Páscoa na terça-feira. Assim, dá a impressão de que Jesus comeu a Páscoa na terça-feira (como está implícito nos sinóticos), enquanto os judeus ortodoxos observavam a Páscoa na sexta-feira. (Veja J. A. Walther, "Chronology of Passion Week", JBL, June, 1958, pág. 116 e segs.)

Contra essa opinião levanta-se a grande improbabilidade que um tão notável desvio do judaísmo ortodoxo pudesse passar despercebido nos Evangelhos, ou que a ceia da Páscoa pudesse ser devidamente observada em Jerusalém antes da ocasião tradicional (por exemplo, os cordeiros tinham de ser mortos no Templo um pouco antes da ceia da Páscoa; conf. I Co. 5:7). Uma proposição mais digna de crédito explica João e os sinóticos, um à luz do outro. As duas possibilidades foram experimentadas, embora se admita dificuldades com ambos os métodos. O autor prefere explicar os sinóticos pelo explícito testemunho de João, o qual talvez tivesse parcialmente a intenção de esclarecer pontos ambíguos na cronologia. De acordo com este ponto de vista a última ceia não foi de maneira nenhuma a refeição da Páscoa; antes, Jesus morreu exatamente na hora em que os cordeiros da Páscoa estavam sendo mortos no Templo (conf. I Co. 5:7). Não obstante, Jesus deu a seus discípulos orientação no sentido de preparar a festa, por dois motivos: 1)

os discípulos a comeriam; 2) Jesus não quis na ocasião predizer o momento exato de sua morte.

17-19. Preparativos para a Páscoa.

17. No primeiro dia dos pães asmos. Quatorze de Nisã, no qual o fermento era retirado de dentro das casas em preparação para as festas da Páscoa e dos Pães Asmos (conf. Mc. 14:12; Lc. 22:7). Esse dia começava ao pôr-do-sol do décimo terceiro dia e foi às primeiras horas desse dia que se fez referência.

18,19. Em resposta à pergunta dos discípulos, Jesus enviou-os a falar com um homem em cuja casa o grupo se reuniria. **Celebrarei a páscoa.** A esta declaração de propósito geral deve-se acrescentar as palavras de Lc. 22:16, "não a comerei", na qual ele indica posteriormente que o plano geral será interrompido. Talvez não quisesse que Judas soubesse dos seus planos tão especificamente com tanta antecedência.

20-30. A Última Ceia.

20. Chegada a tarde. Mais tarde naquela mesma tarde (primeiras horas do décimo-quarto dia), Jesus juntou-se aos discípulos na hora do jantar (Lc. 22:14).

21. Um dentre vós me trairá. Primeiro aviso de que o "entregar" do Filho do homem: (17:22; 20:18; 26:2) seria através de um dos Doze. Que choque essa declaração deve ter causado!

22. O fato de que onze discípulos tenham perguntado inocentemente, **Porventura sou eu, senhor?**, mostra que eles reconheciam sua própria fraqueza, embora sua pergunta fosse feita esperando uma resposta negativa – "*Não sou eu, ou sou?*"

23. O que mete comigo a mão. Considerando que o grupo provavelmente comia de um prato comum, esta declaração não identificou o traidor, mas apenas enfatizou a natureza vil da traição, pois ocorria entre companheiros íntimos.

24. Está escrito. A morte de Cristo estava se desenrolando conforme predito em diversas passagens do V.T. Entretanto, a soberania

de Deus sobre todos os acontecimentos não livra o homem da responsabilidade ou culpa.

25. Quando Judas viu que o seu silêncio era causa de suspeitas, também perguntou, **Acaso sou eu, Mestre?** A ele Jesus responde, **Tu o disseste.** Parece que os demais não ouviram esta resposta no meio do burburinho da conversação geral. Não se pode afirmar se a explicação de Cristo a João (e Pedro) ocorreu antes ou depois da indicação de Judas (Jo. 13:23-26). Quando Judas saiu logo depois, ninguém sabia que Satanás o capacitara a imediatamente pôr em ação a conspiração (Jo. 13:27-30).

26. A narrativa que Mateus faz da consagração do pão e do vinho é semelhante à de Marcos; à de Lucas parece com I Co. 11:23-26. **Isto é o meu corpo.** Para um comentário completo dos pontos de vista contrários do Romanismo, Lutero, Calvino e Zuínglio, consulte dicionários bíblicos. O significado óbvio da passagem não permite que entendamos que o pão fosse mais do que simbólico sob qualquer aspecto, pois seu corpo real também estava presente. (Conf. metáforas semelhantes: Jo. 10:7; 15:1). Estes símbolos deviam ser lembretes para os discípulos (Lc. 22:19) do Senhor ausente, e um memorial do custo de sua redenção.

27, 28. Bebei dele todos, isto é, todos vocês.

O Novo Testamento ou aliança foi posto em vigor com a morte de Cristo. A velha aliança dada por Deus a Israel exigia sacrifícios contínuos pelo pecado. Mas a morte de Cristo forneceu um sacrifício perfeito, e tornou possível ambas, a justificação e a regeneração (Hb. 8:6-13). **Derramado em favor de muitos.** (Conf. 20:28) A morte de Cristo, embora suficiente em si mesma para resolver a questão da **remissão dos pecados** de todos, aqui foi considerada realmente eficiente só para os crentes.

29. Desta hora em diante, não beberei. Esta declaração dirigiu o olhar dos discípulos para o futuro reino do Pai (o **reino de Deus**, messiânico, Mc. 14:25) e para o momento de alegria e comunhão na grande Ceia das Bodas.

30. Tendo cantado um hino, saíram. Antes disso deve ter sido apresentado o discurso de João 14.

C. A Predição da Negação de Pedro. 26:31-35.

Isto aconteceu antes que deixassem o cenáculo (Jo. 13:36-38; Lc. 22:31-34) ou depois (Mc. 14:27-31; Mt)? Considerando que parece impossível harmonizar estas narrativas sem violentar duas delas, é mais exequível entender duas advertências distintas feitas a Pedro.

31. Todos vos escandalizareis. Embora só Pedro tenha negado Jesus, todos os onze o abandonaram e fugiram (v. 56). Jesus encarou o fato como cumprimento de Zc. 13:7.

32. Irei adiante de vós para a Galiléia. Era a grande reunião pós-resurreição mencionada diversas vezes (28:7, 10, 16). Ela não impossibilita outras aparições, algumas delas anteriormente na Judéia.

33-35. A presunção de Pedro em colocar a sua devoção acima da dos outros (**ainda que venhas a ser tropeço para todos**) foi uma censura para eles e fê-los também dar os seus votos de lealdade. Essa experiência estava sem dúvida na mente de Jesus quando ele perguntou a Pedro mais tarde, "Amas-me mais do que estes?" (Jo. 21:15).

D. Acontecimentos no Getsêmani. 26:36-56.

36-46. A oração.

36. Getsêmani. O nome significa "prensa de azeite", e descreve aqui um jardim freqüentado por Jesus e os discípulos. Ficava do outro lado do Cedrom, no Monte das Oliveiras (Lc. 22:39; Jo. 18:1, 2), e sem dúvida continha oliveiras e uma prensa para a extração do seu azeite. O lugar que hoje em dia se mostra aos visitantes deve ficar perto daquele lugar, embora as velhas árvores não possam ser as originais (Jos. Wars, vi. 1.1).

37, 38. Deixando oito discípulos reunidos, Jesus levou Pedro, Tiago e João mais adiante e entraram no jardim. Finalmente ele se afastou até mesmo deles para ficar sozinho em oração. A agonia da alma que ele

experimentou foi descrita como **profundamente triste até a morte**. Ordenou aos três que se encontravam mais perto (como também aos demais de um modo geral) que velassem, isto é, que lhe emprestassem força através de sua presença alerta e simpática.

39. Se possível, isto é, moralmente possível, consistente com a vontade do Pai.

Passe de mim este cálice. A chave para se compreender a agonia de Cristo está em se identificar o **cálice**. Embora qualquer ser humano normal trema diante dos horrores da crucificação, os mártires muitas vezes têm enfrentado a morte cruel sem tal desespero extremo (conf. Lc. 22:44). Não podemos também aceitar a opinião de que Cristo temesse a morte prematura nas mãos de Satanás, pois o cálice vinha do Pai, não de Satanás (Jo. 18:11). Além disso, a vida de Cristo só podia ser entregue voluntariamente (Jo. 10:17,18). **Cálice** foi usado figuradamente nas Escrituras em se referindo à bênção de Deus (conf. Sl. 23:5), ou à sua ira (conf. Sl. 75:8). Portanto, a explicação mais satisfatória do cálice é que se relaciona com a ira divina em que Cristo incorreria na cruz ao tomar sobre si o pecado do homem.

Essa experiência na qual Deus ficaria por algum tempo separado do seu Filho, deu lugar ao horrível grito de Mt. 27:46. Se o pecado de um só homem pode fazê-lo sentir amarga tristeza quando experimenta a separação de Deus, quão incomparável deve ter sido a angústia de Jesus, que sabia o que significava assumir a culpa de todos os homens.

Não seja como eu quero e sim, como tu queres. Desde o começo até o fim, a oração de Cristo foi perfeitamente submissa ao Pai. E a oração foi atendida, não removendo o cálice, mas concedendo forças para bebê-lo (Lc. 22:43), e finalmente a ressurreição "da morte" (Hb. 5:7).

40, 41. Encontrando os discípulos dormindo em conseqüência do efeito extenuante da fadiga e da emoção prolongada, Jesus escolheu Pedro para uma entrevista particular (talvez à vista de sua recente jactância), insistindo com ele a continuar alerta e orando para que os

acontecimentos não viessem surpreender entregando-se a tentação. **O espírito, na verdade, está pronto.** A natureza espiritual do homem iluminada pelo Espírito Santo. **Mas a carne é fraca.** Alguns pensam que a carne aqui indica uma parte da constituição do ser humano que não é pecadora se controlada pelo espírito (e assim o provérbio poderia se aplicar também a Jesus); outros, que indica a natureza pecadora que todos os homens possuem (exceto Jesus).

42-45. Substancialmente, esta oração foi proferida três vezes; em todas elas a submissão do Filho foi completa. Mas é claro que Jesus sabia qual seria o resultado. **Ainda dormis.** Provavelmente não era ironia, mas uma simples declaração de que a sua oportunidade de serem úteis em uma crise já tinha passado.

46. Neste momento, entretanto, Jesus percebeu que o inimigo se aproximava. **Levantai-vos.** Não para fugir, mas para ir ao encontro dele (Jo. 18:4).

47-56. A prisão.

47. Grande turba. Um destacamento de soldados romanos, com suas costumeiras espadas, sob as ordens de um quiliarca (Jo. 18:12); a polícia do templo judeu sob as ordens dos **principais sacerdotes** e dos **anciãos**, armada de varapaus (Jo. 18:12); alguns dos príncipes dos sacerdotes e os anciãos (Lc. 22:52).

48. Havia dado um sinal. A maior parte dos soldados romanos não conhecia Jesus.

49. E o beijou. A forma composta aqui (*katephilêsen*) sugere um abraço forte e caloroso (em contraste com a forma simples mencionada no versículo 48).

50. Amigo. Camarada, companheiro (*hetaire*). O termo reconhece sua associação anterior, sem a conotação de afeição.

Para que vieste? Essas palavras de Jesus seriam elípticas, às quais deveríamos acrescentar algum verbo, como por exemplo, "Faça aquilo a que vieste"? Ou uma pergunta, "Por que vieste?" Ou uma triste

exclamação, "Por que motivo vieste!" Seja qual for a precisa intenção, Judas e os soldados continuaram executando o seu plano.

51. Um dos que estavam. Identificado por João como sendo Pedro. **Sacou da espada.** Os discípulos tinham duas dessas curtas espadas (Lc. 22: 38).

Golpeando o servo. João, conhecendo bem a família do sumo sacerdote, registra o nome do servo, Malco (Jo. 18:10, 15).

A orelha. Conf. Lc. 22:51. A atitude impetuosa de Pedro, ainda que bem-intencionada, comprometia seriamente a posição de nosso Senhor, e tornou necessário uma cura milagrosa para desfazer os desastrosos efeitos que provocaria no tribunal (conf. Jo. 18:36). E tão completo foi o milagre que o caso da mutilação nunca foi levantado pelos acusadores de Cristo.

52. Todos os que lançam mão da espada, à espada, perecerão. Cristo e sua mensagem não deveriam ser defendidos nem proclamados com armas carnis. Este princípio geral declarado por Jesus tem sido confirmado na experiência humana. "A espada é visitada pela espada na guerra; a espada da retribuição se opõe à espada arbitrária da sedição rebelde; e a espada levantada sem espiritualidade em uma causa espiritual, é vingada na certa pela espada da vingança histórica", embora talvez bastante atrasada (J. P. Longe, *Matthew*, pág. 486).

53, 54. Doze legiões de anjos. Cada legião romana completa era composta de 6.000 homens. Cristo absteve-se de invocar as forças incomparavelmente superiores que estavam às suas ordens, para que as Escrituras que prediziam seu sofrimento pudessem ser cumpridas.

55, 56. Como a um salteador. A presença de armas sugere que eles esperavam uma defesa violenta, como a de um valente salteador (não a fuga apressada de um "ladrão"). Mas toda a experiência passada com Jesus deveria ter desfeito essa noção. Será que (conforme Plummer e outros sugerem) essa espantosa reação de Jesus em atribuir esses acontecimentos ao cumprimento de profecias demarcou o ponto no qual

Judas afastou-se da demoníaca conspiração e acabou no remorso que o levou ao suicídio?

E. Acontecimentos nos Tribunais Judeus. 26:57 - 27:2.

Primeiro Jesus foi conduzido à presença de Anás, o ex-sumo sacerdote, que ainda tinha muito prestígio (Jo. 18:12-23). Depois do interrogatório preliminar, que deu tempo para o Sinédrio se reunir para essa sessão noturna altamente irregular, Jesus foi levado à presença do Sinédrio. De madrugada, uma segunda sessão do Sinédrio formalmente convocada condenou-o (Mt. 27:1).

57-68. Primeira sessão do Sinédrio.

57. Sumo sacerdote Caifás. Genro do deposedo Anás. Parece provável que Caifás e Anás morassem no mesmo edifício, talvez separados por um pátio. A esta altura dos acontecimentos, os escribas, os anciãos e os principais sacerdotes estavam reunidos para essa sessão extraordinária.

58. E Pedro o seguia, conseguindo entrar no pátio (não no palácio) com a ajuda de João (Jo. 18:15, 16).

59. Procuravam algum testemunho falso. Aqueles judeus sabiam que não tinham um processo legal contra Jesus; por isso tinham de usar acusações forjadas.

60, 61. As acusações, entretanto, eram tão vagas e inconsistentes que não puderam encontrar nem mesmo duas testemunhas – o mínimo especificado por lei (Dt. 17:6) – que concordassem entre si. Finalmente arranjaram **duas** que deturpam uma declaração de Jesus pronunciada três anos antes (Jo. 2:19).

Eu posso destruir este santuário de Deus. A declaração propriamente dita atribuía a destruição aos judeus; e a referência foi ao seu corpo, não ao edifício herodiano (Jo. 2:21). Talvez algumas das declarações de Jesus no discurso do Monte das Oliveiras (24:2) foram grosseiramente deturpadas por Judas e combinadas com esta declaração (Jo. 2:19).

62. Não respondes ao que estes depõem contra ti? Caifás esperava forçar o prisioneiro a fazer alguma declaração imprudente. Mas as ferozes acusações proferidas com veemência contra Jesus foram muito bem respondidas com o seu digno silêncio (conf. Is. 53:7).

63. Eu te conjuro. Uma fórmula que informava Jesus de que a sua resposta seria considerada sob juramento. **O Cristo, o Filho de Deus.** Embora alguns disputem a importância plena de **Filho de Deus**, parece claro que Caifás empregou a expressão no seu único sentido da deidade, uma vez que a confirmação provocou a acusação de blasfêmia. Essa foi a causa real da condenação de Cristo (Jo. 19:7), e fora a base de anteriores conspirações contra ele (Jo. 5:18). Notícias de outros incidentes que sustentavam essa reivindicação devem certamente ter alcançado os ouvidos do sumo sacerdote (Jo. 1:34, 49; 9:35-37; 11:27; Mt. 14:33; 8:29, e outras.)

64. Tu o disseste. Uma confissão inequívoca de que ele era o Messias divino (a declaração de Jesus sob juramento não invalida o ensinamento de 5:34, onde ele dá leis aos seus discípulos. Nessa posição única de Filho de Deus, os fatores que tornariam o juramento objetável diante dos homens não são relevantes diante dele.)

O Filho do homem assentado à direita do Todo-poderoso, e vindo sobre as nuvens do céu (conf. Dn. 7:13, 14; Sl. 110:1). Um pronunciamento sobre as posições de Jesus e seus juizes que finalmente seria invertida.

65, 66. Rasgou as suas vestes. Uma indicação de horror justificado, sem dúvida sincero (embora errado). A tradição judia especificava com alguns detalhes como esse ato tinha de ser praticado. **Blasfemou.** Acusação do mais grave ultraje religioso. Tendo Jesus abertamente confessado aquilo de que há muito o acusavam (Jo. 5:18) e tendo aplicado Dn. 7:13, 14 a si mesmo, foi declarado **réu de morte** (isto é, merecedor da morte), provavelmente por aclamação nesse julgamento noturno, e não por votação secreta formal.

67, 68. A violência física aplicada a Jesus pelos seus capturadores (provavelmente oficiais inferiores, Lc. 22:63), incluiu cuspir em sua face, esmurrá-lo, bater nele com varas ou mãos (isto é, esbofeteá-lo) e vendar-lhe os olhos (Lc. 22:64) a fim de zombar do seu ofício de profeta.

69-75. A negação de Pedro. As três negativas ocorreram através dos estágios dos julgamentos judeus e são diversamente agrupados pelos evangelistas. As diferenças entre as narrativas defendem fortemente a independência essencial, e os detalhes admitem várias maneiras de harmonizá-los (Veja quadros em Alford, *NT for English Readers*, pág. 199; S. J. Andrews, *Life of Our Lord*, pág. 518.)

69. O pátio. Aproximando-se uma criada. Identificada por João como a porteira que deixou Pedro entrar (Jo. 18:16, 17).

71, 72. Para o alpendre. Provavelmente o vestíbulo ou passagem que dava para a rua.

Outra criada. "A criada" de Marcos dá a entender que é a mesma anteriormente mencionada (embora ele talvez se refira simplesmente à criada que estava no vestíbulo); Lucas diz que o interrogante era um homem. Assim parece que a segunda negativa foi induzida pelo interrogatório de diversos indivíduos. **Com juramento.** Esquecendo-se das advertências de Jesus contra tais juramentos para se estabelecer a sinceridade de uma pessoa (5:34).

73. Logo depois. Cerca de uma hora (Lc. 22:59). **Os que ali estavam.** Particularmente, um parente de Malco (Jo. 18:26). **O teu modo de falar o denuncia.** Acento e pronúncia da Galiléia.

74. Começou ele a praguejar. Rogando pragas a si mesmo, caso estivesse mentindo. **E a jurar.** Invocando os céus como testemunha às suas palavras (conf. 5:34--37). **Cantou o galo.** A segunda vez nessa noite (Mc. 14:72).

75. Pedro se lembrou (conf. Mt. 26:34). Embora a dependência da carne causasse a lembrança das advertências de Cristo, o simples cantar de um galo despertou Pedro para a enormidade do seu pecado de zombar da graciosa tentativa de Jesus de impedi-lo.

Chorou amargamente. Contraste com Judas, cheio de remorsos mas sem arrependimento (27:5).

Mateus 27

27:1, 2. Segundo julgamento diante do Sinédrio. **Ao romper do dia.** A lei judaica proibia julgamentos noturnos e especificava que os casos capitais deviam ter pelo menos dois julgamentos, em dias diferentes. Essa sessão ao despertar do dia foi um esforço para dar uma aparência de legalidade a todo aquele procedimento sórdido.

Pilatos. O procurador romano na Judéia, que estava em Jerusalém por ocasião da festa da Páscoa. Sua residência oficial era em Cesaréia. Roma reservava-se a decisão final nos processos que envolviam a pena capital e a execução das sentenças de morte.

F. Remorso de Judas. 27:3-10.

3. Vendo que . . . fora condenado. Era evidente pelo fato de Jesus estar sendo levado a Pilatos. **Tocado de remorso** (*metamelêtheis*). Não a palavra costumeira do N.T., para indicar o arrependimento para a salvação. Indica aqui o remorso, sem qualquer aparente submissão a Deus. Sua "mudança de pensamento" era principalmente por causa do dinheiro, o qual ele passou a odiar. Encontrando-se com os **principais sacerdotes e os anciãos** (talvez ainda na casa de Caifás, ou a caminho da casa de Pilatos), tentou devolver a **prata**.

5. Sua recusa fê-lo (talvez depois de um intervalo de demorada reflexão) arremessá-lo para o santuário (*naos*) do templo. Foi enforcar-se. Este detalhe e os seguintes não contradizem Atos 1:18, 19. São possíveis diversos modos de harmonização.

6. Não é lícito. (Conf. Dt. 23:18). Esse dinheiro desonroso não podia entrar para o **cofre das ofertas** (*korbanas*), embora esses sacerdotes não sentissem a impropriedade de pagá-lo (26:15).

7,8. O campo do oleiro. Aparentemente um bem conhecido pedaço de terra. O uso desse "preço de sangue" deu-lhe o seu nome ao campo

(conf. Atos 1:19 para outro detalhe que tornou o nome apropriado). **Até ao dia de hoje.** Uma indicação de que Mateus escreveu algum tempo depois do acontecimento, embora não depois de 70 A.D., quando os romanos eliminaram a maior parte desses limites.

9, 10. O profeta Jeremias. Esta referência de Mateus a uma profecia aparentemente pronunciada por Zacarias (11:12, 13) tem provocado uma coleção de explicações. Alguns defendem que **Jeremias**, o nome do primeiro livro dos Profetas do V.T, foi usado aqui representando toda a parte que contém inclusive Zacarias (exatamente como o nome "Salmos" se aplica a toda a parte dos Escritos porque é o seu primeiro livro; Lc. 24:44). Uma passagem do Talmude (*baba Bathra 14b*) defende esta ordem, colocando Jeremias em primeiro lugar, mas deve-se reconhecer que Isaías costuma ocupar esse lugar. Outra possibilidade é que Mateus amalgamou Zc. 11:12, 13 com Jr. 18:2-12 e 19:1-15, e simplesmente citou uma das fontes.

G. Acontecimentos nos Tribunais Romanos. 27:11-31.

Mateus seleciona certos aspectos do julgamento, mas para se obter uma seqüência deve-se consultar as narrativas paralelas. Entretanto, só Mateus registra os interessantes detalhes de 27:19, 24.

11. Estava em pé ante o governador. Reatamento da narrativa interrompida em 27:2. **És tu o Rei dos judeus?** Uma pergunta provocada pelas acusações formais apresentadas a Pilatos pelos judeus (Lc. 23:2; Jo. 18:28-33). **Tu o dizes.** À resposta, que certamente indicava concordância, Jesus acrescentou uma explicação sobre a natureza do seu reino. (Jo. 18:34-38). Esta entrevista aconteceu dentro do Pretório, enquanto os judeus ficaram do lado de fora.

12-14. Aos vociferantes judeus, entretanto, que o acusavam quando reapareceu diante deles, **nada respondeu.** Mas esse silêncio não foi reconhecido por Pilatos como admissão de culpa, achando seu comportamento fora do comum e provocando o seu empenho em soltar Jesus sem antagonizar o Sinédrio.

15. Costumava o governador soltar ao povo um preso. Não se sabe a origem desse costume, se é romano ou judeu.

16. Um preso muito conhecido, chamado Barrabás. Alguém que era culpado de insurreição, assaltos e homicídio (Jo. 18:40; Mc. 15:7). Broadus sugere que, considerando que os dois crucificados com Jesus eram salteadores, podem ter sido seguidores de Barrabás, e assim Jesus tomou literalmente o lugar de Barrabás (*Comm. on Matt.* págs. 562, 563). A exegese que brinca com a etimologia do nome Barrabás ("filho de um pai"), ou que adota a tradução muitíssimo inferior de "Jesus Barrabás" para fazer alegoria, ou com propósitos homiléticos, não tem justificativa.

18. Por inveja. O caráter ridículo das acusações era evidente a Pilatos, e as atitudes apaixonadas dos acusadores indicava que ressentimentos pessoais estavam envolvidos. Era óbvio que um mestre tão espiritual (Jo. 18:36, 37) recebesse a oposição desses religionistas materialistas e inescrupulosos.

19. Estando ele no tribunal. Enquanto pilatos esperava que os judeus respondessem as perguntas referentes a Barrabás, **sua mulher** enviou-lhe uma mensagem que interrompeu o processo. O presságio do **sonho** mencionado na mensagem perturbou pilatos e fê-lo atrasar o julgamento. Não sabemos se o sonho foi enviado diretamente por Deus, ou se deve ser explicado psicologicamente como a operação de uma mente perturbada por causa da conspiração contra Jesus. (Pilatos devia conhecer a conspiração, pois ele deu permissão a um quiliarca e aos soldados romanos que participassem dela, e sua esposa deve ter sido informada por ele; Jo. 18: 12.) O apócrifo *Evangelho de Nicodemos* cita os judeus respondendo: "Não lhe dissemos que ele é um feiticeiro? Eis que fez a sua esposa sonhar" (2:3).

20, 21. Durante esse intervalo os **principais sacerdotes e os anciãos** influenciaram o povo que exigisse a soltura de Barrabás em vez de Jesus. O grau de depravação moral e espiritual evidenciado com tal escolha é quase incrível.

22, 23. Seja crucificado. Isto é, executado à moda romana, ostensivamente como resultado das acusações que foram feitas contra ele, e assim substituindo Barrabás. **24. Mandando vir água.** Um simbólico costume judeu (Dt. 21:6-9), cujo significado é natural e óbvio. Mas o uso que Pilatos fez dele não passou de simulacro, pois ele tinha de assumir a responsabilidade da ordem de execução. (O uso adequado do símbolo era para absolver inocentes de implicação em uma morte ilegal.) **Sangue deste justo.** Estaria Pilatos refletindo a influência da mensagem de sua esposa ao usar essa descrição de Jesus?

25. Caia sobre nós o seu sangue e sobre nossos filhos. A história subsequente de Israel revela as horríveis conseqüências desse grito. Essas palavras, tão impensadamente pronunciadas, pesaram muito sobre as cabeças dos líderes originais (conf. Atos 5:28), e dos seus descendentes.

26. Após haver açoitado a Jesus. Essa cruel tortura era aplicada sobre o corpo nu com um açoite de couro que tinha pedaços de osso ou metal afixado nas suas pontas. Os açoites precediam a entrega aos soldados para a crucificação. João indica que não foi realizado como o primeiro estágio da execução, mas foi outra tentativa de Pilatos de saciar a sede de sangue da multidão, a fim de levá-la a abandonar suas exigências de crucificação (Jo. 19:1-6).

Entregou-o. Ordenou oficialmente aos soldados que o executassem.

27. O Pretório. Isto parece colocar o julgamento no Castelo de Antônia, uma vez que explica melhor a presença de toda a corte (600 homens, um décimo de uma legião), que se sabia estar designados para aquele posto. Outros identificam a audiência no palácio de Herodes.

28-31. Depois de receber a ordem de preparar Jesus para a execução, os calejados soldados alegraram o seu trabalho por meio da mais grosseira zombada. Arrancando as roupas de Jesus, vestiram-no com **um manto escarlata**, talvez pertencente a um soldado, à guisa de púrpura real (Mc. 15:17). Substituindo a coroa por **espinhos**, o cetro por

uma **cana**, e cuspido em lugar do beijo de homenagem, demonstraram seu desacato pelo Filho de Deus.

H. A Crucificação. 27:32-56.

32. Simão Cireneu. Seus filhos eram conhecidos dos leitores do Evangelho de Marcos (Mc. 15:21). **A quem obrigaram.** Ordenaram que fizesse o serviço (veja comentário sobre 5:41).

33. Gólgota. Palavra aramaica que quer dizer "caveira", equivalente ao **calvaria** latino. Não se sabe se o nome deriva de um promontório com a forma de caveira, ou da sua reputação de local de execução. Do mesmo modo a localização também é incerta. A tradicional Igreja do Santo Sepulcro, ainda que dentro dos atuais muros de Jerusalém, ficava do lado de fora do velho muro setentrional do tempo de Jesus, que poderia muito bem ter sido o lugar. Outros defendem as reivindicações do Calvário de Gordon, mais ao norte.

34. Vinho com fel. (conf. Sl. 69:21). A intenção dessa poção misturada era de diminuir a dor tornando os prisioneiros mais fáceis de manejar, mas Jesus, depois de experimentar, recusou-se a bebê-la.

35. Depois de o crucificarem. Para os detalhes técnicos de crucificação, consulte dicionários bíblicos. Deve-se notar que os evangelistas esboçam a cena com simplicidade rematada, tanto mais eficiente por causa de sua reserva. **Repartiram entre si as suas vestes, tirando sorte.** João 19:23, 24 explica que os soldados dividiram os itens por quatro e jogaram dados para ver quem ficava com a túnica que não tinha costura. A cláusula final que começa com **“para que se cumprisse”**, (da ERC), é textualmente duvidosa, provavelmente uma interpolação de Jo. 19:24.

36. . . . o guardavam. Parte da obrigação dos soldados era evitar a remoção prematura.

37. Por cima da sua cabeça puseram escrita a sua acusação. Durante o desfile até o Gólgota o letreiro preparado por Pilatos (Jo. 19:19) foi provavelmente exibido à frente ou pendurado no pescoço de

Jesus, de acordo com o costume. **ESTE É JESUS, O REI DOS JUDEUS.** (Conf. Mc. 15:26; Lc. 23:38; Jo. 19:19.) As várias narrativas não são de modo algum contraditórias. O registro de João é o mais completo; os outros destacam os elementos essenciais. O fato de que o título apareceu nas três línguas pode ser a explicação das diversas variações nas narrativas (Jo. 19:20).

38. Dois ladrões. A mesma descrição foi aplicada a Barrabás (Jo. 18:40). Uma indicação de que Jesus tomou literalmente o lugar de Barrabás.

39. Meneando as cabeças (Sl. 22:17). Um gesto de desdém e zombaria.

40. A zombaria lançada sobre Jesus por ele ter declarado que poderia destruir o **santuário** e que era o **Filho de Deus** baseava-se nos acontecimentos do julgamento no Sinédrio (26:61, 63, 64).

41-43. Os principais sacerdotes, os escribas e os anciãos juntaram-se à zombaria, não se dirigindo diretamente a Jesus, mas falando derrisoriamente dele à multidão.

Salvou os outros. Uma declaração que provavelmente não tinha a intenção de reconhecer os seus milagres, mas de jogar fortes suspeitas sobre tais fatos diante da sua incapacidade de **salvar-se**. Suas palavras eram bem mais verdadeiras do que eles sabiam; pois para salvar os outros no sentido espiritual, para o que veio, ele teve de entregar voluntariamente a sua própria vida. Doídos diante do insulto de Pilatos ao seu nacionalismo, os líderes desafiavam o título de Jesus, **Rei de Israel**, exigindo um sinal e uma promessa.

Creremos nele. Embora as atitudes e reações anteriores desses homens provassem a falsidade de sua promessa (Jo. 12:9, 10).

44. Também os ladrões. Mais tarde um deles mudou de atitude em relação a Jesus (Lc. 23:39-43).

45. Jesus foi colocado sobre a cruz às 9 horas ("hora terceira", Mc. 15:25). Depois de passados três horas, **trevas** sobrenaturais envolveram **desde a hora sexta até à hora nona** (do meio-dia às 15 horas.)

Considerando que a Páscoa ocorria na lua cheia, essas trevas não poderiam ser devido a um eclipse solar. Foi claramente sobrenatural quanto ao momento preciso, embora Deus possa ter empregado um meio providencial para realizá-lo. É impossível determinar se **toda a terra** se restringe a uma área local, ou se devemos entender ao pé da letra (global).

46. Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? (Sl. 22:1)

As únicas palavras da cruz registradas por Mateus e Marcos. O significado pleno desse grito não pode ser penetrado. Mas certamente sua base não se encontra primariamente no sofrimento físico, mas no fato de que Jesus, por um momento, foi feito **pecado** por nós (II Co. 5:21); e ao pagar a penalidade como substituto do pecador, foi amaldiçoado por Deus (Gl. 3:13). Deus, na qualidade de Pai, não o abandonou (Lc. 23:46); mas, na qualidade de Juiz, tinha de separar-se dele para que experimentasse a morte espiritual no lugar do homem pecador.

47-49. Essa exclamação provocou a sugestão de que Jesus estava chamando por Elias, sem dúvida por causa de semelhança do som das palavras **Eli (meu Deus)** e **Elias**. Embora haja quem sugira que as trevas levaram os mais supersticiosos a realmente temerem que a figura do Messias profetizado tivesse vindo, as atitudes subseqüentes tornam o fato duvidoso. Antes, foi um outro modo de expressar o seu desdém às reivindicações do Messias. **Deixa.** Esse sentimento foi expresso pela multidão, que queria que o soldado desistisse de servi-lo (Mt.); e também pelo próprio soldado, depois de lhe dar de beber, dizendo à multidão que parasse de interferir nos seus atos (Mc.)

50. Jesus, tendo a sua garganta refrescada pelo vinagre (não a poção drogada de 27:34), clamou **outra vez com grande voz**. Todos os sinóticos indicam que a morte de Cristo não foi devido à exaustão pela crucificação, mas uma entrega voluntária de sua vida.

51. O véu do santuário. A cortina separando o Lugar Santo do Santo dos Santos (Êx. 26:31). Este acontecimento, símbolo da abertura permanente da presença de Deus ao homem pela morte expiatória de

Cristo (conf. Hb. 10:19-23), poderia ter sido contada pelos sacerdotes que mais tarde se converteram (Atos 6:7).

52-53. A morte de Cristo muitas sepulturas dos **santos** do V.T, **abriram-se**, e seus corpos foram ressuscitados **depois da ressurreição de Jesus** (conf. Atos 26:23; I Co. 15:20). Esta circunstância espantosa apenas mencionada por Mateus dá lugar a muitas perguntas mas não pode ser de algum modo negada. As seis ressurreições anteriores mencionadas nas Escrituras (I Reis 17; II Reis 4; 13; Mt. 9; Lc. 7; Jo. 11) foram todas restaurações à existência terrena. O que não se aplica necessariamente a Mateus 27. O fenômeno é claramente simbólico da vitória do Cristo sobre a morte no que afeta os crentes. Muitos vêm aqui uma demonstração visível de que a morte de Cristo e a sua ressurreição efetuaram a libertação dos justos mortos que se encontravam no Sheol-Hades (Ef. 4:8, 9). O que aconteceu depois a esses santos ressuscitados não foi declarado.

54. Verdaderamente este era Filho de Deus. Embora seja atualmente popular explicar a declaração do centurião em termos de conceitos pagãos, deve-se notar que o seu comentário baseava-se na observação de alguns notáveis fenômenos. E deve-se notar a possibilidade de que o homem, tendo estado no meio dos judeus durante algum tempo, poderia ter começado a crer. Afinal, os pagãos podem se tornar cristãos.

55, 56. Maria Madalena. Primeira citação em Mateus. A tradição que lhe concede um passado desonroso não tem base bíblica.

Maria, mãe de Tiago e de José. Também chamada de esposa de Cleofas (Jo. 19:25).

Mulher de Zebedeu. A mesma Salomé (Mc. 15:40) e aparentemente irmã da Virgem Maria (Jo. 19:25).

I. Sepultamento 27:57-66.

57. Caindo a tarde. Entre as 15 e 18 hs. (Êx. 12:6)

Um homem rico. Conf. Is. 53:9. **De Arimatéia, chamado José** pertencia ao Sinédrio (Lc. 23:50, 51), cuja riqueza dava-lhe o privilégio de possuir uma sepultura perto de Jerusalém, embora ele mesmo não morasse ali.

58. Lhe pediu o corpo. Uma atitude de bastante coragem, uma vez que, não sendo parente, teria de indubitavelmente que explicar seus motivos.

59, 60. Recebendo permissão, José mesmo **tomando o corpo** da cruz, envolveu-o no lençol de costume, com a ajuda de Nicodemos (Jo, 19: 39, 40).

61. Observando a cena estavam as duas Marias mencionadas em 27:56.

62. No dia seguinte, que é o dia depois da Preparação. Costuma ser explicado como sendo o sábado (conf. Mc, 15:42), considerando que Jesus ficou na sepultura da noite de sexta-feira até o domingo de manhã. Entretanto, este dia da **preparação** era o dia antes da Festa da Páscoa (Jo. 19:14, 31), a qual podia ocorrer na quarta-feira naquele ano. Talvez esse seja o motivo de Mateus não ter usado o termo "sábado" aqui, para não ser confundido com esse dia. De acordo com essa opinião, Jesus ficou na sepultura setenta e duas horas completas, desde o entardecer da quarta-feira até o entardecer do sábado. Tal ponto de vista explica melhor Mt. 12:40. Explica também "depois de três dias" e "ao terceiro dia" de maneira a não violentar nenhum dos dois.

63, 64. Como os membros do Sinédrio sabiam da profecia particular de Cristo não foi explicado (de Judas, talvez?). Os discípulos, deixando de compreender o seu significado, logo se esqueceram dela; mas esses inimigos não queriam se arriscar. Temiam que, espalhando-se a notícia de uma ressurreição (**o último embuste**) as conseqüências seriam mais desastrosas para eles do que o apoio que Jesus obtivera, durante algum tempo, como o Messias (o **primeiro** engano).

65, 66. Obtendo uma ordem de Pilatos, **Tendes aí uma escolta**, os membros do Sinédrio tomaram precauções, **selando a pedra**,

provavelmente por meio de cordas e cera ou barro, para que qualquer tentativa de forçá-la fosse percebida.

Mateus 28

V. A Ressurreição de Jesus Cristo. 28:1-20.

A narrativa que Mateus fez da Ressurreição inclui menos detalhes do que as narrativas de Lucas e João. Contudo só a ele devemos a narrativa sobre os soldados (vs. 11-15) e pela completa fórmula batismal (v. 19). A concordância substancial das quatro narrativas, emparelhadas com uma ampla variedade de detalhes e opiniões, demonstra a sua veracidade e contudo sua independência.

A. Descoberta da Sepultura Vazia. 28:1,8.

1. No findar do sábado. O uso de *opse* como preposição imprópria com o significado de "depois" já foi claramente reconhecido (Arndt, pág. 606), de modo que a tradução aqui deveria ser depois do sábado, de conformidade com Mc. 16:1, 2; Lc. 24:1; Jo. 20:1. **Maria Madalena, a outra Maria** (27:56, 61), e algumas outras mulheres foram, ao raiar do domingo, para ungir o corpo de Jesus.

2-4. Quando se aproximaram, houve, **um terremoto e um anjo** rolou a grande **pedra** na entrada. Esse não foi o momento da ressurreição, mas tinha a intenção de revelar a sepultura vazia às testemunhas. O Cristo ressurreto não se confinava às barreiras naturais (conf. Jo. 20:19, 26), e deve ter ressuscitado ao pôr-do-sol do sábado (veja 27:62).

5-8. Parece que Maria Madalena partiu imediatamente para avisar Pedro e João (Jo. 20:1, 2), e não ouviu o aviso, **Ressuscitou**, que o anjo deu às outras mulheres. **Vai adiante de vós para a Galiléia.** A orientação para o grande aparecimento público na Galiléia conforme predito (26:32) não exclui aparecimentos pessoais anteriores a indivíduos ou pequenos grupos em Jerusalém.

B. Aparecimento de Jesus. 28:9, 10.

9. Eis que Jesus veio ao encontro. A primeira cláusula do versículo 9 deve ser omitida com base no texto. Este aparecimento de Jesus foi depois que as mulheres transmitiram aos discípulos a mensagem do anjo (Lc. 24:9-11). Enquanto isso, Maria Madalena, tendo informado Pedro e João sobre a sepultura vazia, seguiu-os até o local e, ficando lá, foi a primeira a ver o Cristo ressuscitado (Mc. 16:9; Jo. 20:1-18). Agora, neste segundo aparecimento, Jesus deu às mulheres essencialmente a mesma orientação que o anjo já dera (v. 7).

C. Relatório dos Soldados. 28:11-15.

Só foi registrado aqui. Esses soldados foram mandados por Pilatos ao Sinédrio e portanto informaram seus membros (27:65, 66). Seu relatório resultou na convocação de uma sessão do Sinédrio, na qual votaram um grande suborno para garantir a cooperação dos soldados no ocultamento da verdade. A natureza auto-contraditória da narrativa que eles faziam circular (como se soldados adormecidos pudessem saber o que tinha acontecido ou que todos pudessem estar dormindo ao mesmo tempo, ou que os soldados romanos pudessem incriminar-se desse modo) torna sua aceitação muitíssimo inacreditável. Contudo a história foi largamente disseminada **entre os judeus** (sem artigo). Mateus, escrevendo particularmente sob o ponto de vista judeu, dá os sórdidos detalhes que explicam a fábula. A promessa do Sinédrio de persuadir Pilatos se ele tomasse alguma atitude significa que poderiam oferecer um suborno, ou que eles assegurariam ao governador que o Sinédrio estava satisfeito com o desempenho dos soldados.

D. A Grande Comissão. 28:16-20.

16. Este aparecimento aos **onze** na **Galiléia**, cumprindo instruções anteriores (26:32; 28:7, 10), é sem dúvida o aparecimento a "mais de quinhentos" mencionado por Paulo (I Co. 15:6). A Galiléia era o lar da

maioria dos discípulos de Cristo, e o lugar mais indicado para uma multidão como essa não ser molestada pelas autoridades.

17. ... o adoraram; mas alguns duvidaram. Reconhecimento verdadeiro de sua divindade pela maioria (conf. com o caso anterior de Tomé, Jo. 20:28); hesitação de alguns poucos. A dificuldade de compreender que esses duvidadores fossem alguns dos Onze, depois dos aparecimentos em Jerusalém, tem levado muitos a identificá-los entre os quinhentos de Paulo. Mateus, entretanto, apesar de não excluir certamente a presença dos outros, dificilmente poderia ter pensado neles. É melhor aceitá-lo como um surpreendente mas honesto comentário dos fatos, e mais ainda, como uma indicação de que os discípulos não eram um grupo crédulo, crendo apenas com base em "muitas e infalíveis provas" (Atos 1:3).

18. Toda a autoridade me foi dada. A comissão decorrente foi secundada pela autoridade daquele que é Rei mediador de Deus, com poder que se estende por todos os domínios.

Fazei discípulos de todas as nações. A tarefa de evangelizar e alistar homens sob o senhorio de Cristo. **Batizando-os.** O rito simbólico através do qual uma pessoa reconhece publicamente sua aquiescência pessoal à mensagem cristã.

Nome do Pai e do Filho, e do Espírito Santo. A fórmula completa a ser empregada, enfatizando o caráter distintamente cristão desse batismo quando comparada a tipos anteriores de abluções judias.

20. Ensinando-os. Inculcando os preceitos de Cristo como esboço da maneira própria de viver dos seus discípulos.

E eis que eu estou convosco todos os dias. Uma promessa bendita da presença de Cristo como também de que a sua autoridade concederá poder aos seus servos para a execução desta comissão.